Prisioneira do amor

Barbara Cartland

Coleção Barbara Cartland – Vol. 15

Título original: **"The Prisoner Of Love"**
Copyright: © CARTLAND PROMOTIONS 1979
Tradução: T. MOREIRA
Copyright para a língua portuguesa: 1981
EDITORA EDIBOLSO LTDA. — São Paulo
Uma empresa do GRUPO ABRIL
Composto na LINOART
e impresso nas oficinas da
ABRIL S.A. CULTURAL E INDUSTRIAL



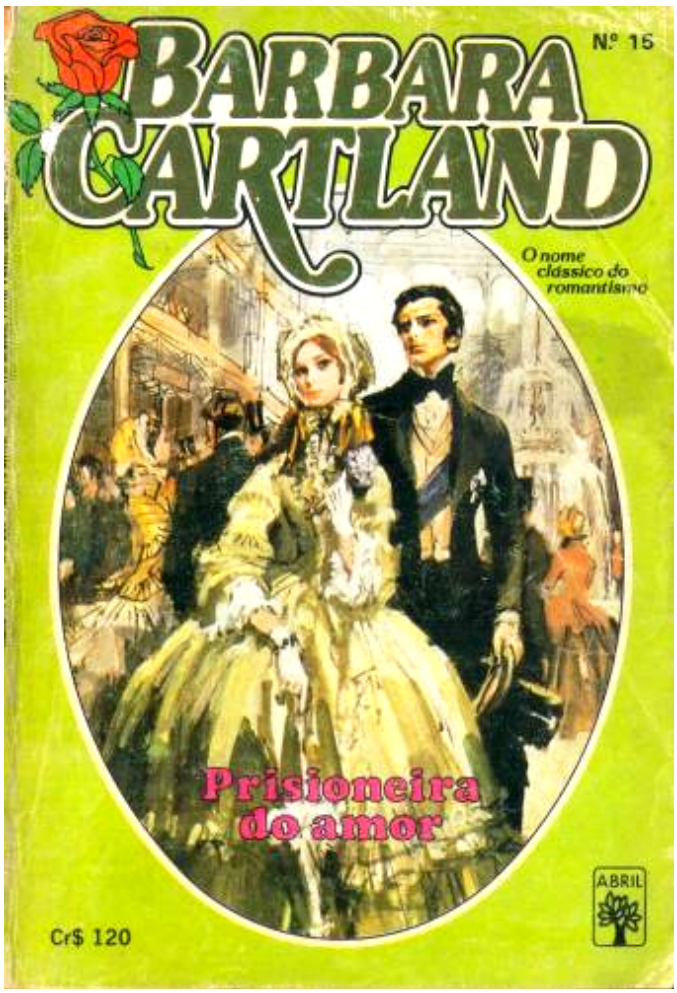


Este livro faz parte de um projeto sem fins lucrativos.
Sua distribuição é livre e sua comercialização estritamente proibida.
Cultura: um bem universal.

Disponibilização: **MANA**

Digitalização: **Palas Atenéia**

Revisão: **Cynthia**



O castelo estava em silêncio, no meio da noite, quando Sorilda escutou passos no corredor. A porta de seu quarto abriu de repente e um homem aproximou-se de Sorilda. Com os olhos arregalados de susto, ela reconheceu nele o jovem conde Silas Winsford, amante de sua tia. A partir desse momento tudo se precipitou: acusações, injúrias, falsidades forçaram Sorilda a se casar com o conde para reparar seu erro. Mas, no dia do casamento, na igreja do castelo, Sorilda fez seu noivo estremecer… Caminhando para o altar, pálida e linda, vinha Sorilda todinha vestida de negro!

Barbara Cartland é a autora romântica mais conhecida e lida em todo o mundo. Seu jeito insuperável de juntar amor, colorido e suspense conquistou o entusiasmo de milhões de leitores. “Eu dou ao público romance, evasão, beleza, tudo o que ele secretamente procura”.

NOTA DA AUTORA

Estamos na Inglaterra da rainha Vitória, em 1851. Neste ano se inaugura a Grande Exposição Internacional no Palácio de Cristal.

Este palácio tinha sido muito criticado pelos nobres e outros arquitetos da Europa, mas o príncipe Albert, marido da rainha, acreditou no projeto de Joseph Paxton, filho de um humilde jardineiro. A vingança do príncipe Albert foi ver seus inimigos loucos de raiva com o sucesso espetacular da Grande Exposição e a admiração de todos diante da grandiosa construção de cristal.

A rainha Vitória, orgulhosa de seu país e do marido, disse estas palavras: "Foi o dia mais feliz e maravilhoso da minha vida! O nome do meu querido Albert passou a ser imortal em razão desse grande projeto e meu adorado país mostrou ao mundo que é digno de tal grandioso empreendimento!"

Todos os dados contidos neste romance a respeito da Grande Exposição e do Palácio de Cristal são verídicos.

CAPÍTULO I

1851

O duque de Nuneaton brandiu um exemplar do *Morning Post,* antes de dizer em tom irritado:

— Vejo que Winsford foi condecorado com a Ordem da Jarreteira. Só Deus sabe o que ele fez para merecê-la!

Ao falar, depositou o jornal em um porta-jornais de prata que fora colocado à sua frente, sobre a mesa. Pôs-se, então, a comer um prato cheio de miúdos de vitela, de uma maneira que as duas mulheres sentadas ao seu lado acharam muito desagradável.

— Certamente, o conde tem condições para receber essa comenda! — disse a duquesa.

Falou, deliberadamente, em um tom confortador, mas seu marido levantou os olhos do prato e disse-lhe rudemente:

— Você está tomando o partido dele! Já no baile oficial da semana passada, era óbvio o que pensava a esse respeito!

A duquesa levantou suas sobrancelhas e respondeu naquela voz que sua sobrinha por afinidade considerava sua "voz de garotinha":

— O que quer dizer, Edmund, querido? Tinha a certeza de que gostaria que eu fosse educada com um dos nossos vizinhos!

O duque rosnou qualquer coisa e continuou o seu desjejum.

Sorilda, ouvindo, percebeu que seu tio estava com ciúme e que isso, na verdade, não era uma surpresa.

Tinha sido um grande choque não só para ela, mas para todos no castelo, quando o duque, três meses atrás, e uma semana após ter completado sessenta anos, anunciava seu casamento com uma viúva trinta e cinco anos mais nova que ele.

A princípio, Sorilda achara que poderia ser divertido contar com alguém mais jovem em casa, e que ela e sua tia por afinidade pudessem ser amigas.

Rapidamente, decepcionou-se.

Íris não costumava ser gentil com mulheres e, principalmente, com aquelas que poderiam vir a ser suas rivais.

Nunca ocorrera a Sorilda que, para sua tia, era isso que ela poderia se tornar, e admirara realmente a beleza da nova duquesa, até que se dera conta, rapidamente, que essa beleza era o que sua babá sempre chamara de "verniz".

Seis meses após o casamento de seu tio, Sorilda já notara que aquele lar, que passara a ser o seu após a morte de seus pais, havia-se transformado num lugar mesquinho e infeliz, onde, a cada dia, se sentia pior.

O duque, entorpecido, como somente um homem velho consegue ficar com sua esposa jovem, nada notava, a não ser os sedutores encantos da mulher com quem se casara. Ele não tinha idéia de que, para as outras pessoas no castelo, ela parecia um dragão que soltava fogo e deixava um rastro de lágrimas e infelicidade onde quer que passasse.

Parecia extraordinário, pensava freqüentemente Sorilda, que enquanto externamente Íris se mostrasse um anjo, por dentro fosse um verdadeiro demônio.

Sorilda era extraordinariamente inteligente para uma jovem, pois passara muito de seu tempo com seu pai, que fora um homem verdadeiramente brilhante.

Ele fora capitão dos Oppodams, em Eaton, estudara em Oxford, e, após ter entrado para o Parlamento, sempre fora citado como um dos jovens políticos mais inteligentes de sua geração.

Toda a nação sentira a tragédia, quando lorde Lionel Eaton e sua esposa morreram em um acidente ferroviário na França, quando se dirigiam para uma conferência política.

Para Sorilda, a vida, naquele momento, desmoronara-se.

Embora seu tio tivesse sido bondoso levando-a para viver em seu Castelo de Northamptonshire, por muito tempo ela não conseguira fazer outra coisa a não ser lamentar a morte de seus pais, a quem tanto amava.

Seu lar fora sempre, lembrava-se ela, um lugar de alegria e felicidade, e Sorilda sabia que isso se devia, acima de qualquer coisa, à atmosfera de amor que existia lá, bem diferente da deste castelo.

Seu tio ficara viúvo por dez anos. Seus filhos tinham crescido e se casado, sendo que o mais velho deles, o marquês, tinha-se tornado um diplomata e vice-rei da índia.

O duque levava uma vida muito ocupada. Constantemente, freqüentava não só o Palácio de Buckingham, para se avistar com a rainha, como também era o lorde-tenente de Northamptonshire, além de ocupar vários outros postos oficiais em todo o país.

Nunca ocorrera a Sorilda, deixada às sós com outras pessoas, que ele, na verdade, era um homem solitário, e, como muitos outros, ansiava por desfrutar os prazeres da juventude, antes que se tornasse velho demais.

Assim, encontrava-se na mesma disposição de espírito que a Sra. Íris Handley, que procurava uma posição digna que fizesse justiça à sua beleza.

Naturalmente, ela possuía muitos admiradores, mas a maioria era de homens casados, incapazes de lhe oferecer o que ela necessitava: uma outra aliança em seu dedo!

Encontrara o duque num grande jantar festivo, quando, por uma dessas inexplicáveis razões do destino, sentara-se junto a ele.

A acompanhante do duque, uma mulher mais idosa, de grande distinção, adoecera a última hora e, para não rearranjar toda a mesa, a anfitriã colocara Íris Handley em seu lugar.

Não fora surpresa que o duque, a quem cabia, invariavelmente, fazer companhia à esposa do prefeito nos jantares, se sentisse gratificado em se sentar ao lado de uma das mulheres mais bonitas que já vira.

Normalmente, os homens sucumbiam à primeira visão de Íris.

Seus olhos azul-claros, seus cabelos loiros, sua tez rosada, formavam um conjunto ideal daquilo que os homens consideravam beleza, principalmente depois que a rainha colocara em moda tudo o que fosse pequeno, doce e feminino.

O duque não tinha consciência disso naquela noite, mas quando os olhos azuis de Íris pousaram sobre ele, era um homem perdido.

Fora Sorilda quem primeiro percebera que a beleza de sua nova tia escondia sua verdadeira natureza.

Íris e o duque casaram-se tão rapidamente que não houvera tempo para que aquela visitasse o Castelo de Nuneaton antes de se tornar duquesa.

O duque, assim, voltara as costas às comemorações tradicionais desse evento: um banquete para os moradores da localidade, a se realizar nos celeiros, os arcos de boas-vindas erigidos nas ruas da cidade e na estrada, e uma exibição de fogos de artifício, tão logo anoitecesse.

Naquele dia, quando Íris descera da carruagem, vestindo a crinolina mais larga que Sorilda já vira, uma peliça de tafetá que combinava com seus olhos e um chapéu enfeitado com plumas de avestruz da mesma cor, ela ficara espantada com sua beleza!

Então, espontaneamente, correra a cumprimentar seu tio, colocando seus braços à volta do pescoço dele, enquanto dizia:

— Parabéns, tio Edmund! Espero que seja feliz, muito feliz! Todos nós

estávamos muito ansiosos por conhecer sua esposa!

— Então, deve ser lhe apresentada! — replicou o duque, com bom humor.

Virara-se para sua esposa, dizendo:

— Esta é minha sobrinha Sorilda, que vive comigo. Tenho certeza de que serão boas amigas!

— *Vive* com você?

Havia algo em sua pergunta que fizera com que Sorilda se enrijecesse. Certamente, havia pensado Sorilda, o duque já contara à sua esposa que ela também morava no castelo.

— Sim, sim — respondeu o duque. — Os pais de Sorilda morreram nas mais trágicas circunstâncias. Ainda não tive tempo de lhe contar isso, minha querida!

Sorilda, após tê-la cumprimentado, esperava, e vira a expressão nos olhos da duquesa, sentindo como que um súbito vento frio percorrendo-lhe os ombros.

Alegre em poder mostrar à sua nova esposa a sua futura casa, o duque não notara nada.

Tomando sua mão, guiara-a através do vestíbulo, onde se postara uma longa fila de criados para recebê-la.

Ela mostrava-se muito simpática, recebendo os cumprimentos e votos de felicidades, com um sorriso em seu rosto adorável, o que fizera com que Sorilda, mais tarde, achasse que ela conseguira enganar a todos, excetuando-se os que a conheciam muito bem.

Era extraordinário como uma mulher conseguira alterar completamente a atmosfera de um castelo tão imponente, poucas semanas após a sua chegada.

E Íris já trazia tudo planejado.

Não era apenas o que ela dizia. Mas a maneira como exercia o seu poder, com a ávida cobiça de uma mulher ambiciosa.

Nada e ninguém podia detê-la: tudo tinha que ser exatamente como desejava.

O castelo sempre fora sombrio e tudo nele acontecia lentamente, como se o tempo não tivesse muita importância.

Subitamente, ele foi galvanizado em uma vida diferente e, embora algumas das inovações fossem muito boas, a maneira como foram introduzidas e o modo como a nova patroa exigia obediência eram revolucionários.

Muitos dos velhos criados foram aposentados, sem que tivessem tido tempo de entender o que acontecia, e isso bastou para criar um sentimento de agitação entre os outros.

Sorilda podia perceber isso pela maneira como se locomoviam pela casa, rápida mas nervosamente, e achava que a sua segurança lhes fora roubada, sem que, ao menos, esperassem por isso.

Logo Sorilda percebeu que Íris claramente lhe mostrava que não desejava ter que tomar conta da sobrinha de seu marido.

E Sorilda seria uma estúpida se não percebesse que essa aversão instantânea da nova duquesa por ela tinha como causa a sua bela aparência.

Sua mãe tinha sangue austríaco, e ela herdara os cabelos vermelho-escuros, característicos das grandes belezas vienenses. Seus olhos eram diferentemente verdes e sua pele tinha a suavidade de uma pétala de magnólia.

Nesses três anos em que morava no castelo, após a morte de seus pais, Sorilda crescera e se transformara de uma graciosa criança de quinze anos em uma beleza de mulher. Ela seria, indubitavelmente, aclamada e admirada em Londres.

Mas o duque não acreditava ainda que houvesse necessidade dela vir a participar de uma vida social, já que vivia contente no castelo.

Vagamente, às vezes, dizia a si mesmo que, mais cedo ou mais tarde, ela deveria ser apresentada à rainha, no Palácio de Buckingham, e, para isso, deveria pedir a um de seus parentes menos irritantes que a acompanhasse.

O duque sempre se aborrecera com os inumeráveis Eaton, que o bajulavam sempre que o encontravam, e que constantemente o bombardeavam com cartas que ele raramente lia.

Diferentemente de seu pai, não se via como chefe de família, um protetor para todos aqueles que necessitassem de sua assistência. Ao contrário, preferia escolher poucos amigos.

Assim, os visitantes recebidos no castelo eram sempre da sua idade e, como não se esforçasse em apresentar Sorilda a ninguém mais, esta raramente era convidada às festas.

E, também, porque muitas pessoas tinham medo de seu tio.

Ele era, na verdade, um homem que infundia muito respeito. Tinha sido bastante imponente quando moço e os anos não lhe haviam diminuído o apreço por sua própria figura.

Certamente, considerava-se como que situado acima das outras pessoas que conhecia e não via razão para recepcionar quem quer que fosse que não o

interessasse ou agradasse.

Isso, obviamente, limitava as visitas ao castelo, e Sorilda teria tido uma existência muito melancólica e solitária se não estivesse tão preocupada com sua própria educação. .

Em conluio com o contador do duque, que tinha sido um camarada de seu pai, conseguira não só uma governanta que a instruía, mas também preceptores, provindos de diferentes partes do município, que lecionavam para ela.

Mesmo que não concordasse com o alto custo dessa educação, o duque não dizia nada, e, como escolhesse as matérias que mais lhe agradavam, sua educação, na verdade, acabou sendo mais própria para um homem que para uma mulher.

Um ano atrás, ao completar dezessete anos, sua governanta lhe dissera que achava que era tempo de deixá-la, embora considerasse difícil conseguir outro emprego. Conseqüentemente, Sorilda achara-se, então, em dificuldades, mas continuara com suas aulas de música, com um preceptor que lhe ensinava línguas modernas, e com outro para as clássicas.

Achava, no entanto, que deveria fazer seu tio compreender que já crescera e não deveria mais continuar com as aulas.

Então, Íris chegara e não demorou muito para que Sorilda entendesse que, na verdade, não só não deveria continuar com as aulas, mas também que não podia permanecer ali.

Como muitas mulheres bonitas, Íris era quase que desnecessariamente ciumenta de qualquer outra.

Tinha que ser, sempre, o centro das atenções a qualquer momento do dia ou da noite.

Qualquer mulher que não fosse positivamente velha e horrível, ela encarava como possível rival, e ficara desagradavelmente chocada com a aparência de Sorilda, tão logo havia chegado ao castelo.

Agora, quando o duque respondia à observação de numa tentativa de melhorar o ambiente disse:

— Acho que a razão pela qual o conde de Winsford recebeu a Jarreteira foi ter apoiado, desde o início, os planos do príncipe Albert em relação ao Palácio de Cristal.

— Como pode achar isso? — perguntou a duquesa Antes que Sorilda pudesse responder, o duque interpôs-se — Ela esta certa, e essa idéia é uma loucura do começo ao fim. Somente um lunático poderia imaginar um palácio feito em vidro, e profanar o Hyde Park e a maior fraude e a mais grave

imposição já impingida ao povo deste pais!

O duque falava raivosamente, e Sorilda lembrou-se de que essas mesmas expressões já tinham sido usadas na Câmara dos Comuns por um dos membros do Parlamento.

A despeito da oposição não só de pessoas proeminentes, como o duque, mas também dos jornais, a construção do Palácio de Cristal, continuara.

— Tome nota das minhas palavras — dizia o duque —, tudo isso é um grande erro, e não ficarei surpreendido se a construção ruir no exato momento em que Sua Majestade o estiver inaugurando.

Bufava, ao completar:

— O que se pode esperar de um filho de jardineiro a quem chamam de arquiteto?

Sorilda sabia que estava se referindo a Joseph Paxton, um dos homens mais celebres do século.

Ele também começara sua vida como jardineiro, mas tornara-se protegido do duque de Devonshire, e sem ter as qualificações de arquiteto, acabara sendo o responsável pel0 projeto do grande Conservatório de Chatsworth, a herdade do duque em Derbyshire

Os jornais relataram desdenhosamente que Paxton fizera para o príncipe Albert apenas um grosseiro esboço do que seria o Palácio de Cristal, basicamente uma estufa em grande escala

Não era somente o duque que fazia profecias de desastre.

Sorilda lia metodicamente os jornais e encontrava inumeráveis artigos, cartas e reportagens declarando que a construção poderia ruir e que as passadas das multidões poderiam produzir vibrações ameaçadoras.

Um membro do Parlamento, coronel Charles Sibthorp, um astuto conservador, declarara que o seu maior desejo era que "a caótica construção chamada Palácio de Cristal fosse reduzida a pedaços".

Outras pessoas tinham a certeza de que uma chuva de granizo poderia quebrá-la, um trovão espatifá-la e uma tempestade inundá-la. Mas a construção do Palácio de Cristal continuava e Sorilda lera que, agora, ao se aproximar seu término, mesmo os maiores críticos se apercebiam de que algo extraordinário estava começando a acontecer.

A rainha iria inaugurá-lo em maio, ou melhor, dali a duas semanas.

Desde o início, o duque fora um dos que mais violentamente se posicionaram contra aquele "sonho infantil" do príncipe Albert, embora Sorilda tivesse a certeza de que ele não dizia isso no Palácio de Buckingham.

Nesse momento, ela sabia que não era o Palácio de Cristal que o estava

aborrecendo, mas o fato de estar com ciúme do conde de Winsford.

Como era sensível ao sentimento das outras pessoas, e tinha certeza de que sua nova tia não disfarçava as emoções, sabia que o conde significava mais para Íris do que o simples fato de serem vizinhos.

Quando o nome do conde era mencionado, o que era freqüente, havia um brilho em seus olhos azul-claros, que Sorilda percebia ser diferente daquele olhar normalmente calculado com que inspecionava o mundo.

Não seria, pois, surpresa se a jovem duquesa estivesse enamorada do conde de Winsford.

Desde que viera morar no castelo, Sorilda ouvia falar dele, não só pelo duque e seus convidados, mas também pelos criados, pelos lavradores da propriedade, pelos lenhadores, pelos caçadores e por todo mundo da vizinhança.

Ao vê-lo pela primeira vez, numa mostra anual de cães de caça, tradicionalmente realizada no castelo, Sorilda entendeu o porquê de tantos comentários a seu respeito.

Não apenas era extremamente atraente, o que fazia com que as mulheres se interessassem por ele, como cavalgava melhor do que ela já vira qualquer outro homem fazer.

Vivendo no castelo, Sorilda percebera que seus cavalos eram tão imponentes quanto o seu dono. No ano anterior, ele conquistara a taça de ouro de Ascot, e, esperava-se, ganharia novamente agora.

Antes de se casar, o duque era, senão efusivo, ao menos tolerante com o conde. Mas agora parecia-lhe que seu vizinho estava se convertendo em inimigo.

— Vou lhe dizer uma coisa — dizia, agora, o duque, ainda com aquele tom fanfarrão que usava quando estava contrariado —, se conseguirmos suportar a inauguração desse palácio ridículo sem termos perdido nossas vidas, ou termos sido reduzidos a pedaços, ficarei realmente surpreso!

A duquesa riu.

— Eu não tenho medo, Edmund, e não há razão para você ficar se preocupando se é ou não perigoso!

— Não é apenas perigoso, é algo totalmente insensato! — replicou o duque. — Quando estive em Londres, dois dias atrás, contaram-me a última idiotice que está acontecendo naquela monstruosidade!

— O que é? — perguntou ansiosamente Sorilda.

Ela desejava muito ir ver o Palácio de Cristal, mas quando sugerira isso, sua tia deixara muito claro que deveria permanecer no campo e se esquecer,

categoricamente, da Nuneaton House, em Park Lane.

E o pior, pensava Sorilda, é que parecia que todo mundo de Nortinhampton iria para Londres, para a Exposição.

Mas não se surpreendia ao constatar que os sentimentos de sua tia para com ela iam se tornando cada vez mais virulentos.

— Conte-me o que está acontecendo, tio Edmund! — pediu ela. Estava tão curiosa que ignorou a ruga que se formou naquela testa branca, entre dois olhos estranhamente azuis, pois a duquesa sentiu que estava sendo passada para trás.

Como se estivesse feliz em poder criticar a Exposição, o duque disse:

— Constatou-se que aqueles três grandes olmos abrigam tantos pardais que as mercadorias expostas podem ser estragadas por eles!

— Mas porque não pensaram nisso, antes de deixarem as árvores no palácio? — perguntou Sorilda.

— É uma pergunta a ser feita — replicou o duque. — Toda a concepção é uma desgraça do começo ao fim; e pensar que dois mil trabalhadores foram empregados nesse projeto faz-me duvidar da sanidade de nosso país!

— O que fizeram com os pardais, tio Edmund? — perguntou Sorilda, pretendendo manter o duque preso ao assunto.

— A rainha sugeriu que lorde John Russell fosse ouvido — respondeu o duque —, e lorde John opinou que soldados do Regimento da Infantaria poderiam ser enviados à construção para matar os pardais.

— Mas isso não quebraria os vidros?

— Foi o que disse o príncipe — replicou o duque, aborrecido por ela ter adivinhado o que ele iria dizer.

— Então, o que fizeram?

— Alguém, não sei quem, sugeriu que se procurasse o duque de Wellington.

— E qual foi a opinião dele?

— Acredito que tenha afirmado não ser um matador de passarinhos, mas, em respeito à ordem da rainha, apresentou-se em Buckingham.

Era difícil para Sorilda evitar de fazer outra interrupção, pois, pelo tom da voz de seu tio, sabia que ele chegaria ao clímax da história.

O duque fez uma pausa; então, após uma olhada para sua esposa, para verificar se ela estava ouvindo, disse:

— Wellington, creio, pronunciou quatro palavras: “Tente soltar gaviões, majestade!”.

Sorilda bateu palmas.

— Oh, foi muito, muito inteligente de sua parte!

— E o que aconteceu? — perguntou a duquesa, sabendo que esperavam que fizesse a pergunta.

Obviamente, não estava particularmente interessada, pois a conversa não a envolvia.

O duque soltou uma pequena risada.

— Dizem que os pardais saíram correndo do Palácio de Cristal, numa revoada, e nunca mais voltaram!

Sorilda riu e, ao ver que seu tio também o fazia, percebeu que ele estava de ótimo humor, agora que conseguira lhe contar a história, o que era algo que muito o divertia.

Por um momento esquecera-se do conde de Winsford.

A duquesa levantou-se.

— Estou certa de que tem algo melhor a fazer, Sorilda, do que ficar sentada a esta mesa — disse ela desagradavelmente. — Tenho várias tarefas esperando por você, em meu *boudoir.* Venha, para que eu possa passá-las a você!

Sorilda ainda não terminara seu café, mas sabia que era melhor não se atrasar e, obedientemente, seguiu a duquesa; percebendo, ao fazê-lo, o quão bem lhe assentava sua crinolina.

Estava profundamente ressentida com o fato de a duquesa não ter permitido que a armação de seu vestido não fosse mais larga do que dois pés, de lado a lado.

Era uma infelicidade Íris ter aparecido na vida da jovem naquele momento, quando Sorilda necessitava de muitas roupas novas, por ter crescido e perdido as suas velhas

Na verdade, ela estivera planejando uma viagem a Londres, para comprar o que fosse necessário em matéria de vestidos e capas, é com eles, os novos chapéus, colocados na moda pela rainha.

Então aconteceu o casamento inesperado do duque, e as roupas foram deixadas de lado.

Depois de ter-se iniciado o reinado da nova duquesa, era impossível para Sorilda comprar qualquer coisa, sem antes ter a aprovação de sua tia.

— Eu sempre escolhi minhas próprias roupas — protestara ela.

— Deve deixar-me escolher o que é melhor para você — replicara Íris firmemente.

Sorilda logo percebera que o que Íris considerava “melhor” para ela era tudo o que a deixasse em desvantagem.

Percebeu que a duquesa faria tudo o que fosse possível para piorar a sua aparência.

Íris, terminantemente, recusou-se a permitir que os vestidos de Sorilda fossem confeccionados com outro tecido que não fosse de um desagradável tom castanho, que fazia com que sua pele parecesse amarelada, ou em cinza, que a deixava com uma aparência de fantasma.

Sorilda não costumava apelar para seu tio, pois sabia que este concordaria com tudo o que a esposa sugerisse, bastando para isso que ela sorrisse para ele e o lisonjeasse de uma maneira irresistível.

Não era apenas escolhendo as suas roupas que a duquesa tentava piorar a aparência de Sorilda.

Esta ficara atônita quando, uma tarde, antes de descer para o jantar, uma das criadas de sua tia, que sabia que contava para a duquesa tudo o que acontecia, entrara em seu quarto.

— Boa tarde, Harriet! — exclamara Sorilda, esperando ouvir a razão de sua aparição.

— Sua Graça pediu-me que penteasse seus cabelos de um jeito novo, senhorita!

— Estou muito contente com o modo como eles estão — replicara Sorilda.

Harriet nem se dera ao trabalho de responder a Sorilda, sabendo que aquilo era muito mais uma ordem que uma sugestão, sentara-se à penteadeira.

Harriet fizera um coque, para o qual Sorilda olhara interrogativamente.

— Sua Graça acha que seus cabelos estão secos — explicara Harriet.

Abrindo um pote, começara a besuntar os cabelos de Sorilda com o que parecia ser uma pomada escura.

Obviamente, aquilo acabara com a cor deles, deixando-os molhados e flácidos.

Então, Harriet os arranjara em um birote, com pequenas trancas caindo dos lados, que absolutamente não combinavam, e que acabavam enroladas ao lado das orelhas.

Sorilda não dissera nada, mas percebera exatamente o que queria sua tia, e não conseguia imaginar o que fazer.

Somente ao considerar toda a situação, é que começara a compreender que estava lhe sendo tirada qualquer oportunidade de conhecer alguém ou ir a algum lugar, sendo que passaria toda a sua vida no castelo, sem possibilidade de escapatória.

Quando recebiam, Íris arranjava desculpas para que Sorilda não descesse para o jantar.

— Temos um homem a menos e não consigo descobrir ninguém para completar o número correto — dizia ela, na presença do duque. — Assim, criança querida, tenho a certeza de que compreenderá e jantará sozinha, desta vez!

A mesma coisa acontecia nos almoços festivos e, embora Sorilda quisesse protestar e dizer que não era a primeira vez, sabia que, por mais que argumentasse, sua tia encontraria uma resposta e o duque a apoiaria.

Começou a sentir-se como em uma arapuca, ou encarcerada numa prisão para toda a vida.

Algumas vezes, quando a duquesa estava particularmente desagradável, ela se dirigia para as janelas do seu quarto e ficava olhando para o parque verde, com seus imensos e centenários carvalhos, que se estendiam até a linha do horizonte, e sentia-se como em uma cela.

Sabia que era assim que se sentiam aqueles prisioneiros reais deportados para algum castelo longínquo, de onde não sairiam a não ser pela morte.

— Como posso suportar isso? Como poderei ficar aqui para sempre, tratada dessa maneira? — perguntava-se.

Mas, por mais que tentasse, não conseguia achar uma brecha, uma senha que a retirasse dessas barreiras invisíveis que existiam entre ela e a liberdade.

Era isso o que a duquesa fazia, e Sorilda culpava-se por não ter conversado com seu tio a respeito de seu futuro, antes que este tivesse se casado.

Nunca havia imaginado, parecendo tão velho, que ele fosse embarcar numa nova vida, casando-se com uma mulher jovem.

Era óbvio para Sorilda o porquê do casamento de Íris com ele talvez por ser sensível ou por ser mulher, conseguia perceber os esforços que Íris fazia para manter a sua atenção sobre ela, transformando-o num escravo de sua beleza.

Algumas vezes, a máscara que Íris usava caía e Sorilda percebia então que ela se impacientava e se aborrecia com seu marido idoso, achando que nem a posição de duquesa a recompensava pela perda daqueles admiradores que a tinham rodeado no passado.

Sorilda não tinha a certeza de quando começara a suspeitar que sua nova tia estava particularmente interessada no conde de Winsford.

Talvez isso tivesse acontecido ao notar um brilho diferente em seus olhos azuis quando as pessoas se referiam a ele, e um súbito calor na voz que,

sempre que falava com mulheres, era friamente indiferente, quando não acidamente desagradável.

O que quer que fosse, Sorilda surpreendeu-se procurando por sinais de maior humanidade em Íris, sempre que o nome do conde era mencionado.

Agora, enquanto seguia a duquesa através do corredor, Sorilda disse:

— A senhora irá escrever ao conde e congratulá-lo por ter recebido a comenda da Ordem da Jarreteira?

Estava atrás de sua tia e, mesmo não vendo suas faces, sentiu que ela havia sido receptiva à sua idéia.

Houve uma pequena pausa, antes que a duquesa respondesse:

— Tenho a certeza de que seria uma coisa correta. Gostaria de saber se ele está aqui ou em Londres!

— Ele encontra-se na Winsford House.

— Como sabe?

A pergunta foi rude.

— Os cavalariços estavam conversando sobre ele, ontem, dizendo que comprara uma nova equipe de cavalos, em Tattersalle.

Ao falar, Sorilda percebeu que a duquesa estava, na verdade, a par do paradeiro do conde.

— Então devemos convidá-lo para jantar! — exclamou a duquesa. —

Uma pequena festa seria deliciosa! Apenas espero que seu tio não fique discursando a respeito do Palácio de Cristal.

Subiram as escadas e a duquesa dirigiu-se para seu *boudoir*, que ficava junto ao seu dormitório.

O *boudoir* estava inundado pelo perfume das flores existentes nas estufas do jardim de inverno, somado a uma exótica essência francesa que Íris espalhava pelo ar por onde passasse.

— Agora… deixe-me ver… — disse a duquesa, ao se encaminhar para a sua *secretaire*, junto a uma das janelas — …como não sei se Sua Excelência ficará por muito tempo no campo, o melhor será enviar meu convite por um cavalariço. Eu o redigirei agora, e você o levará aos estábulos, dizendo a Huxley que o entregue imediatamente na Winsford House.

Sorilda esperou, sabendo que tudo isso era para que seu tio só ficasse sabendo do jantar festivo quando não houvesse mais tempo para impedi-lo.

Enquanto a duquesa escrevia, Sorilda olhava à sua volta, vendo que Íris havia trazido para seu quarto as peças melhores e mais valiosas do castelo.

Havia miniaturas da família Nuneaton, que remontavam à época dos Tudor, uma caixa de rape cravada de diamantes que fora presente do

príncipe regente ao duque antecessor, um relógio de ônix adornado com jóias e candelabros iguais.

Inumeráveis outros *objets d'art* antigamente enfeitavam as salas e outras partes do castelo, antes de serem trazidos para cá.

Honestamente, Sorilda pensou que tudo isso formava um cenário ideal para a beleza de Íris, embora não conseguisse imaginar por que uma pessoa que fora agraciada com um rosto tão bonito e um corpo tão proporcional não tivesse um coração e uma alma que combinasse com eles.

Ela não era a única pessoa do castelo que sofria nas mãos de Íris ou era punida por ser atraente.

Criadas que não tinham cometido qualquer outro erro, a não ser o fato de serem graciosas, haviam sido despedidas, e Sorilda sabia que o mesmo aconteceria com ela, se isso fosse possível.

A duquesa acabou a carta, colocou-a em um envelope e o lacrou.

— Agora, rápido para os estábulos, Sorilda! -— disse asperamente.

— E após entregar esta carta a Huxley, não fique perdendo tempo com os cavalos, volte para cá imediatamente!

Sorilda não respondeu. Apanhou o convite e atravessou o quarto.

Ao alcançar a porta, olhou para trás e viu uma expressão nos olhos da duquesa que a fez estremecer.

— Por que me odeia tanto? — perguntou-se, ao descer as escadas.

Podia ver sua imagem reproduzida em um dos grandes espelhos emoldurados em dourado, e achou-se uma coitada em comparação à bela e elegante duquesa.

Seus cabelos gomalinados, o vestido pardacento, que imitava pobremente a crinolina, faziam-na parecer uma criança de orfanato ou uma pobre balconista.

A única coisa que Íris não conseguia alterar eram os olhos de Sorilda. Muito grandes, parecendo dominar suas faces graciosas, cintilavam, verdes, ao pálido sol de primavera que entrava através das grandes janelas do vestíbulo.

Mas, no fundo deles, Sorilda sabia, havia escuridão e desespero, pois estava temerosa.

— Um dia — disse ela à sua imagem, ao passar por um espelho — serei transformada em tal insignificância que praticamente deixarei de existir.

Esse pensamento era como uma dor dentro de si que, por mais que tentasse, não conseguia expulsar.

Quando chegou aos estábulos, entregou a carta a Huxley, o chefe dos

cavalariços.

— Sua Graça pede que leve isto imediatamente à Winsford House — disse Sorilda.

— Os cavalos não estão muito interessados, senhorita Sorilda; não gostam de competição — brincou o cavalariço.

Isso, sabia Sorilda, era uma maneira familiar de conversar. Os criados do castelo ainda a tratavam como se fosse aquela criança que viera para cá, quando tentavam confortá-la por sua triste perda.

— Gostaria de ver os novos cavalos do conde — disse ela.

— Na próxima vez que for cavalgar, senhorita — respondeu Huxley — dê uma olhada na divisa, perto do Carvalho Queimado.

— Quer dizer que ele cavalga no Long Gallop?

— Na maioria das vezes que Sua Excelência está no campo.

— Então, se tiver uma chance, o verei. Ele é um excelente cavaleiro!

— O melhor que já vi! — concordou Huxley. — Nós estamos apostando que ele ganha a taça de ouro.

— Tome cuidado para que um "azarão" não passe à frente no último momento! — advertiu Sorilda.

Sabia que Huxley era um jogador inveterado. Na verdade, freqüentemente conversava com ele a respeito de suas apostas diferentes e ficava deliciada quando ele ganhava.

— Não me ponha medo, Srta. Sorilda! — protestou Huxley. — É uma pena que não possamos ir até Ascot neste ano, como queríamos!

Sorilda lembrou-se de que tinham conversado sobre isso no ano anterior e ela dissera a Huxley que tinha certeza de que, ao completar dezoito anos, seu tio permitiria que fosse às corridas de Ascot.

Isso era algo que há muito desejava fazer, mas, agora, com a duquesa, sabia que era tão provável ir até Ascot quanto ao Pólo Norte.

Ao ver, em seu rosto, que a havia deprimido, Huxley disse:

— Devia montar Kingfisher; seus machinhos já cicatrizaram. Ele precisa ser guiado suavemente. Não me atrevo a deixar o moço montar, até que ele volte à sua boa forma.

Era a maneira de Huxley ser diplomata, sabia Sorilda, pois ela sempre montara Kingfisher, antes que este machucasse sua pata ao dar um salto.

— Estarei pronta amanhã de manhã, às seis horas — disse ela.

— Estaremos esperando pela senhorita — replicou Huxley. — Será bom fazer um pouco de exercício.

Ele sabia por que ela não pudera cavalgar por vários dias.

A duquesa a proibia de fazer isso sempre que precisasse levar recados ou fazer algumas tarefas desagradáveis, que lhe eram aplicadas mais como punição do que qualquer outra coisa.

Às seis horas da manhã ela poderia sair e chegar aos estábulos sem que ninguém se desse conta.

Seu único medo era que Harriet a visse, o que lhe traria problemas pois, indubitavelmente, contaria à duquesa.

Foi aí que se lembrou de que não deveria se demorar nos estábulos.

— Seis horas, Huxley — sorriu ela. — E muito obrigada! Agradecia-lhe muito mais pela promessa de preparar Kingfisher para ela e, enquanto caminhava de volta, o velho cavalariço a olhou com uma expressão preocupada no rosto.

Sorilda voltou ao castelo e, ao alcançar o vestíbulo, ouviu sua tia chamando por ela do topo das escadas.

— Venha cá!

A ordem da duquesa era peremptória e Sorilda subiu rapidamente. Tomando-a pelos ombros, a duquesa disse:

— Disse para Huxley esperar por uma resposta?

— Nã… não… — replicou Sorilda. — A senhora não me disse nada.

— É claro que ele tem que fazer isso, sua idiotinha! — disse a duquesa. — Corra e diga-lhe para trazer uma resposta. E diga para o criado entregá-la a você e não a mim, entendeu?

Por um momento, os olhos de Sorilda se arregalaram, mas ela não disse nada, descendo rapidamente as escadas em direção aos estábulos.

Agora, tinha a certeza de que suas suspeitas a respeito do interesse da duquesa pelo conde eram fundadas, e ela tinha também a certeza de que ambos já se conheciam antes de Íris ter se casado.

Nos estábulos, viu que um dos cavalos já estava selado e que um dos criados, vestindo a libré com as cores de seu tio, esperava para partir em direção a Winsford House.

Huxley, com o convite nas mãos, dava as últimas instruções quando, surpreso, viu Sorilda.

— Esqueci-me de dizer — falou ela em voz baixa —, que o criado deve esperar por uma resposta e entregá-la a mim.

Ao falar, sentiu-se embaraçada, sabendo que Huxley, em razão do que já tinha conversado antes a respeito de ela não conhecer o conde, desconfiaria para quem realmente era a resposta.

Huxley estivera a serviço particular por toda a sua vida e aprendera que,

por mais estranho que fosse o comportamento do patrão, não cabia ao empregado fazer perguntas. Assim, simplesmente respondeu:

— Muito bem, Srta. Sorilda! Espero que ele esteja de volta dentro de uma hora, a menos que precise esperar por lá.

— Para evitar confusão — disse Sorilda —, estarei de volta aos estábulos dentro desse prazo!

— Faça isso, senhorita — respondeu Huxley, sabendo que isso seria para ela uma boa desculpa para estar com os cavalos.

Deu ao criado suas instruções, Jim tirou o cavalo da cocheira e o montou.

— E vá rápido! — ordenou Huxley. — Você sabe como custa chegar à Winsford House.

O criado sorriu para ele, tocou seu chapéu cumprimentando Sorilda e, então, cavalgou através dos arcos da entrada e começou a trotar pela estrada.

— Enquanto estou aqui — sugeriu Sorilda —, deixe-me dar uma olhada em Kingfisher.

Huxley conduziu-a para dentro dos estábulos e Sorilda inspecionou o curativo, conversando com o cavalo de uma maneira que fez com que ele roçasse seu focinho contra o rosto dela.

— Amanhã às seis — disse Sorilda a Kingfisher, sabendo que ele a entendia.

Era um pouco mais cedo que isso quando Sorilda, cavalgando Kingfisher, deixou os estábulos pelo outro lado, de modo que ninguém a pudesse ver das janelas do castelo.

Huxley aprontara-lhe Kingfisher desde cedo, tendo Sorilda acordado com um sentimento de excitação por poder ir cavalgar.

Descera com seu traje de montaria, mas como sabia que ninguém podia vê-la àquela hora, não colocara seu chapéu.

Ao contrário, arrumara seus cabelos como costumava, com madeixas de cada lado do rosto. Mas sabia que a pomada que Harriet lhes aplicara os deixara menos ondulados e, certamente, menos atraentes do que tinham sido.

No entanto, não havia ninguém que a pudesse ver, exceto Huxley e Kingfisher, e sabia que ambos a amavam, não por sua aparência, mas porque o que ela sentia por eles vinha do coração.

Sabia que era importante montar Kingfisher muito gentilmente, não deixando que ele galopasse, conduzindo-o somente no trote.

Pela manhã, havia neblina entre as árvores e pairando sobre algumas partes do parque.

Os narcisos estavam floridos e começavam a aparecer os primeiros botões verdes nas árvores.

O inverno havia sido severo e longo e, em conseqüência, pensava Sorilda, a floração era mais bem-vinda ainda.

Ela amava a primavera. Parecia-lhe sempre que um sentimento de, esperança se renovava, assim como a fé em um mundo para além deste.

Fazia com que sentisse que nada estava perdido, nada morrera e tudo poderia renascer.

— Talvez haja uma primavera para mim também — pensava. Lembrava-se de como no ano passado, mesmo sentindo-se muito só sem seus pais, por estar crescendo percebera que havia novas vistas, novos horizontes diante dela.

Fora um otimismo totalmente injustificado e, agora, percebia que, ao invés de caminhar para frente, regredia.

Na semana passada, o golpe que já esperava acontecera, quando sua tia lhe dissera que era uma pura perda de dinheiro continuar com seus professores e preceptores.

— Você já está muito adulta para qualquer educação — dissera ela.

— De qualquer forma, para que está aprendendo tudo isso?

— Há muito mais que eu quero saber — respondera Sorilda. — Por favor, deixe-me continuar ao menos com a música.

— Quem pensa que deseja ouvi-la? — replicara Íris, asperamente.

— Além disso, seu tio não pode com essas despesas!

Isso era mentira, mas Sorilda sabia que Íris requeria para si cada centavo que seu tio gastasse com ela.

Nunca imaginara que uma mulher, em tão curto espaço de tempo, pudesse juntar tantas roupas e jóias.

Muitas dessas jóias, na verdade, faziam parte da herança dos Nuneaton, mas havia muitas outras peças novas que ela persuadira o marido a comprar, já que, naquele momento, ele não conseguia lhe recusar nada.

Parecia extraordinário, pensava Sorilda, que com um enxoval e jóias que tinham custado uma pequena fortuna, deliberadamente quisesse impedir à sobrinha de seu marido não só de possuir vestidos bonitos, mas de enriquecer sua mente.

— Por favor… por favor —— suplicara ela —, deixe-me continuar com a minha música, ao menos até o fim do verão!

— Não! — dissera a duquesa, endurecendo os lábios. Então, seus olhos se comprimiram. — Precisa aprender a fazer o que lhe dizem — dissera ela —

e ser grata por ter um teto onde morar. Pensei que houvesse muitos outros parentes que a quisessem vivendo com eles.

— Fale com tio Edmund a esse respeito — respondera Sorilda.

Ao falar, sabia que o duque, a quem não agradavam os parentes, não iria prestar atenção à sugestão de Íris.

Depois, começara a achar que talvez fosse melhor partir e ir morar com um velho primo, mesmo que este não a quisesse.

Nada podia ser pior do que ficar ali e ser submetida, dia após dia, ao mesquinho despeito de sua nova tia.

Mas sabia que não havia nenhuma escapatória.

O duque, desprezando seus parentes, não desejaria entrar em contato com nenhum deles para tratar de seu caso, e iria se sentir ferido em seu orgulho se tivesse que lhes dizer que era impossível que ela continuasse morando no castelo.

A única hora em que Sorilda tinha chance de escapar era quando cavalgava, quando podia estar sozinha e não ser solicitada a fazer qualquer coisa totalmente desnecessária para sua tia.

Distanciou-se da casa, e, então, lembrou-se do que lhe dissera Huxley a respeito da possibilidade de ver o conde, podendo ser que o encontrasse no Long Gallop, perto do Carvalho Queimado.

Esse marco era uma árvore que, há muitos anos, se incendiara com um raio, mas cujo tronco queimado ainda continuava em pé. Muitas das direções eram marcadas a partir dele: vire a direita, à esquerda, ao norte do Carvalho Queimado.

Depois de meia hora de cavalgada, Sorilda alcançou a divisa entre as propriedades do duque e do conde.

As terras do duque estendiam-se largamente ao leste e ao sul. Somente a oeste é que faziam fronteira com as que eram propriedade da família Winsford, há muitas gerações.

Bem na divisa havia um longo e plano trecho de terra conhecido como Long Gallop.

O conde antecessor o usara para treinar seus cavalos de corrida, mas Sorilda ouvira dizer que seu filho estava construindo uma pista em outro local da propriedade.

Por meio das conversas de estábulos, ficara sabendo que esta ainda não estava terminada e, assim, não ficou surpresa, quando dirigia Kingfisher para a sombra de umas árvores, em ver alguém cavalgando velozmente no Long Gallop.

Ele estava a alguma distância dela e Sorilda notou sua aproximação com interesse, pensando que já fazia um ano desde que vira o conde pela última vez, quando percebera que ele era não só o homem mais imponente que conhecia, como também o melhor cavaleiro.

Ele passou como um raio perto dela e Sorilda teve a impressão de que cavalo e cavaleiro faziam parte de um só todo.

— Será que é um dos seus novos cavalos? — perguntou-se ela. Então, o conde parou sua montaria para um descanso e, depois, virou-se para passar novamente por ela.

Agora, ele vinha bem mais lentamente, e Sorilda pôde ver o cavalo claramente e apreciá-lo como desejava.

Era um magnífico animal castanho, com crina e cauda longas; cada músculo seu, sob o pêlo brilhante, encrespava-se, confirmando ser ele um puro-sangue de primeira categoria.

Embora não o percebesse, o animal tinha um tom castanho apenas um pouco mais claro que seus próprios cabelos.

Agora que já inspecionara o cavalo, Sorilda, escondida pelos galhos das árvores, olhava para o cavaleiro.

Talvez por ser agora mais velha, ou por ter ouvido muita coisa a respeito dele no ano passado, via-o sob uma outra luz.

— Ele é atraente! — pensou. — Tão atraente que se tornaria, indubitavelmente, perigoso para qualquer mulher que lhe entregasse seu coração!

CAPÍTULO II

No dia anterior, cavalgando pelo campo, Jim chegou ao parque da Winsford House no tempo calculado por Huxley.

Ao avistar a ampla casa, remodelada no início do século, achou não só que era uma das casas mais imponentes que já vira, mas que seus estábulos superavam, em muito, os do castelo.

Cavalgou pela estrada, até atravessar a ponte sobre o lago; então, voltou-se para o lado da casa onde se localizavam as cozinhas e quartos dos empregados.

Conhecia bem a Winsford House; assim, Jim sabia onde poderia estacionar o cavalo e, tendo-o feito, dirigiu-se à porta da cozinha.

Bateu e entrou, procurando alguém a quem pudesse entregar o convite que trouxera. Então, viu uma figura familiar saindo de um cômodo que ele sabia ser o vestíbulo dos criados, e deu um grito:

— Betsy!

Um rosto atraente virou-se para ele e, por sua exclamação, não havia dúvidas de que ela estava satisfeita em vê-lo.

— Olá, Jim! Não esperava vê-lo hoje!

— Também não pensei que fosse eu quem viesse — respondeu Jim.

— Como vai? -

— Muito bem — respondeu Betsy. — Mas aqui não é a mesma coisa que o castelo; e estou sabendo que você está nos estábulos!

— Sinto falta de você! — disse Jim em voz baixa. — Fiquei terrificado quando ela mandou você embora.

— A cozinheira foi gentil trazendo-me para cá. Ela disse que me daria uma chance, pois conhecia meu pai desde que ele era um garoto!

Os lábios de Jim endureceram-se.

Ele ficara consternado, como todos os outros criados do castelo, quando Betsy, cuja família servira sua propriedade por três gerações, fora demitida pela nova duquesa por uma razão que ninguém conseguia adivinhar, e sem qualquer carta de referências. *Ao* ver a expressão do rosto dele, Betsy ficou preocupada e disse:

— Está tudo bem, Jim. Estou muito feliz aqui, pois posso ver você algumas vezes!

— Eu gostaria de poder fazer alguma coisa por você.

— Esqueça-se disso! Trabalhar na cozinha não é a mesma coisa que trabalhar na casa, mas tive sorte de encontrar um emprego sem ter referências!

Betsy não conseguia esconder o ressentimento em sua voz.

Todo criado sabia que era extremamente importante ter boas referências para se conseguir um emprego.

O modo como a duquesa despedia aqueles de quem não gostava, sem explicação e sem essas tão importantes referências que lhes poderiam assegurar outro emprego, era muito comentado não só no castelo, mas em toda a região.

— O Sr. Huxley me disse que você foi mandada embora porque é muito bonita, e que Sua Graça faria o mesmo com a Srta. Sorilda se tivesse oportunidade!

— Sei disso! — exclamou Betsy. — Eu escutava o jeito com que ela falava com a Srta. Sorilda. Ficava doente, ouvindo aquilo, pois a Srta. Sorilda sempre foi gentil com todo mundo!

— É verdade — concordou Jim. — Minha mãe dizia que a finada duquesa também era!

Betsy suspirou profundamente.

— Um homem deve ter cuidado com quem se casa, não é?

— Eu pretendo ter cuidado — disse Jim. — Por isso é que quero me casar com você.

— Oh, Jim, ainda vai levar muito tempo até economizarmos o bastante para isso. E depois, se você continuar trabalhando no castelo, duvido que Sua Graça o deixe se casar comigo!

— Então, procurarei outro lugar para trabalhar — replicou Jim. — Ninguém vai me impedir de casar com você, prometo!

Ao falar, colocou seus braços em volta de Betsy, mas quando ia beijá-la, ela olhou, assustada:

— Aqui não, Jim! Por favor, aqui não!

— Então, onde? E quando?

— Amanhã à noite! Eu sairei depois da ceia e encontrarei você no fim da estrada.

— Estarei lá, mas não se atrase, como da última vez!

Ela sorriu para ele; então, como ouvisse passos no corredor, começou a sair.

— Ei, espere! — gritou Jim. — Não perguntou por que eu vim! Colocou a

mão no bolso e puxou a carta.

— Para Sua Excelência, de Sua Graça! — anunciou ele. — E devo esperar por uma resposta!

Betsy apanhou a carta.

— Eu a levarei à copa! É melhor você esperar no vestíbulo dos criados!

— Volte o mais rápido que puder — disse Jim, em voz baixa. Quando Betsy saiu apressada pelo corredor, ele perambulou sem pressa pelo vestíbulo, onde havia uma grande mesa no centro.

Betsy caminhava pelo corredor em direção à copa.

Dera alguns passos, antes de olhar para a carta que trazia nas mãos, e achou que a duquesa era igual a todas as outras mulheres que corriam atrás do conde, por ele ser tão bem-apessoado.

Elas são como abelhas em volta de um pote de mel! — pensou Betsy, desdenhosamente.

Ao mesmo tempo, admitia que, realmente, Sua Excelência era muito vistosa, capaz de atrair muitas mulheres, quaisquer que fossem.

Por admirar seu novo patrão, achava uma pena que ele estivesse envolvido com a duquesa de Nuneaton.

Betsy tinha uma boa índole, mas a maneira injusta como fora despedida causara-lhe um golpe do qual não se recuperara.

Não só perdera seu emprego, como também decepcionara seus pais, que se sentiam sempre muito orgulhosos de terem trabalhado no castelo, e ainda se humilhara perante todos os seus amigos da propriedade e da cidade.

Fora trabalhar para o duque com muita honra, exibindo-se para as outras garotas com quem brincara desde criança, pois era regra, desde há muito, que os filhos de pais que tivessem trabalhando no castelo teriam preferência sobre os outros candidatos.

Então, no momento em que a Sra. Bellows, a governanta, sentia-se satisfeita com ela, e Betsy achava que realmente estava desempenhando bem suas funções de sexta arrumadeira, viu-se mandada embora, sem qualquer outra razão a não ser o fato de a duquesa o querer!

— Eu a odeio! — pensava, agora, Betsy, olhando para a letra floreada dá duquesa.

Virou o envelope e, ao fazê-lo, percebeu que o lacre com que a duquesa fechara o envelope estava descolado!

Sem dúvida fora pela maneira como Jim o colocara no bolso, pensou ela, desejando que não lhe trouxesse nenhuma complicação o fato de o envelope estar aberto.

Quando Betsy olhava para ele e se preocupava com Jim, veio-lhe uma idéia repentina, mas achou que era ultrajante o simples fato de pensar nisso! No entanto, impulsivamente, guiada pela curiosidade ou por qualquer outro sentimento que fugia ao seu controle, saiu do corredor, abrindo a porta que dava para o viveiro de flores.

Lá havia prateleiras contendo grande número de vasos, que eram usados para as flores que os jardineiros colhiam durante todo o ano.

O viveiro estava vazio e Betsy, fechando a porta atrás de si, ficou por um momento olhando para o envelope.

Prendendo a respiração, pois sabia estar fazendo algo tão chocante que tinha vergonha até de pensar, retirou a fina folha de papel de carta, onde a duquesa escrevera sua mensagem.

Betsy tinha ido à escola, pois o duque providenciara uma para os filhos de seus empregados e havia pago uma professora para ensiná-los.

Assim, embora lentamente, podia ler. Levou um pouco de tempo para decifrar o que a duquesa escrevera, ainda que sua caligrafia fosse grande e clara.

Com dificuldade, leu:

Ele partirá amanha à noite. Venha às nove, pela porta da Torre Oeste, a qual deixarei aberta para você. Será difícil esperar, pois desejo muito vê-lo, ouvir sua voz e estar em seus braços.

Não havia assinatura e, quando Betsy acabou a leitura, deu um soluço audível.

— Realmente! — disse para consigo. — Se Sua Graça soubesse o que está acontecendo, ficaria surpreso vendo a bela esposa que tem!

Colocou a carta de volta no envelope, molhou seu dedo e o pressionou contra o lacre, esperando que ninguém notasse que estava descolado.

Então, voltou ao corredor, em direção à copa.

Foi apenas quando voltava apressada para o vestíbulo, onde se encontrava Jim, que uma idéia veio à sua cabeça, parecendo tão fantástica que ela se julgou louca só em pensar naquilo.

Abriu a porta do vestíbulo e, por um momento, achou que Jim se fora, sem esperar pela resposta que o copeiro lhe traria.

Então, saindo por trás da porta, ele a agarrou de surpresa, beijando-a, até que ela conseguisse se safar.

— Comporte-se, Jim Travei! — gritou ela, numa voz que, em vão, tentava ser firme. — Você quer me ver na rua? E se alguém nos apanhar?

— Ninguém o faria, e eu não consigo esperar até sexta-feira — disse Jim.

Falava com tanto sentimento na voz que Betsy deu-lhe um pequeno sorriso, sabendo o quanto ele a amava, desde que eram crianças.

Depois, disse:

— Soube que Sua Graça partirá amanhã!

— Soube antes de mim — disse Jim. — E como fez para saber?

— Ele vai para Londres?

— Acho que sim. Sua Majestade não pode passar sem ele.

— Pensei que ela tivesse o príncipe Albert.

— E tem! — replicou Jim. — Mas, como toda mulher, ela gosta de ter muitos homens à sua volta!

Falava casualmente, e, então, completou:

— Mas eu mataria qualquer um que tentasse se aproximar de você,

lembre-se disso!

— Não há necessidade de ter ciúmes! — disse Betsy. — Sua Graça irá ficar na Nuneaton House?

— Onde mais ficaria? — perguntou Jim. — Lá é muito bom, como já disse antes para você, embora não tenha muitos quartos nos estábulos.

Betsy não respondeu.

Estava pensando e isso requeria toda a sua concentração, para contemplar a extraordinária idéia que se apresentava a ela, como que saída das nuvens.

Cavalgando para casa, depois de ter visto o conde no Long Gallop, Sorilda achou uma pena que ele não pudesse vir jantar, como sugerira sua tia.

Supunha que, realmente, fora um convite que ela levara aos estábulos, para que Huxley despachasse para a Winsford House.

Quando Jim voltou, trazendo a resposta e Sorilda a levou até sua tia, esta esperou que ela saísse, para abrir o envelope.

— Não me deixará ficar para o jantar — pensou Sorilda.

Mas, sem dúvida, ela daria uma espiadela no conde, através da balaustrada ou da Galeria do Menestrel, a qual abrigava a grande sala de banquetes, normalmente usada quando havia convidados.

A frente da Galeria do Menestrel era densamente esculpida e Sorilda descobrira que, de lá, podia assistir às festas, sem que ninguém desse por sua presença.

Seria interessante, pensava ela, ver o conde de perto, mas, se pudesse escolher, preferiria ver seus cavalos.

Aquela noite, no jantar, sentada com seu tio e sua tia, ouviu o duque dizer:

— Como vou para Londres, posso muito bem levar aquele colar que você quer consertar. É melhor que mandá-lo pelo estafeta.

— Está indo para Londres, tio Edmund? — perguntou Sorilda.

— Sim, tenho que ver Sua Majestade — respondeu o duque. — É uma amolação, pois estive no Palácio de Buckingham há apenas uma semana. No entanto, recebi uma carta de Sua Majestade, solicitando que a apóie no encontro da Sociedade para Melhoria das Condições das Classes Trabalhadoras.

Enquanto seu tio falava, Sorilda pensava que, antes de enviar o bilhete com o convite para jantar, a duquesa já sabia da viagem do duque.

Parecia estranho, mas ela já sabia.

As cartas chegam sempre pela manhã e são levadas diretamente para os aposentos dos duques, que as recebem antes mesmo de descerem para o desjejum.

Se Íris sabia que seu marido iria viajar, por que convidara o conde para jantar?

Dificilmente poderia esperar dar uma festa por conta própria.

Então, subitamente, ocorreu a Sorilda que, talvez, sua tia quisesse jantar a sós com o conde!

Mas isso era impossível!

Por mais que confiassem em seus criados, embora algumas vezes as pessoas tendam a se esquecer dos fatos e das ações humanas, isso seria comentado, não só dentro do castelo, mas na cidade.

O fato de a duquesa de Nuneaton jantar sozinha com o conde de Windsor iria provocar um suculento bocado de mexericos, que iria varrer toda a região, como um incêndio florestal.

Não, pensou Sorilda, sua tia não seria tão indiscreta a ponto de querer causar um escândalo tão grande.

Então, por que o bilhete?

Continuou a pensar nisso até ir para a cama, depois de ouvir Íris dizer a seu tio, em tons adocicados, que iria sentir sua falta desesperada-mente, e que ele voltasse o mais rápido possível.

— Agora que é um homem casado, querido, a rainha deve compreender que não pode dispor tanto de você quanto fazia antigamente.

— Concordo — replicou o duque — e asseguro-lhe que não é meu desejo deixá-la e seguir para Londres sem você!

Como se subitamente lhe ocorresse algo, disse:

— Por que não vem comigo? Poderíamos ficar uma noite a mais e iremos

à ópera!

— Seria adorável! — respondeu a duquesa. — Mas não posso viajar assim de uma hora para outra. Não sou tão móvel quanto você e, de qualquer forma, logo deveremos ir para lá, para a abertura da Exposição!

O rosto do duque sombreou-se.

— Naturalmente, isso está pendendo sobre as nossas cabeças! — disse ele. — E eu não suportarei ver o dinheiro público sendo gasto dessa maneira vergonhosa, a menos que esteja com você!

— Naturalmente, estarei com você, meu querido marido! — respondeu a duquesa.

O duque, gratificado por aquele tom, levou a mão dela aos lábios.

Depois de seu tio ter partido, na manhã seguinte, com uma rajada de instruções de última hora, esquecendo-se de algumas coisas e fazendo perguntas sem fim sobre qual capote seria melhor para ser usado naquela época, Sorilda achou muito estranho que sua tia não quisesse acompanhá-lo.

A duquesa tinha repetido continuamente, desde que haviam voltado para o campo, há duas semanas, que queria ficar em Londres; estavam perdendo bailes e recepções, aos quais queria estar presente.

Sorilda sabia que, desde que se tornara duquesa, Íris apreciava o fato de todas as portas antes fechadas para ela estarem agora abertas, e de como esposa de um dos primeiros duques da Grã-Bretanha, possuir uma posição inatacável.

E também, segundo Sorilda, deveria ser-lhe frustrante ter apenas dois espectadores para seus novos vestidos: seu marido e sua sobrinha, ao passo que em Londres podia ouvir os aplausos de uma multidão, toda vez que entrava num salão de baile.

A duquesa arrumou mil coisas para Sorilda fazer durante o dia, e, ao final da tarde, disse:

— Jantaremos às sete, pois quero me retirar cedo. Na verdade, estou me sentindo exausta.

Ela, na verdade, não parecia cansada, pensou Sorilda; ao contrário, parecia especialmente adorável, com os cabelos arrumados em um novo penteado, que Harriet copiara do *The Ladie's Journal.*

Jantaram na pequena sala de refeições e, ao contrário de fazer comentários a respeito da comida ou de qualquer outra coisa, como era comum quando estavam sozinhas, a duquesa parecia preocupada com seus pensamentos.

Sorilda tinha medo de falar, fazendo assim com que ela mudasse a

direção de seus pensamentos e desabasse qualquer coisa sobre ela.

Tão logo terminou o jantar, a duquesa subiu para o seu *boudoir,* dando instruções para que fossem apagadas as luzes desnecessárias, como de costume.

Isso queria dizer, sabia Sorilda, que os criados iriam todos se retirar para seus próprios aposentos, ficando apenas dois velhos vigias noturnos fazendo a ronda, para verificar as portas e janelas.

Os quartos dos duques ficavam no lado oeste do castelo, perto de uma das velhas torres que flanqueavam ambos os lados da parte conhecida como "o lado noturno" da construção.

De fato, o castelo havia sido reconstruído há duzentos anos e o arquiteto mantivera-o o mais parecido possível com o que fora anteriormente.

Assim, ao invés de os quartos serem largos, eram, na maioria, pequenos e baixos, com janelas estreitas, que não deixavam entrar luz suficiente.

O pai do duque, no entanto, fizera reformas, dotando-o de considerável conforto.

Juntara vários quartos pequenos, transformando-os em dois grandes dormitórios, para ele e para sua esposa, com um *boudoir,* entre eles. Criara um grande salão de estar no pavimento térreo que, assim como seu quarto, dava para os jardins de trás do castelo.

Voltados para o sul, esses cômodos eram inundados pelo sol.

Por outro lado, o quarto de Sorilda ficava sobre a porta principal e dava para o parque.

Como estava voltado para o norte, o sol não entrava pelas duas janelas estreitas e Sorilda, freqüentemente, pensava em mudar de quarto, ainda que isso significasse ter que se transferir para outro andar.

Até a chegada da duquesa, tudo no castelo era imutável e tinha que continuar sendo como sempre fora.

Sorilda, no entanto, tinha continuado a dormir no mesmo quarto que ocupava desde a sua vinda para o castelo, e imaginava que, caso solicitas se à duquesa ser transferida, esta não hesitaria em mandá-la para as dependências da criadagem.

Pior ainda se a alternativa fosse aquela parte do castelo que era sempre fria e que se tornava literalmente gelada nos meses de inverno.

Era um alívio perceber que, nessa noite, estava quente o suficiente para manter as janelas abertas, e encontrar sobre a sua pequena mesa um livro que estava ansiosa por ler.

Embora seus preceptores tivessem ido embora, o contador não revelara à

duquesa que continuava a comprar para Sorilda qualquer livro que ela desejasse.

Como ele ficasse a maior parte do tempo em Londres, onde cuidava de todas as propriedades do duque, assim como de sua correspondência particular, Sorilda adquirira o hábito de escrever quase que semanalmente para o Sr. Burnham.

Ele estava sempre tão pronto a atender o que ela lhe solicitasse que Sorilda achava que entenderia facilmente o que se passava desde o casamento de seu tio.

Certamente, ele devia achar estranho a rapidez com que os criados eram substituídos no castelo, sendo que, no passado, eles eram admitidos quando crianças e permaneciam até o fim da vida.

Sorilda trocou de roupa, vestindo um penhoar antes de apanhar o livro

Não tinha intenção de se deitar imediatamente, pois era muito mais confortável refestelar-se numa poltrona perto da janela, colocar seus pés em um tamborete e ler, a princípio sob a luz do pôr-do-sol e, depois, à luz de vários candelabros.

O duque instalara luz e gás em algumas partes do castelo.

Os únicos a contarem com esse melhoramento eram os aposentos do duque e, como isso acontecera antes da chegada de Sorilda, não havia por que exigir tal privilégio.

Ela não se importava. Preferia os candelabros, achando que davam ao castelo um ar romântico de outras épocas.

Para ter certeza de que iria ficar confortavelmente instalada, Sorilda apanhou um dos travesseiros da cama e colocou-o atrás de si; então, abriu o livro e preparou-se para se divertir.

Mas, por alguma razão, as palavras não prendiam a sua atenção, como esperava.

Ao contrário, ficou olhando pela janela, vendo o céu transformar-se de púrpura e ouro nas sombras da noite.

Fará um belo dia amanhã, pensou, lembrando-se do velho adágio: “Quando a luz do céu é vermelha, quem fica contente é o pastor de ovelha”.

Isso queria dizer que ela poderia cavalgar às seis da manhã, ir mais uma vez ao Carvalho Queimado e, talvez, espiar os soberbos cavalos do conde.

Sorilda amava cavalgar desde criança e, como seu pai gostava de caçar, sempre tiveram um estábulo cheio de caçadores de primeira linha, ainda que sua mãe achasse que, se continuassem gastando tanto com eles, ela e Sorilda ficariam descalças.

Sorilda achava uma delícia cavalgar com seu pai e, freqüentemente, já mais velha, eles dois saíam em longas expedições.

Enquanto retornavam para casa lentamente, em virtude do cansaço dos cavalos, conversavam longamente, sendo que, aí, ela aprendia muito mais do que se tivesse lido centenas de livros, ou tivesse estudado com uma dúzia de eruditos professores.

Papai iria admirar os cavalos do conde, pensou ela.

Gostaria de saber mais a respeito deles. Por exemplo, gostaria de saber a ascendência do cavalo que o conde estivera montando.

Acharia também interessante saber quanto tinha pago por ele, mas suspeitava que essa pergunta poderia ser respondida por Huxley.

Ele era um inveterado mexeriqueiro e sempre sabia o que estava acontecendo nos outros estábulos da região.

— Tenho certeza de que ele acha os cavalos do conde mais interessantes do que qualquer outra pessoa, pois tem ciúme deles, assim como o tio Edmund tem ciúme do conde.

A idéia era divertida; então, ao olhar pelas sombras das árvores do parque, viu à distância, alguém cavalgando em direção ao castelo.

Ficou imaginando quem poderia ser, pois, àquela hora, sabia que não seria ninguém dos estábulos do castelo.

Pensou que talvez fosse um cavalariço trazendo alguma mensagem, mas mesmo assim era tarde para isso.

Podia ver o cavalo e o cavaleiro movendo-se entre as árvores, e, subitamente, ocorreu-lhe que havia algo vagamente familiar neles. Ela espiou, endireitando-se na cadeira.

Quem quer que fosse, não estava vindo diretamente ao castelo, mas movimentando-se de forma a se aproximar da casa por um ângulo diferente.

Como estava curiosa, levantou-se e olhou pela janela. Agora conseguia ver muito mais claramente e, como o castelo fora construído em um declive, ela conseguia enxergar de longa distância e, a despeito das sombras e do céu escuro, teve certe2a de que o cavaleiro aproximava-se pelo lado oeste.

Que estranho! pensou Sorilda; por que o lado oeste? Os estábulos ficam no leste!

Estendeu o pescoço um pouco mais para olhá-lo e, então, deu-se conta de que sabia quem eram cavalo e cavaleiro!

É impossível! Estou ficando louca! pensou ela. — Há outros homens no mundo; por que penso nele?

Mas tinha certeza, certeza absoluta de que era o conde de Winsford que

chegava cavalgando ao castelo.

Então, entendeu, e tudo o que a confundira a respeito do bilhete de sua tia encaixou-se direitinho.

Seu tio estava fora e o conde visitava sua tia!

Por um momento, isso pareceu tão incrível a Sorilda que ela achou que isso era produto de sua imaginação.

Sabia, porém, que não era uma fantasia, mas algo que realmente estava acontecendo.

Sua tia ficara sabendo que seu marido iria para Londres, e passara a informação ao conde, usando como desculpa o fato de estar convidando-o para jantar.

O bilhete que Jim trouxera e que ela entregara à sua tia era a resposta dizendo que aceitava.

Agora, por mais incrível que parecesse, ele estava chegando às nove horas da noite.

Mas como poderia isso acontecer, sem que os criados ficassem sabendo?

No mesmo momento em que se fazia essa pergunta, soube a resposta.

Ao vir pela primeira vez ao castelo, ela ficara intrigada com as duas torres altas, remanescentes da construção original.

As escadas circulares dentro delas, os cômodos minúsculos e as janelinhas estreitas, tinham-na encorajado a visita Ias não uma, mas dúzias de vezes, pois pareciam um fragmento do romantismo dos cavaleiros andantes e dos barões, que, em certa época, governaram a Inglaterra.

A escada da torre oeste possuía uma porta que dava para o quarto do duque, e embora esta ficasse trancada por dentro, uma vez seu tio lhe dissera, rindo:

— Se um dia quiser sair do castelo sem ser notado, posso descer por esta escada a qual, veja você, dá para o meu quarto.

— Ela seria muito útil, tio Edmund, se o senhor fosse um realista fugindo das tropas cromwellianas — dissera Sorilda.

— Acredito que algo como isso tenha acontecido em nossa historia — replicara o duque. — Peça ao Sr. Burnham que lhe entregue um catálogo dos livros que há na biblioteca.

Sorilda procurara na história da família, mas não achara nada sobre um Eaton ser perseguido naquela época.

Antigamente, tinham acontecido muitas batalhas à volta do castelo e, certa vez, um exército sitiara seus habitantes quase até a morte por inanição.

Como tudo isso fazia parte de sua própria história, e pelo fato de seu pai

ter lhe contado muito a respeito dos Eaton e da maneira como sempre tinham servido seu país, Sorilda tentara amar o castelo e sentir-se orgulhosa de tudo o que ocorrera ali.

Mas, desde que sua nova tia tinha vindo viver ali, estava encontrando dificuldades.

Agora, percebia que estava chocada e horrorizada em pensar que uma mulher que se tornara membro de sua família, e que era a duquesa de Nuneaton, enganava seu marido e procedia de uma maneira que a mãe de Sorilda acharia repreensível.

— Tio Edmund a ama r— pensou Sorilda —, e é uma traição a ele e a toda a família que ela quebre os laços matrimoniais seis meses após tê-los contraído!

Não mais via o cavalo ou o cavaleiro, mas sabia que estavam passando sob os arbustos plantados no lado oeste da casa, onde havia heras antigas que chegavam até a porta da torre.

Havia muitos lugares onde o conde poderia amarrar seu cavalo, e, sem dúvida, Íris já teria aberto a porta exterior da torre e aquela que dava para o quarto.

— É má ação da parte dele! — exclamou Sorilda. — É um cavalheiro e um vizinho. Ainda que tio Edmund não goste dele, isso não é razão para ele proceder dessa maneira!

Achava que o conde, que parecia não só muito bonito mas correm, não deveria se rebaixar e proceder dessa maneira com alguém como seu tio.

De certa forma, achava-se desapontada com ele.

Mas agora lembrava-se de que ouvira de Huxley e outros cavalariços coisas que, então, não notara particularmente, mas que agora se lembrava, referiam-se ao conde como sendo um "homem de muitas mulheres"

Naturalmente, tinham sido cuidadosos com o que diziam em sua presença, mesmo porque ainda a consideravam uma criança.

Mas as alusões tinham sido ventiladas, e ela podia se lembrar de outras, mais refinadas, feitas pelos hóspedes sentados à mesa do duque.

— Ouvi dizer que Winsford está ficando famoso em Londres — lembrava-se agora de ter ouvido um velho cavalheiro dizer ao jantar.

— Em que sentido? — perguntara friamente o duque.

— Ele tem um olho num bom cavalo e outro numa bela dama — respondera o velho, falando alto demais, pois era surdo.

O duque abaixara os olhos e as senhoras à mesa fingiram corar.

— Ora, senhor duque — dissera o cavalheiro — não finja estar surpreso.

O senhor foi um cachorrão em sua juventude!

Seu tio, lembrou-se Sorilda, ficara muito feliz com o cumprimento.

— Isso não é surpresa, meu querido duque — dissera a esposa do velho homem —, o senhor sempre foi o cavalheiro mais atraente a freqüentar os bailes de caça; e lembro-me muito bem de como as damas sempre rezavam para que as tirasse para dançar.

— E é isso o que as moças de hoje andam fazendo — dissera o cavalheiro — somente que, rezam para que o jovem Winsford as note. Acho que um grande número delas tem suas preces atendidas.

Rira de sua própria piada até sufocar, e quando tiveram que bater às suas costas e mandar vir água, mudara-se o rumo da conversa.

Na mente de Sorilda formou-se a idéia de que o conde era um homem de sucesso com as mulheres, assim como com os cavalos, mas nunca esperaria que fosse perseguir uma pessoa como sua tia, dentro de um recinto que era a fortaleza dos Nuneaton.

— É horrível! — disse Sorilda novamente, e abriu seu livro com determinação.

O conde de Winsford surpreendera-se, no dia anterior, com o bilhete da duquesa.

Estava pronto a deixar a casa, para cavalgar com um amigo seu, Peter Lansdown.

Como não gostasse de deixar os cavalos esperando, abrira a carta impacientemente, nem se preocupando em olhar ou adivinhar de quem viera.

Ao ler o que a duquesa escrevera, permanecera por um momento surpreso e intrigado:

— O que é, Silas? — perguntara Peter Lansdown. — Se cancelar nossa cavalgada, ficarei extremamente aborrecido! É minha última chance de experimentar seus soberbos cavalos, pois parto muito cedo amanhã.

— Isso quer dizer que ficarei só! — dissera o conde.

— Tenho a certeza de que haverá muita gente à sua volta, se desejar isso — replicara seu amigo, com um tom divertido na voz.

O conde, no entanto, parecia não estar ouvindo. Ao contrário, parecia estar se debatendo com algo dentro de si, e seu amigo considerara que ele, obviamente, pensava no que fazer. Então, com um sorriso um tanto malicioso, dissera:

— Vá na frente, Peter. Tenho que escrever uma resposta.

Ao falar, correra para o vestíbulo, escrevera uma resposta à carta da duquesa e voltara em um minuto, mais ou menos, para entregá-la ao

mordomo.

— Mande isto ao castelo Nuneaton.

— O cavalariço que trouxe a correspondência está esperando, milorde.

— Então, entregue a ele.

Ao falar, o conde atravessara rapidamente o vestíbulo e descera os degraus, até onde seu cavalo ficara esperando.

Montara e seguira seu amigo, que apenas alcançara a ponte sobre o lago.

— Tomou uma decisão momentânea? — perguntou Peter Lansdown, quando o conde se aproximara.

Eles eram amigos há muitos anos; tinham servido juntos no mesmo regimento e apoiado firmemente o príncipe Albert em casar a arte com o comércio, mostrando ao mundo uma exibição de cultura que poderia espantar todo o país.

Peter Lansdown era um membro do Parlamento e sua voz na casa traduzia, continuamente, o ponto de vista do príncipe, em resposta aos que lhe eram hostis.

— Recebi um convite que me surpreendeu — admitira o conde, quando cavalgavam lado a lado.

— Pensei que fosse velho demais, e certamente bastante experiente para ficar surpreso com qualquer coisa que uma mulher pudesse sugerir — riu Peter Lansdown.

— Como soube que era uma mulher? — perguntara o conde.

— Era óbvio, pela expressão de seu rosto — respondera seu amigo.

— Aposto um contra mil que você aceitou a proposta em questão.

— Foi culpa sua!

— Por quê?

— Porque está me deixando sozinho e, francamente, Peter, como a maioria dos ingleses, não gosto de jantar sozinho.

— Já disse que isso não lhe é necessário. Mas se não gosta que isso aconteça, mesmo ocasionalmente, há um remédio muito fácil!

— E qual é? — perguntara o conde.

Prestava pouca atenção ao seu amigo, pois sua mente estava em outro lugar.

— Poderia se casar!

— Meu Deus, isso não é um caso de melancolia! — exclamara o conde. — E casar-me é algo que não pretendo nem agora nem nunca!

— Está falando seriamente?

— Muito seriamente. O casamento, meu caro Peter, não é para mim.

Nasci solteiro. Estar ligado a uma mulher, por mais atraente que seja, significa sentir-me prisioneiro numa masmorra, de onde é impossível escapar.

Peter Lansdown rira. Então, dissera:

— Não tinha idéia de que pensasse dessa maneira, embora soubesse que você sempre conseguiu se esquivar de todas as iscas que lhe foram lançadas, desde que tinha dezoito anos.

Tinham alcançado o topo da estrada e, ao se dirigirem para o Long Gallop, Peter Lansdown virara-se para olhar a casa.

Ela ficava um pouco abaixo deles e, com todas aquelas grandes árvores, parecia incrivelmente magnífica ao sol da primavera.

— Admirando minhas propriedades? — perguntou o conde.

— Pensava que, mais cedo ou mais tarde, você terá que mudar de opinião e arrumar, ao menos, um herdeiro! — replicara Peter Lansdown. — Sabe muito bem que seu primo Hubert não é a pessoa indicada para usar com dignidade o seu título.

Ambos riram, mas o conde o fizera de forma algo desgostosa.

Seu herdeiro presuntivo era um jovem que recusava toda responsabilidade social e, ao contrário, gastava a maior parte de seu tempo em Paris, pintando coisas péssimas e divertindo-se à larga com as mulheres que comandavam a vida noturna da cidade.

Tinha deixado crescer a barba; usava um casaco de veludo como os artistas, uma grande gravata esvoaçante e, quando se lembrava, uma boina caída na cabeça.

— Simplesmente não consigo imaginar Hubert em Winsford — disse Peter Lansdown. — Assim, pare de falar besteiras, Silas, mude de opinião e, em nome da família, abrace os santos laços do matrimônio!

— Estarei perdido se o fizer! — respondeu o conde. — Gosto da vida da maneira como a vivo e, como disse, qualquer mulher com quem me casar logo se tornará uma pessoa tão enfadonha que eu acabarei matando-a.

— Antes gere seu herdeiro! — disse Peter Lansdown. — Então, poderá afogá-la no lago, jogá-la do telhado e ninguém se importará!

O conde balançara a cabeça e rira.

— Peter, você é incrível! Se eu lhe desse ouvidos, tornar-me-ia um criminoso, e isso certamente não embelezaria o brasão de minha família!

— Lembre-se de que estou querendo ajudá-lo! — disse Lansdown. — Nesse meio tempo, divirta-se!

— É o que pretendo fazer! —replicara o conde. — Por que diria não a

qualquer bom pêssego que caísse em meu colo?

Ao falar, pensara que essa era uma boa descrição de Íris.

Ela era exatamente como um pêssego, em sua maciez, na maneira como conseguia, com seus cabelos loiros e olhos azuis, ter aquele brilho que faltava às outras mulheres.

Na verdade, o conde admitia ter ficado desapontado — ou a palavra adequada seria "enciumado"? — quando, logo após haverem se conhecido, ela ter aceito o duque de Nuneaton, e ter se casado antes que ele pudesse pôr-lhe as mãos por uma segunda vez!

Tinham sido apresentados em uma festa oferecida por um dos amigos mais animados do conde, por ocasião das corridas de St. Leger, em Yorkshire.

No momento em que o conde entrara na casa de seu amigo, depois de ter vindo em tempo recorde de Londres, vira Íris, e achou que o esforço da viagem tinha valido a pena.

A festa no entanto transcorrera, surpreendentemente, em um clima respeitável, pois o anfitrião, à última hora, fora obrigado a hospedar sua mãe, que viera para as corridas.

Isso inibira o comportamento dos outros hóspedes que, normalmente, costumavam proceder muito livremente durante aquelas corridas particulares, naquela casa particular.

Entretanto, na segunda noite, o conde conseguira chegar aos aposentos de Íris.

Com sua vasta experiência com mulheres e a autoridade que lhe conferira a fama de melhor amante de Londres, o conde percebera que por detrás da aparência angelical de Íris existia o fogo de uma mulher passional.

Não se desapontara, e considerara, ao voltar para seu próprio quarto, que fora uma noite adorável.

No dia seguinte, partira logo após a corrida e, enquanto procurava ver Íris novamente em Londres, lera no *The Times* que o casamento dela com o duque de Nuneaton já tinha acontecido.

Ao dançar com ela no baile oficial, sentira que a história não terminara, e que o casamento não apagara aquele fogo que queimava dentro dela.

Ao mesmo tempo, hesitara em deliberadamente atrair a esposa de seu vizinho para a infidelidade.

Um dos princípios do conde era o de não fazer amor com uma mulher na casa de seu marido, quando este, para todos os efeitos, era seu amigo.

Mesmo assim pensou que era impossível para Íris vir ao seu encontro sem que os criados ficassem sabendo.

Assim, sabia que, ou recusava seu convite ou mandava seus princípios às favas!

Lembrara-se de que o duque nunca gostara dele e, freqüentemente, distanciava-se, para fazê-lo sentir-se em segundo plano na região, quando ele estava presente.

E mais, ressentia-se da atitude que o duque tomara em relação ao príncipe Albert e à construção do Palácio de Cristal.

Para o conde, parecia uma simples questão de lealdade por parte daqueles que freqüentavam o Palácio de Buckingham e mereciam a confiança da rainha e do consorte, apoiar o príncipe em seu projeto, o qual não só seria bom para o país, mas também conseguiria desenvolver as relações comerciais com todo o mundo.

Havia sido isso, primordialmente, o que fizera com que o conde decidisse que, se o duque não conseguia cuidar de sua própria esposa, não seria ele a lhe ensinar o ofício.

E mais, pensara ele, seria certamente um prazer rever Íris e sentir aquele fogo queimando em seus lábios, os quais pareciam não ter pronunciado nunca algo que fosse uma prece ou um salmo. . Somente quando já se dirigia ao castelo é que o conde se perguntara se não estaria passando por tolo, assumindo riscos desnecessários, em ir ao encontro de uma mulher cujos favores já desfrutara.

Ao alcançar o limite entre as duas propriedades, quase voltara.

Tinha a desconfortável sensação de que buscava o perigo, embora não soubesse o porquê.

— Devo estar ficando velho, se não consigo entrar nessa aventura comum sem me sentir seguro! — pensara desdenhosamente. — E Deus sabe que sou jovem demais para ficar sozinho e pesar a minha consciência!

Passou para as terras do duque e lembrou-se de que, se fosse há dez anos, quando pela primeira vez viera de Oxford, sentiria que aquela era uma emoção que não poderia perder!

Ao cavalgar, apenas achava que Íris valia qualquer problema que viesse a aparecer!

Freqüentemente, o conde percebera que, em seus casos de amor, a emoção do primeiro encontro nunca mais era repetida com igual força nos subseqüentes.

Certamente, em sua experiência, tinha sido fatal reviver casos que pensava já terem terminado. Mas isso não se aplicava à Íris, pois, na verdade, uma única noite não podia ser chamada de romance.

Talvez, pensava ele, fosse melhor permanecer sozinho, pois não desejava enfurecer o duque, o que certamente aconteceria se ele soubesse o que estava acontecendo.

Mas Íris, sem dúvida, sabia muito bem o que fazia.

Ele deixara muito claro a ela, como a todas as outras mulheres, que era um amante e não um marido, e que suas intenções eram estritamente desonrosas, e nada ou ninguém poderia mudá-lo.

— Ela, certamente, é bastante adulta para se cuidar — desculpou-se o conde —, e não há porque eu bancar a babá!

Já tinha alcançado a torre oeste e, enquanto passava através dos arbustos, descobriu que havia muitos lugares onde poderia prender as rédeas de seu cavalo.

Tendo desmontado, viu a porta da torre bem à sua frente, e ao se aproximar, percebeu que estava entreaberta.

O céu já estava quase escuro e a primeira estrela brilhava sobre a torre.

O conde olhou para cima e, vendo as janelinhas estreitas, pensou que em tempos mais remotos, sem dúvida estaria caído ao chão, com uma seta espetada no peito.

Então, com um sorriso em seus lábios, que zombavam de si próprio, empurrou a pesada porta de carvalho e começou a subir as escadas circulares, em direção a uma luz que brilhava.

CAPÍTULO III

Sorilda percebeu que estava sentindo frio.

Ao acender as velas para continuar lendo, fechara as cortinas para impedir que as mariposas entrassem, mas deixara a janela aberta.

Agora, uma brisa noturna balançava as cortinas e ela a percebia invadindo seu fino penhoar, embora, até aquele momento, não tivesse sentido calafrios.

Levantou-se e percebeu que, apesar de haver tentado se concentrar no livro, uma parte de seu cérebro continuava a se ocupar do conde e da duquesa.

Pensou que aquilo era, realmente, ridículo demais para ser tão chocante, ainda que soubesse que a maneira como estavam se comportando ofendia não só seu sentido de propriedade, mas também o seu instinto de beleza.

Continuamente surpreendera-se que sua tia, que era tão bonita, pudesse ter caráter tão desagradável, mas nunca suspeitara que ela fosse tão imoral.

Comparava isso à sensação de achar um cancro no que parecia ser um fruto perfeito ou um escorpião no meio de um lírio.

— Não pensarei nisso — disse a si mesma com determinação.

Dirigiu-se à penteadeira e retirou os alfinetes de seus cabelos, notando, quando eles caíram sobre seus ombros, que estavam lambuzados da pomada que Harriet aplicara, e odiou sua tia por querer que ela ficasse o mais feia possível.

Uma vez por semana Sorilda lavava seus cabelos, e era delicioso vê-los caindo em ondas suaves contra sua pele branca.

Nessas horas, lembrava-se sempre de sua mãe, e imaginava o quanto ela ficaria consternada ao ver a sujeira daqueles cabelos, os quais escovara com tanto orgulho, desde que Sorilda era criança.

Agora, como queria fazer alguma coisa, começou a escová-los, percebendo que começavam a se tornar mais flutuantes a cada escovada, até que se transformaram em uma nuvem vermelha e gloriosa.

Na parte de cima de sua cabeça,' eles continuavam oleosos e pegajosos; então, esfregou-os com uma toalha até conseguir retirar quase toda a pomada e, ao olhar-se no espelho, viu que eles brilhavam à luz do candelabro.

Sabia que, na manhã seguinte, Harriet viria aplicar novamente a pomada

e prendê-los tão fortemente à sua nuca que chegava até mesmo a machucá-la.

Ela desistira de protestar, pois isso apenas significava que sua tia iria brigar e rugir com ela, fazendo com que se sentisse humilhada por estar tão desamparada e nada poder fazer.

Agora, ao pensar na maneira desonrosa com que sua tia estava procedendo, chegou à conclusão de que isso teria um efeito sobre todo o castelo.

Mas, aí, disse a si mesma que era um exagero. O castelo tinha sobrevivido, assim como a família Eaton, a despeito de todos os crimes, e, provavelmente, houve duquesas que procederam tão ou mais escandalosamente que Íris.

Admitindo-se que tivessem existido, não havia lembrança delas, e, talvez, tivessem sido espertas o suficiente para escapar impunemente, da mesma maneira como Íris o conseguiria.

Sorilda tirou seu penhoar e estava prestes a se deitar, quando, subitamente, ouviu um barulho inesperado.

Por um momento, não conseguiu distinguir o que era. Depois, como o barulho continuasse, foi até a janela e puxou as cortinas para olhar. Para seu espanto, viu as luzes de uma carruagem que, em meio à escuridão das árvores, margeava a estrada.

A princípio, foi difícil divisar qualquer coisa, até que, ao final das árvores, já perto da rampa que levava ao castelo, viu um homem a cavalo partir de carruagem em direção à torre oeste.

Sorilda viu que a carruagem era a mesma que levara seu tio para Londres, acompanhado, como sempre, por dois cavaleiros.

Talvez, pensava ela, tivesse se esquecido de algo importante e mandará a carruagem de volta para apanhar o que esquecera, e, nesse caso, um dos criados mais antigos viera em seu lugar.

A carruagem alcançou o pátio e Sorilda viu que não errara. Rowlandson, o cocheiro mais antigo, estava na boléia e, ao lado dele, James, o criado que sempre acompanhava seu tio, quando este saía para viagens curtas.

Havia apenas um cavaleiro acompanhante, que estacionou seu cavalo no mesmo instante em que a carruagem parou junto aos degraus.

James desceu da boléia e abriu a porta da carruagem. Sorilda, olhando para baixo viu seu tio desembarcar.

Ele voltara!

Com uma sensação de horror, pensou no que ele encontraria ao entrar em casa.

Por um segundo, ocorreu-lhe que era bem feito para sua tia e que era muito justo que fosse punida por seu comportamento.

Mas, então pensou no quanto seria duro esse golpe para seu tio.

Ele amava sua nova esposa com uma emoção que Sorilda nunca pensou que fosse capaz de senti-la, e era, como sabia, extremamente ciumento.

O que quer que sentisse pessoalmente por Íris, seu tio nunca lhe demonstrara a não ser carinho e, se pudesse, deveria impedir que ele soubesse o que sua esposa estava fazendo.

Abaixo dela, James puxava com força o sino que existia ao lado da porta de carvalho. Então, ele bateu a aldrava, o que, sabia Sorilda, faria o velho vigia vir correndo pelo vestíbulo.

Sem esperar mais, ela correu pelo quarto, atravessou a porta e avançou pelo corredor.

A porta dos aposentos da duquesa ficava do outro lado, um pouco à direita e, ao bater, pensou ter ouvido um murmúrio de vozes.

Pareceu-lhe que estavam conversando e depois ficaram em silêncio.

Sorilda bateu novamente.

Como soubesse que sua tia estava deliberadamente fingindo dormir, disse o mais espalhafatosamente possível:

— Tio Edmund voltou para casa!

Por um momento, achou que ninguém a tinha ouvido; mas, então, ouviu uma exclamação que parecia um guincho.

Achou que tinha feito o que lhe era possível e, como não quisesse que seu tio a encontrasse no corredor, voltou rapidamente para seu quarto, fechando a porta e indo para a cama.

Não se deitou; ficou sentada com as costas apoiadas nos travesseiros, todo o corpo retesado, enquanto procurava ouvir.

Como seu quarto ficasse bem acima da porta principal, e as vozes ecoassem pelo castelo, pôde ouvir o murmúrio do que achava ser o vigia.

Então, por estar com todos os nervos tensos, teve certeza de ouvir os passos de seu tio subindo as escadas, antes mesmo que estivessem ao alcance dos ouvidos.

Sendo um homem grande, sem dúvida seus passos eram pesados, e não havia dúvida de que os ouviu quando ele parou no topo das escadas, no amplo corredor, cujo assoalho não era atapetado, mas coberto por alfombras persas.

Agora, os passos eram ameaçadoramente altos pelo corredor e, de repente, a porta de seu quarto se abriu e ela viu o conde entrando; quando ele

fechou calmamente a porta atrás de si, Sorilda o fitou espantada, antes que ele se virasse para ela.

Vestia uma camisa e calças justas, e sobre os ombros trazia seu casaco e uma gravata preta.

Como se estivesse surpreso ao vê-la, o conde permaneceu rígido. Então, entreolharam-se e Sorilda disse, gaguejante:

— Não deve… vir aqui! Deve… sair… pela… torre oeste!

— Eu tentei! — respondeu o conde com uma voz tão baixa quanto a dela. — Mas havia alguém vindo pelas escadas!

Imediatamente, Sorilda lembrou-se do cavaleiro que vira se dirigindo para a torre.

Ele deve ter encontrado o cavalo do conde, pensou ela, e, então, sob as ordens de meu tio, deve ter subido as escadas que conduziam aos aposentos de Íris.

— Desculpe-me minha intromissão — disse o conde, ainda em voz baixa — mas vi luz sob a sua porta e não tive tempo de procurar outro lugar.

Enquanto ele falava, Sorilda lembrou-se de que, quando atravessara o corredor para bater à porta de sua tia, notara que todas as velas tinham sido apagadas, e a única luz que havia era do seu quarto.

Agora, pensava que, por sorte, o duque não tinha visto o conde e este pudera escapar.

Ouviu os passos do duque passando pelo corredor e, a seguir, uma segunda porta se abrindo. Então, audívelmente, a voz de sua tia gritando:

— Edmund! Que surpresa! Por que voltou?

— Onde está ele?

O duque berrava e, pensava Sorilda, não havia dúvidas que ele estava incrivelmente furioso.

— Onde está quem?

— Você sabe perfeitamente a quem estou me referindo! — berrou o duque. — E, quando o encontrar, vou pôr os dois para fora, se não a matar antes!

— Sobre o que está falando? O que quer dizer? Eu não entendo!

O duque não respondeu, mas havia um barulho como se estivesse abrindo armários e guarda-roupas, e, não encontrando nada, batesse com força as suas portas.

Então, ouviram-se os passos retrocedendo, e Sorilda percebeu que ele se dirigia ao *boudoir* e ao seu próprio quarto.

Olhou para o conde e viu que, enquanto ela estivera escutando, este

vestira seu casaco e sua gravata encontrando-se agora totalmente vestido e muito elegante.

Ocorreu a Sorilda que ele era tão atraente que havia até alguma desculpa para que Íris o preferisse ao seu velho tio.

Mas, rapidamente, disse a si mesma que desprezava ambos e seu comportamento, pois eles a chocavam e revoltavam.

Desviou seu olhar do conde, pois novamente ouvia vozes à distância.

— O cavaleiro que você ouviu subindo as escadas — disse Sorilda, com um murmúrio — irá encontrar seu cavalo.

— Estou certo que sim — disse o conde.

Sorilda achou que ele a estava ofendendo e pensou que, se não fosse por sua intervenção, o duque o descobriria dentro do quarto da duquesa.

— Como sairei daqui? — perguntou o conde e, novamente, ela achou que seu tom era desagradável.

— Se você olhar pela janela — disse ela — poderá ver se a carruagem já se foi. Nesse caso, se despistar o vigia noturno, poderá sair pela porta da frente.

— Acho isso improvável!

Ao falar, o conde caminhou até a janela, empurrou as cortinas e olhou. Enquanto fazia isso, a porta do quarto de Sorilda abriu-se e ali estava o duque!

Por um momento, parecia que os olhos dele procuravam captar cada detalhe: Sorilda sentada na cama, com seus cabelos avermelhados caindo por sobre sua camisola, o conde com as mãos nas cortinas e sua face voltada para a porta, ao primeiro som que ela fizera ao se abrir.

— Então você está aqui!

A voz do duque parecia anunciar a sua entrada e, por um momento, o conde não respondeu; Sorilda apenas prendeu a respiração.

Então, ouviu-se um súbito grito e apareceu a duquesa, vestindo, conforme notou Sorilda, um lindo penhoar de veludo azul, adornado com rendas.

Por um momento, ela pareceu boquiaberta vendo o conde e Sorilda, como já fizera o duque; depois exclamou:

— Sorilda! Como pôde fazer isso? Como você é cruel!! Como podia adivinhar, como podia imaginar que iria se comportar tão desavergonhadamente?

Por um momento, Sorilda não entendeu. Então, compreendeu que todos no quarto olhavam para ela.

Antes que pudesse falar, a duquesa afirmou para o duque:

— Estou consternada, Edmund! Absolutamente consternada por isso ter acontecido! E justamente quando você estava fora de casa! É duro acreditar nisso que os olhos estão vendo!

O duque estampava raiva em seu rosto, misturada a uma expressão de suspeita, que o fez olhar desconfiado, primeiramente para sua esposa e depois para o conde.

Lentamente, como que escolhendo suas palavras, disse:

— Não posso acreditar que minha sobrinha o tenha convidado a vir aqui, milorde. A menos que minha memória falhe, nunca a tinha visto antes.

— Talvez você esteja errado, Edmund — disse a duquesa. — Estou me lembrando que alguém, acho que Harriet, já tinha contado que Sorilda mandara um bilhete para Winsford House e recebera uma resposta.

O duque abriu a boca para falar, mas antes que pudesse dizer algo, a duquesa continuou:

— Foi assim que ela marcou o encontro. Olhou para o conde e disse:

— Tenho certeza, milorde, de que pode assegurar a meu marido que não recebeu nenhuma carta assinada por mim, nas últimas vinte e quatro horas.

Os lábios do conde contorceram-se um pouco quando, pela primeira vez desde que o duque tinha entrado no quarto, falou:

— É verdade.

Sorilda, mais uma vez, achou que ele mentia. Então, ocorreu-lhe que, talvez, o bilhete que sua tia enviara estivesse sem assinatura; assim, seria mais difícil ainda provar a sua inocência.

Ao se lembrar de como a mandara para os estábulos com o bilhete para o conde e como recebera a resposta, deduziu que sua tia era consideravelmente astuta para montar uma armadilha para ela.

Com um grande esforço, começou a dizer:

— Tio Edmund… gostaria de… lhe dizer…

Antes que pudesse prosseguir, a duquesa deu um gritinho e avançou em sua direção:

— Nós não ouviremos suas mentiras! Nem pretenda fazer as coisas piores do que já estão! Tenho vergonha de você, muita vergonha! Espero que seu tio a puna o quanto merece!

Sua voz era vingativa, mas, pensou Sorilda, também um pouco apreensiva.

Então, à luz do candelabro ao lado de sua cama, pôde ver a verdade, Íris estava certamente com medo, e lutava com todas as suas forças por sua

própria sobrevivência. O conde dirigiu-se ao duque.

— Peço à Vossa Graça — disse ele — que aceite minhas desculpas por esta cena extremamente desagradável. Talvez possa procurar Vossa Graça amanhã cedo, quando lhe for conveniente, para me desculpar melhor.

— E acha que me satisfará? — perguntou o duque.

— Somente posso esperar que sim — respondeu o conde.

Parecia que os dois homens punham-se em guarda cautelosamente, ambos cientes da gravidade e do impacto da batalha que se travava entre eles.

— Penso que possa dizer muito pouco para me satisfazer, Winsford — disse o duque, após um momento. — Fui informado de que, na minha ausência, estaria visitando minha mulher.

— Quem pode ter dito tal coisa? Quem me quer tão mal? — interrompeu a duquesa. — Foi uma carta anônima? Se foi, como pode ser tão tolo a ponto de lhe dar crédito, Edmund? Eu o amo! Você é o mundo para mim! Como pode ter imaginado, mesmo por um minuto, que eu o trairia com outro homem?

— Meu informante foi muito preciso em suas acusações! — disse friamente o duque. — Disse-me que o conde entraria na casa pela torre oeste, o que, sem dúvida fez, pois seu cavalo lá estava esperando por ele; e que você estaria ansiosa por vê-lo!

— Você me disse — continuou o duque —, que eu estava mal informado, e no tempo que levei para entrar e subir as escadas, acabei descobrindo Winsford não em seu quarto, mas no de minha sobrinha.

Ao falar, olhou para a janela.

— Estranho, Winsford — disse ele — que não tenha me ouvido chegar, sendo que este quarto dá para a porta principal da casa. Teria tido tempo de encontrar um outro esconderijo, não é?

Sorilda sentiu que um pouco de sua tensão desaparecia.

Seu tio não acreditara na acusação de sua tia contra ela, e, assim, não seria mais envolvida.

Por um momento, sentiu-se tão aliviada que recostou-se nos travesseiros.

Então, o duque continuou, como que escolhendo as palavras: .

— Ao mesmo tempo, minha mulher, como ela diz, não está envolvida; assim, naturalmente, preciso defender a honra de minha sobrinha, pois, desde a morte de seus pais, sou seu tutor.

Sorilda endireitou-se novamente. Ficou imaginando o que queria dizer com isso.

— Assim — continuou o duque — posso exigir a única compensação possível.

Ao falar, Sorilda viu que o conde se aprumara e que a duquesa, olhando de um homem para outro, perguntava:

— O que está dizendo? Sobre o que está falando, Edmund?

— Estou deixando claro — replicou o duque — que a única coisa honrada que o conde de Winsford pode fazer nestas circunstâncias é oferecer casamento à minha sobrinha!

— Casamento? — exclamou a duquesa com um guincho. — Você tem certeza?

— Por que não? — perguntou o duque. — Seguramente, minha querida, grande é a afeição dele por Sorilda, já que cavalga de noite de sua casa até a minha, aqui entra de uma maneira secreta, a qual ela naturalmente deve ter planejado, e é encontrado em seu quarto, quando Sorilda usa apenas uma camisola!

O tom do duque era mordaz e Sorilda exclamou:

— Por favor… tio Edmund… o senhor… precisa me ouvir.

O duque olhou para ela, assim como a duquesa e o conde.

Eram três pares de olhos que pareciam esperar por sua declaração. Um par, desconfiado; os outros dois, apreensivos.

Direi a verdade, pensou Sorilda.

Mas quando estava para fazê-lo, percebeu, quase que como se uma voz estivesse lhe dizendo, que ali estava a fuga que tanto desejara.

Ao invés de muitos anos encarcerada numa prisão, onde recebia todo o tipo de insultos e crueldades por parte de sua tia, poderia levar uma vida muito diferente.

Era amedrontador, e, talvez até humilhante, casar-se com um homem que não a queria e a quem ela desprezava.

Mas nada poderia ser pior do que ser massacrada e tornada insignificante por Íris.

E agora era sua chance de escapar.

Podia ser uma escapatória estranha e desesperada. Talvez, como já pensara, fosse algo mais amedrontador de tudo o que já vira em sua vida, mas, ao menos, estaria livre da duquesa e, naquele momento, nada mais parecia ter importância.

Seis olhos a fitavam. Três pessoas esperavam o que ela iria dizer, e, então, um pouco insatisfatoriamente, por ter que escolher as palavras e sem tempo para pensar muito, disse:

— Desculpe-me… tio Edmund… desculpe-me realmente. Só… posso pedir… que me perdoe!

Por um momento, houve espanto nos olhos do duque.

Então, ao olhar rapidamente para sua esposa, viu o alívio indisfarçável em suas faces, e as linhas de cinismo parecendo se aprofundar, quando se virou novamente para o conde.

— Ainda estou esperando, Winsford.

O conde endireitou seus ombros, como se fosse um soldado marchando para a morte, e disse:

— Apenas posso pedir à Vossa Graça permissão para ajuntar meu sobrenome ao de sua sobrinha!

— Não apenas permito — replicou o duque — como, para ter certeza de que a fará uma mulher honesta, sugiro que seu casamento aconteça tão logo consiga uma licença especial. Houve uma pausa antes que completasse:

— Isso levará aproximadamente quarenta e oito horas. Como hoje é quarta-feira, sugiro que a cerimônia se realize aqui no castelo, ao meio-dia de sexta-feira.

— Isso é ridículo! — exclamou a duquesa. — Por que essa pressa desnecessária? Seguramente, seria melhor pensar em tudo e não agir assim!

— Naturalmente, estou pensando em Sorilda — respondeu o duque. Sua voz era sarcástica, quando continuou:

— Pode haver alguma conseqüência infeliz desta ligação secreta, a qual, naturalmente, deve ter se entabulado ao longo de vários encontros; e, nesse caso, minha querida, deve entender que, quanto mais cedo ela se tornar sua esposa melhor!

Sorilda achou que o conde ia falar algo, mas antes que isso acontecesse, o duque virou-se e abriu a porta.

— Boa-noite, milorde! — disse ele. — Arranjarei tudo, com meu capelão particular, para o casamento e espero que Vossa Excelência esteja aqui pouco antes de meio-dia, na sexta-feira com, obviamente, a licença especial.

O conde inclinou-se.

Então, por não conseguir dizer nada, saiu, e Sorilda ainda o ouviu caminhando pelo corredor, em direção às escadas.

Demorou um pouco para a duquesa recobrar a voz. Então, num tom que mostrava a Sorilda estar cheia de raiva, disse:

— Realmente, Edmund, acho que está se portando de maneira ridícula. Concordo que Sorilda foi extremamente indiscreta, mas talvez não queira se casar com o conde, nem ele com ela.

— Nesse caso — replicou o duque —, torna-se mais repreensível ainda terem marcado um encontro nos aposentos dela.

A duquesa soltou um suspiro exasperado e o duque continuou:

— Não permito que minha sobrinha se comporte como uma prostituta, ou que o conde entre e saia do castelo como se estivesse num bordel; assim, estou tomando medidas rigorosas para que isso não aconteça novamente.

Olhava para a duquesa de maneira a fazer Sorilda achar que Íris não poderia deixar de compreender a mensagem que estava lhe enviando.

Por um momento achou que sua tia iria retrucar, mas o duque continuou:

— Naturalmente, há uma outra alternativa. Poderia mandar Sorilda embora, com malas e bagagens, para que vivesse por conta própria. Segundo o ponto de vista de muitas pessoas, isso seria o castigo para tal tipo de comportamento. Ou deveria chamá-lo de crime? Mas sinto que você preferiria que eu fosse mais misericordioso.

Agora a duquesa entendia claramente tudo, e pareceu a Sorilda que ela, ao ouvir tudo isso, retraía-se fisicamente, parecendo ficar menor.

— Não gostaria que você fosse cruel! — disse ela, finalmente, com voz tremida.

— Foi o que pensei — replicou o duque — e, agora, vamos nos retirar, pois estou cansado da viagem, e é muito agradável saber, querida esposa, que está tão contente em me ver aqui em casa.

O sarcasmo na voz do duque era indisfarçável e, com um suspiro, a duquesa voltou-se e saiu do quarto.

O duque seguiu-a e, ao atingir a porta, ficou por um momento olhando para Sorilda, prestando atenção em seus cabelos vermelhos iluminados pelo candelabro e para o medo estampado em seus olhos.

Então, calmamente, como que não querendo que sua esposa o ouvisse, disse:

— Você não poderia desejar alguém pior, como marido, que o conde de Winsford!

Fechou a porta atrás de si e Sorilda levou as mãos ao rosto.

O que fizera? O que acontecera?

Parecia-lhe impossível que tudo aquilo tivesse acontecido em dez ou quinze minutos, e que toda a sua vida tivesse sido alterada.

Imaginava o que poderia ter dito que a salvasse sem destruir completamente a duquesa, ou, se não fosse capaz disso, que a impedisse de entrar em uma longa e causticante discussão, quando, por ter sua tia

inteligentemente apagado seus próprios rastros, não conseguiria provar sua inocência.

Seu tio sabia a verdade, ela não tinha dúvida sobre isso. Não se enganara com o fato de o conde ter sido encontrado em seus aposentos, ou pela representação da duquesa.

Ele tinha sido esperto o suficiente para compreender que, se a chegada de sua carruagem a tivesse alertado, fora ela, Sorilda, quem dera ao conde o tempo suficiente para que escapasse do quarto da duquesa.

A pessoa que tinha lhe contado a respeito do bilhete da duquesa para o conde obviamente o tinha alertado também que ele entraria pela torre oeste.

Sim, o duque conhecia a verdade, achava Sorilda, e ao pensar e repensar no que poderia ter feito ou dito, chegava sempre à conclusão de que, por mais que protestasse, o resultado seria inevitavelmente o mesmo.

— Você não poderia desejar alguém pior, como marido, que o conde de Winsford!

O último comentário de seu tio parecia retinir em seus ouvidos.

A despeito de todos os seus estudos, Sorilda era muito inocente e conhecia muito pouco do procedimento humano.

Temas escandalosos eram raramente tratados em sua casa, quando ainda vivia com os pais, pela simples razão de que esses assuntos lhes desagradassem, e havia muito mais coisas em que estivessem interessados.

Assim, Sorilda não sabia que, no mundo social, era comum que um cavalheiro como o conde tivesse uma longa série de *affaires de coeur* com mulheres bonitas, as quais não consideravam imoral trair seus maridos, desde que eles não descobrissem.

Vários nobres e personalidades como o duque ficavam muito apreensivos com o fato de que, sob o reinado da jovem rainha Vitória, fosse proibida a licenciosidade que caracterizara os dois últimos monarcas.

Não há dúvida de que o rei William IV, juntamente com sua esposa Adelaide, fez o que pôde para criar uma atmosfera, no Palácio de Buckingham e em Windsor, distinta daquela impingida pela vulgaridade de George IV e de sua gorda e velha amante.

Mas o rei William teve dez filhos ilegítimos com a Sra. Jordan, uma atriz, e assim foi difícil que todos levassem as reformas a sério.

A rainha Vitória era um exemplo brilhante para a nação, não apenas por ser jovem, pura e decente, mas porque todo mundo sabia que, quando lhe disseram que seria rainha, afirmara com determinação:

— Serei boa!

O príncipe Albert era seu parceiro perfeito. Ao onze anos de idade, anotara em seu diário:

Pretendo educar-me para ser um homem bom e útil!

Não foi surpresa que o Palácio de Buckingham mudasse com aqueles dois jovens excepcionais, e todo o país mergulhasse em um puritanismo que representava a reação aos licenciosos tios de Vitória.

Por ouvir dizer de sua mãe, Sorilda crescera acreditando que as mulheres podem representar uma influência benéfica não só para as pessoas com as quais têm contato, mas, particularmente, para seus maridos e filhos.

Lendo seus livros de história, as novelas de *sir* Walter Scott, onde os bons sempre triunfam sobre os maus, e as de Jane Austen, nas quais as damas e cavalheiros sempre levam vidas exemplares, Sorilda acreditava que se casaria quando encontrasse um homem a quem amasse e que a amasse também.

Não se considerava importante, apesar de ser sobrinha de um duque, a ponto de ter um casamento arranjado, como acontecia nas famílias reais e entre os clãs mais aristocráticos.

Algumas vezes ficava a imaginar o homem que seria seu marido e, sempre, este lhe parecia inteligente e encantador, e muito apaixonado, como fora seu pai.

Somente quando a nova duquesa havia começado a tentar torná-la feia, por todos os métodos, e a afastá-la até dos velhos amigos de seu tio, é que começara a visualizar para si uma longa vida de solteira.

Achava que seria, eternamente, uma escrava daquela mulher que a odiava, e não via possibilidades de mudança dessas circunstâncias.

Se sua nova tia tivesse a mesma idade de seu marido, talvez morresse logo, mas Íris tinha apenas vinte e cinco anos, somente sete a mais que ela, e, certamente, era bastante forte.

— O que farei, mamãe? — freqüentemente perguntava Sorilda, na escuridão da noite.

No frio de seu quarto, ouvindo o vento soprar através das torres normandas, sentia que ninguém iria responder, pois sua mãe a abandonara.

Agora, súbita e inesperadamente, a porta de sua prisão se abrira e ela podia sair, não da forma que escolhera, mas que representava, sem dúvida alguma, uma escapatória.

Sorilda tentou rezar, mas as palavras não lhe vieram.

Ao contrário, apenas começou a tomar consciência de uma apreensão, muito penetrante, de que no dia seguinte teria que encarar sua tia.

Ela não deseja que eu me case com o conde! pensou, e, com uma ponta

de satisfação, concluiu que Íris não poderia fazer nada a esse respeito.

— Você não precisa de um vestido de noiva — disse a duquesa, e sua voz, desde que tinham se encontrado pela manhã, parecia um chicote.

Sorilda não tivera meios de descobrir o que acontecera entre o duque e sua esposa, depois que se retirara para seus aposentos.

Mas não havia dúvida de que a beleza da duquesa estava obscurecida, quando descera por volta do meio-dia.

Estava com olheiras e Sorilda suspeitava, embora não tivesse certeza de que o duque dormira sozinho em seu quarto.

De qualquer forma, ele se levantara cedo para cavalgar.

Sorilda adivinhara isso e não fora, como de costume, aos estábulos. Ao contrário, permanecera no quarto até que a chamassem, pensando que a noite anterior tinha sido um pesadelo e, na verdade, nada acontecera.

No entanto, bastou ouvir a maneira como a duquesa lhe falou para saber que era verdade, e que sua tia estava furiosa por ela ter de se casar com o conde.

— Se não terei um vestido de noiva e, obviamente, não há tempo para confeccioná-lo — perguntou Sorilda — o que sugere que eu use?

— Qualquer coisa! Pensa que o conde vai reparar em você?

A duquesa falava despeitadamente; então, como se tivesse medo de ser ouvida, olhou de soslaio para a porta.

Elas estavam a sós na sala de estar; o duque, tendo retornado de sua cavalgada, avistava-se com seu procurador, tendo, sabia Sorilda, mandado um criado a Londres, com uma carta de desculpas para a rainha por não ter estado presente ao encontro para o qual fora especialmente convidado.

— Não sei por que não disse a seu tio que não queria se casar! — continuou a duquesa.

— Acredita que ele teria me ouvido?

— Fiquei pensando… — continuou a duquesa, como se ela não tivesse dito nada — e acho que poderia ter dito que suas convicções religiosas a impedem de se casar com alguém tão ruim como o conde!

Houve uma pausa, antes que ela continuasse:

— Ou por que não sugeriu que queria entrar para um convento?

— Porque não seria verdade!

Sorilda encarou a duquesa e, subitamente, descobriu que não tinha mais medo dela.

Até aquele momento, sempre se encolhera timidamente cada vez que Íris falava, com seus modos amargos e degradantes, que a faziam sentir-se

insignificante e dependente.

Mas agora, naquele momento, sentiu que esse medo se acabava e não precisava mais se atemorizar, pois estava se libertando.

— Recuso-me — disse firmemente — recuso-me completa e terminantemente a casar-me com um desses hediondos vestidos castanhos que tem me obrigado a usar, desde que se casou com tio Edmund!

A duquesa ficou atônita.

— Como ousa me falar dessa maneira? — disse raivosamente. — Vá até seu tio e diga-lhe o que estou lhe mandando. Isso impediria que esse casamento desastroso acontecesse!

— Mesmo que eu não me case com o conde — replicou Sorilda — acho difícil que a senhora possa vê-lo novamente!

A duquesa soltou um grito de raiva e deu um tapa no rosto de Sorilda. Ela não esperava por isso e, por um momento, ficou sob o feito do golpe; então, calmamente disse:

— Se fizer isso novamente, irei até tio Edmund e lhe contarei a verdade!

— Ele não acreditaria em você.

— Ele é bastante inteligente para perceber por que o conde veio para o meu quarto — respondeu Sorilda — e que fui eu quem a avisou de sua chegada.

A duquesa espremeu os lábios por um momento; então, esquecendo-se totalmente de sua postura, levantou-se e disse:

— Case-se com ele, se está querendo tanto um título de nobreza! Mas não se engane: ele fará de você a mais infeliz das mulheres! E eu ficarei feliz, muito feliz com isso!

Com essas últimas palavras, saiu da sala batendo a porta e Sorilda, embora sentisse seu coração bater furiosamente por ter tido tanta coragem, deu um pequeno sorriso.

Seu rosto doía com a força do tapa da duquesa. Mas, ao mesmo tempo, percebia que tinha ganho a batalha e, após meses de sujeição, sentia-se consolada.

Além disso, não gostaria de ir para seu próprio casamento parecendo desleixada e horrível, com seus cabelos oleosos e sem crinolina.

O casamento se realizaria no dia seguinte, e não havia tempo para comprar nada.

Nas pequenas cidades entre o castelo e Londres, como Bedford e St. Albans, não havia nada que pudesse usar, o mesmo acontecendo com Northampton.

Se houvesse um pouco mais de tempo, ela mesma poderia confeccionar algo, que, com certeza, lhe cairia melhor que aqueles horríveis vestidos que a duquesa insistia em comprar para ela.

Por um momento, Sorilda pensou em propor a seu tio que se adiasse o casamento, mas não só era improvável que ele concordasse, como talvez isso desse tempo à sua tia para achar alguma "justa causa ou impedimento" para que ele não ocorresse.

Sorilda sabia que Íris estava terrivelmente enciumada por ela se tornar a esposa do conde e suspeitava, embora não tivesse certeza, de que ela estava realmente apaixonada por ele.

Isso não era para Sorilda a idéia que fazia do amor. Certamente, nessa relação não havia nada de espiritual.

Ao mesmo tempo, fosse por ter perdido o amor do conde ou pela maneira como o duque a tratara, não havia dúvida de que, à medida que o dia passava, Íris se tornava mais infeliz, além de temerosa de sua própria segurança.

Pela primeira vez, desde que se casara, ela literalmente bajulava o duque, fitando-o suplicantemente com seus olhos azuis e falando com ele com um jeito triste, como uma criança que tivesse sido punida imerecidamente.

O duque mostrava-se sarcástico e frio, como nunca Sorilda o vira anteriormente, o que, sem dúvida, era um choque para sua esposa.

Sorilda, no entanto, recusou-se terminantemente a se preocupar com eles, concentrando-se em seus próprios problemas.

Dirigiu-se ao seu quarto e olhou para os vestidos no guarda-roupa, achando que um era mais feio do que outro.

Então, desesperadamente, subiu ao sótão, onde tinham sido colocadas as bagagens que trouxera consigo após a morte de seus pais.

Abriu uma das malas, que continha as roupas de seu pai e, ao olhar para elas, sentiu as lágrimas brotando nos olhos, compreendendo que nunca, desde sua morte, sentira tanta falta dele como agora.

Era uma agonia saber que nunca mais poderiam conversar outra vez; e que ela não mais poderia lhe fazer perguntas, cujas respostas tanto lhe ensinavam e estimulavam sua mente.

Fechou a mala e abriu outra que pertencera à sua mãe.

Ao morrer sua mãe, Sorilda tinha apenas quinze anos, e muitas das roupas dela reavivava-lhe a lembrança daquela dama a quem tanto tinha amado.

Não haverá nada para mim aqui, pensou Sorilda, com desapontamento.

Então, achou uma armação de barbatana que sua mãe adquirira pouco antes de morrer.

Era muito revolucionária na época, quando a crinolina mal entrara na moda, mas sua mãe sempre fora uma pessoa inovadora.

Sorilda lembrava-se de que ela a comprara para um período de luto, quando ficara muito irritada por ter que vestir luto pela morte de uma prima distante.

— Por que tenho que usar crepe pela prima Adelaide? — perguntara ela a seu marido. — Uma velha senhora sempre aborrecida e lamurienta, que eu não posso perdoar por ter sido desagradável com você?

— Os britânicos são inclinados ao luto — respondera, brincando, seu pai — e felizmente, minha querida, ele lhe cai melhor que a qualquer outra mulher.

— Na verdade — completara ele, enlaçando sua esposa — com seus cabelos vermelhos e sua pele branca, a cor preta a torna terrivelmente atraente!

Sua mãe rira, e agora, ao relembrar aquela conversa, Sorilda retirou de debaixo da armação de barbatanas um vestido que, embora fosse preto, era exatamente o tipo de roupa que gostaria de usar em seu casamento, só que em branco.

O corpete era bem justo, de *chiffon* macio, o qual era fino o bastante para se tornar transparente nas costas.

Não era surpresa, pensava Sorilda, que seu pai achasse sua mãe deslumbrante, pois o vestido preto acentuava não só sua pele branca como magnólia, mas também seus cabelos vermelhos e seus olhos verdes.

Podia se lembrar da boca de sua mãe, adoravelmente entreaberta num sorriso, ao se olhar em um espelho, antes de saírem para o funeral.

— Os sérios parentes Eaton de seu pai ficarão horrorizados com minha aparência — dissera ela — mas o que podem eles dizer? Estou usando preto, sem qualquer outra cor!

Mas era sua mãe quem compunha a cor, pensou Sorilda, e achou que era exatamente isso o que lhe faltara nesses seis meses em que a duquesa lhe ensombrecera a vida.

A cor da alegria não só arredondara os lábios de sua mãe, como também brilhara em seus olhos e reluzira em seus cabelos.

Tudo o que tinham vivido juntos tinha um quê de felicidade e havia uma alegria em sua casa, que Sorilda nunca encontrara no castelo e que lhe fazia uma falta imensa.

Fora criada com amor; o amor de seus pais entre si e por ela, e isso transformara a vida em um encantamento, e suas dificuldades em aventuras.

Então, subitamente, sentada ao lado da mala, e segurando o vestido preto de sua mãe, Sorilda sentiu-se envergonhada.

— Mamãe não teria se dado por vencida tão facilmente! — disse a si mesma — Teria lutado, com seu modo inimitável, e vencido a duquesa, o que eu não consegui.

Lembrou-se de como sua mãe conseguia fazer com que todos os que a conhecessem se sentissem felizes. Traziam-lhe seus problemas, ela os ouvia e, de certa forma, conseguia encontrar alguma solução.

Conseguia fazer com que as pessoas vissem que, por mais negras que as coisas parecessem, havia sempre algo por que ser grato, e elas partiam mais alegres com suas bênçãos que preocupados com suas misérias.

Como tenho sido tola, mamãe! Sorilda pensou.

Embora soubesse que tinha se permitido ser tão desanimada em razão de sua juventude e de sua pouca experiência, parecia-lhe, agora, que, de certa forma, havia traído a memória de sua mãe.

— Lutarei pelo que quero e pelo que é certo — prometeu baixinho — começarei tudo de novo, de uma maneira diferente, mas, mamãe, a senhora terá que me ajudar. Não posso fazer isso sozinha!

Sentiu as lágrimas rolando por suas faces, mas que não eram amargas como aquelas que vinha derramando há seis meses.

Eram, agora, lágrimas de resolução, lágrimas que traziam com elas uma nova coragem, uma nova esperança para o futuro.

— Ajude-me, ajude-me, mamãe! — pediu ela novamente.

Então, de repente, ao se curvar e pressionar seus lábios contra o vestido preto que pertencera à sua mãe, soube o que deveria vestir em seu casamento!

CAPÍTULO IV

Sorilda ouviu uma batida à porta e virou-se do espelho onde se mirava.

— Quem é?

— Harriet, Srta. Sorilda. Sua Graça disse-me que viesse arranjar seus cabelos e ajudá-la com seu vestido.

— Posso arrumar-me muito bem sozinha. Obrigada, Harriet.

— Mas Sua Graça… — começou a explicar a criada.

Então a voz calou-se, obviamente retornando para relatar à sua patroa que Sorilda não a deixara entrar em seu quarto.

— Os lábios de Sorilda abriram-se em um pequeno sorriso, pois sabia como sua tia ficaria furiosa. Então, viu uma sombra de apreensão em seus olhos refletidos no espelho e levantou seu queixo orgulhosamente.

Não precisava ter medo, estava deixando o castelo e sua tia, e não havia razão para que se sentisse amedrontada e subserviente.

Olhou-se ao espelho outra vez e percebeu que sua aparência lhe dava uma coragem que nunca tivera.

O vestido de sua mãe, com sua ampla saia sobre a crinolina de barbatana presa à cintura estreita, acentuava, com sua cor negra, a alvura de sua pele e o vermelho de seus cabelos.

Ela os levara pela manhã, e não tinha intenção de deixar que Harriet os arruinasse com a horrível pomada negra, ou estragasse as suaves ondas que caíam em cada lado de suas faces.

Sorilda seria muito estúpida se não percebesse que estava não apenas adorável, mas completamente diferente.

O negro dera-lhe sofisticação e elegância; e, ao apanhar o chapéu de sua mãe para completar o conjunto, viu que parecia saída das páginas de uma revista de moda feminina.

O chapéu, com abas debruadas com renda, copa adornada com um *chiffon* que combinava com o vestido, estivera em moda três anos atrás, e Sorilda achava que, talvez, somente uma mulher fosse considerá-lo ultrapassado.

Ao mesmo tempo, sabia que qualquer homem, incluindo seu tio e seu futuro marido, iria ficar atônito ao ver uma noiva usando negro.

— Não tinha escolha! — disse para consigo.

Então, pensou que mesmo que tivesse, era uma alegria e uma inspiração usar algo que tinha pertencido à sua mãe.

Lembrava-se da doce fragrância de violetas que sua mãe usava, e que impregnava tudo o que ela vestia e os lugares por onde passava.

Era bem diferente do perfume pesado de Íris, o qual Sorilda sempre achara estar em desacordo com o campo e, especialmente, com o castelo.

— Ajude-me, mamãe! — disse em voz alta.

Ao proferir essas palavras muito suavemente, percebeu que alguém virava a maçaneta da porta.

Sorilda a trancara e, um momento depois, ouviu-se a voz áspera e imperativa da duquesa.

— Abra a porta, Sorilda! Não imagino por que queira se trancar aí!

— Quero estar sozinha!

— Sozinha? — exclamou a duquesa.

Não podia acreditar que alguém fizesse esse tipo de pedido e aumentou sua voz, ao dizer:

— Nunca ouvi *non-sense* igual! Quero falar com você e verificar se está vestida adequadamente!

— Quero ficar sozinha! — repetiu Sorilda. — Até que chegue a hora de descer para o meu casamento!

Podia imaginar a fúria estampada no rosto da duquesa que se via desafiada. Pensou, também, ouvir as batidas de seu pé, quando dizia:

— Nunca ouvi nada tão ridículo! Abra a porta imediatamente! Isto é uma ordem!

Sorilda olhou o relógio.

— Em dez minutos — disse rapidamente. — Não desejo receber ordens suas e, neste pouco espaço de tempo, quero pensar no meu futuro.

Sabia que sua resposta tinha deixado a duquesa boquiaberta, despojada de palavras com as quais contestar.

E então, com um som de exasperação e raiva, Íris afastou-se.

A despeito de ter se portado tão corajosamente, Sorilda deu um suspiro de alívio. Era difícil, após ter sido oprimida durante tantos meses, entender que o que dissera era verdade.

Não iria mais receber ordens da duquesa, mas somente do homem com quem não desejava se casar e que, ela tinha certeza, estava tão apreensivo com seu futuro quanto ela.

Então, Sorilda forçou-se a pensar que a única coisa que interessava era que o conde representava o seu único meio de fuga.

Caminhou até a janela e ficou olhando para o parque. Lembrou-se de como se imaginara uma prisioneira real, encarcerada em um castelo inexpugnável.

Mas, agora, o pesadelo acabara e a única coisa que a amedrontava era a possibilidade de estar escapando de uma prisão para cair em outra.

Instintivamente, começou a rezar para sua mãe, pedindo ajuda, e a Deus, que, nesses últimos meses, ela achava tê-la abandonado!

Mas sabia, agora, que não fora esquecida, que não estava desamparada, mas sob a *Sua* proteção, e *Ele* estaria sempre com ela, qualquer que fosse seu futuro!

Mergulhada em suas preces, assustou-se quando ouviu outra batida à porta.

— Quem é?

— Sua Graça pediu-me que a informasse, Srta. Sorilda, que Sua Excelência está aqui!

Sorilda suspirou.

— Informe à Sua Graça que descerei imediatamente.

— Muito bem, senhorita!

Sorilda afastou-se da janela e olhou à volta do quarto. Tudo estava pronto.

Desfizera suas malas, após as criadas as terem feito e retirara todos os odiosos vestidos castanhos e cinzentos que sua tia escolhera para ela. Também, descartara-se da maioria das camisolas e roupas de baixo que usara antes de se considerar crescida.

Na bagagem de sua mãe encontrara delicadas camisolas de linho adornadas com renda; anáguas de seda que farfalhavam quando andava; e muitas outras peças, todas tão bonitas que Sorilda se deliciara. Realmente, ela havia se esquecido de onde estavam e não examinara antes o que sobrara dos pertences de sua mãe por achar que iria chorar ao fazê-lo.

Nunca lhe ocorrera que pudesse usar as roupas de sua mãe, mas, agora, sabia que tudo o que usasse iria fortalecer a coragem que já corria em suas veias.

Em sua bagagem atual, praticamente tudo pertencera à mãe, incluindo um vestido de noite preto, tão bonito e atraente quanto aquele que vestia para o casamento.

— A primeira coisa que farei — prometeu-se Sorilda — será comprar roupas novas, que eu mesma escolherei.

Amontoara tudo o que a tia lhe escolhera dentro do guarda-roupa

fechara a porta e passara a chave. Então, afivelara a mala, sabendo que levava consigo apenas coisas que gostaria de usar.

Sob a cadeira, estava o xale de seda, franjado, que sua mãe comprara para compor com o vestido. Havia também um par de caras luvas de camurça e uma pequena bolsa do mesmo material.

Em outra mala, Sorilda não colocara peças de roupa, mas sim pequenos objetos que colecionava e que tinham pertencido à sua mãe: uma miniatura de seu pai e outra dela mesma quando era pequena; livros encadernados em couro, os quais sua mãe muito amava e protegera com papel; os ornamentos que tinham permanecido nas prateleiras de seu quarto e sobre a cama.

Onde estiver, pensou Sorilda, eles me farão sentir em casa, por terem pertencido à mamãe.

Lentamente, vestiu as longas luvas; então, apanhando o xale e a bolsa, destravou a porta e seguiu pelo corredor, até as escadas.

Embora nervosa, não deixava de sentir uma emoção feminina com o balanço de sua crinolina e, por mais que pudesse parecer estranho o seu vestido de noiva, sabia que, pela primeira vez, podia encarar sua tia em igualdade de condições, mostrando-se como uma mulher atraente.

Ao alcançar o topo das escadas, Sorilda viu que seu tio esperava lá em baixo, no vestíbulo, e estava sozinho.

Ao vê-lo, percebeu que o conde e sua tia já tinham se dirigido à capela e, desdenhosamente, pensou que a duquesa teria a oportunidade de estar a sós com o conde, nem que fosse por alguns minutos.

São ambos desprezíveis e eu os odeio! pensou Sorilda, enquanto erguia a cabeça, ao descer as escadas.

Ao atingir o vestíbulo, viu que seu tio a olhava com assombro.

— Negro!? O que deu em você para usar negro em seu casamento?

— Pensei que fosse bastante apropriado, tio Edmund — replicou Sorilda. — Além disso, é o único vestido que possuo que não me faz sentir como uma garota de orfanato!

O duque olhou para ela, perplexo, e Sorilda explicou:

— Nunca me deixaram escolher meus próprios vestidos, mas hoje fiz questão de fazer a minha própria escolha!

— De qualquer forma, é tarde demais para trocar — disse o duque. Ofereceu-lhe o braço e caminharam pelo longo corredor que conduzia à capela.

Posteriormente, Sorilda não conseguiria se lembrar da cerimônia, ou do que dissera e fizera.

Na verdade, teve plena consciência do momento em que ficou ao lado do conde e sentiu que ondas de raiva emanavam dele, de uma forma que acharia aterrorizante, se não nutrisse uma pequena simpatia por ele.

Apesar de tudo, pensou ela, por pior que tenha procedido, ele veio ao castelo a convite de minha tia.

Era solteiro e, assim, podia procurar suas diversões onde bem quisesse. Poderia ser repreensível conquistar a esposa de seu vizinho, mas Sorilda não deixava de achar que a maior culpa recaía sobre os alvos ombros de Íris.

Não deixou de notar, quando a cerimônia terminou e eles se dirigiram da capela para o vestíbulo, que a duquesa tivera o cuidado de se embelezar mais do que o normal.

Seu vestido azul, exatamente do tom de seus olhos, teria feito sucesso no Palácio de Buckingham, e os diamantes à volta de seu pescoço e nas orelhas faziam-na brilhar como uma árvore de Natal.

Ao olhar para sua tia, Sorilda viu uma expressão em seus olhos que dizia que ela ainda desejava o homem que subira, pela torre oeste, para o seu quarto.

Certamente tio Edmund ajustou a punição ao crime, pensou Sorilda, imaginando se o conde iria desencadear sua fúria sobre ela, assim que estivessem a sós.

Não houve despedidas calorosas para o novo casal. O duque não apertou as mãos do conde e nem beijou sua sobrinha.

Simplesmente olhou carrancudamente quando um criado colocou o xale de Sorilda à volta de seus braços, enquanto o copeiro entregava ao conde seu chapéu e suas luvas; após isso, ambos desceram os degraus até onde os esperava uma carruagem.

Com um certo alívio, Sorilda viu que, ao menos, não seriam obrigados à intimidade de uma carruagem fechada.

Foi ajudada a subir por um criado; o conde apanhou as rédeas e um cavalariço correu para se sentar no banco colocado atrás deles. Partiram.

A curiosidade fez com que Sorilda olhasse para trás e constatasse que seu tio e a duquesa não tinham esperado pela partida. Não havia ninguém no topo dos degraus, a não ser o mordomo e alguns criados.

Seguiram pela estrada e, depois de um tempo, Sorilda começou a perceber que a tensão que sentira desde que entrara na capela relaxara um pouco.

Estava casada!

Ainda não acreditava que isso realmente acontecera, que estava saindo

do castelo e que não mais sofreria a fúria de sua tia sobre si!

Não mais se submeteria à humilhação e mesquinharia, que a faziam sentir-se como se cada dia fosse mais negro e ameaçador que o anterior!

Quase como uma resposta às suas sensações, o sol saiu de detrás de uma nuvem, brilhando por entre as árvores e resplandecendo nos arreios de prata dos quatro magníficos cavalos que o conde guiava.

Passaram através dos Lodge Gates e, quando alcançaram o centro do pequeno vilarejo, o conde, ao invés de continuar à esquerda, em direção ao parque de Winsford, virou à direita.

Sorilda voltou-se para ele, interrogativamente.

— Estamos indo para Londres — disse ele.

Falou descompromissadamente, e, por debaixo daquelas poucas palavras, Sorilda conseguiu perceber sua raiva.

Ela não falou nada, mas compreendeu. Ele não suportaria encarar a surpresa e a especulação se, subitamente, retornasse acompanhado por uma esposa!

Sorilda achava que na casa de Londres tudo seria mais impessoal e não seriam necessárias muitas explicações.

Ele dirigiu até cerca das duas horas e Sorilda estava começando a se sentir esfomeada, quando o conde dirigiu seus cavalos para o pátio de uma estalagem.

Havia ali muitas carruagens, e Sorilda ficou aliviada ao perceber várias pessoas no restaurante, pois, assim, não ficariam a sós.

No entanto, após ter se lavado e penteado seus cabelos, que tinham se desarrumado devido à velocidade com que viajavam, desceu as velhas escadas de carvalho e encontrou um criado esperando para levá-la a uma sala privada.

O conde estava ali e ela o achou não só muito elegante, mas entendeu, ainda que em menor escala, o porquê da paixão de sua tia por ele.

— Deseja um cálice de Madeira?

Percebeu, ao ouvi-lo, que ele falava com um tom forçado e que, deliberadamente, não a olhava, como se não pudesse suportar a visão da mulher com quem se casara.

— Obrigada — replicou Sorilda. — Mas somente um pouco. Não gosto muito de Madeira.

— Então, será melhor algo de que goste — disse o conde. — Suponho que champanhe seja mais apropriado para esta ocasião.

Seu tom era sarcástico, mas Sorilda respondeu prazeirosamente:

— Acho que seria ótimo. Papai sempre dizia que, quando viajava por um bom tempo, preferia champanhe a qualquer outra coisa.

O conde tocou a sineta tão violentamente que Sorilda ficou surpresa por ele não a arrebentar.

Quando o criado apareceu e o conde ordenou champanhe, Sorilda achou que ele iria lhe dizer algo, mas, antes que o fizesse, o estalajadeiro, seguido por criados, entrou trazendo o almoço.

Havia muita variedade e a comida estava muito bem preparada.

Era impossível dizer qualquer coisa íntima enquanto eram servidos, e Sorilda ficou contente em poder se alimentar.

Não conseguira comer nada ao desjejum, tomando simplesmente uma xícara de café, e, agora, por estar a sós com o homem com quem se casara, sentia como se houvesse um bando de borboletas dentro do seu peito.

No entanto, tentava alimentar-se razoavelmente, antes de começar a perceber, mais uma vez, que a comida a sufocava.

Mas o champanhe ajudava e ela esperava, embora não pudesse afirmar isso, que ajudasse também ao conde.

Ele bebeu uma grande quantidade da garrafa e, então, sem que tivessem trocado mais que uma dúzia de palavras, puseram-se novamente a caminho.

Sorilda percebia que o conde fazia com que os cavalos corressem muito, como se quisesse chegar ao seu destino no menor tempo possível. No entanto, passou-se um bom tempo até que alcançaram os subúrbios de Londres e, finalmente, com os cavalos suando, estacionaram na Winsford House, em Park Lane.

A casa era sem dúvida impressionante, pensou Sorilda, sem ter tido tempo, no entanto, para mais nada, antes de descer da carruagem e ser levada pelo conde para o vestíbulo.

— Espero que Vossa Excelência tenha feito uma boa viagem! — disse um criado já idoso.

— Recebeu minhas instruções? — perguntou o conde.

— O cavalariço chegou há duas horas. Tudo foi providenciado. O conde caminhou até Sorilda.

— Minha governanta, a Sra. Dawson, lhe mostrará seus aposentos

— disse abruptamente. — Suponho que queira descansar. Jantamos às oito.

Curvou-se negligentemente, ainda sem olhar para ela e saiu, antes que Sorilda pudesse responder qualquer coisa.

Por um momento, ela permaneceu parada, sentindo-se insegura, até que

o copeiro disse, gravemente:

— Queira seguir-me, *milady!*

Pela maneira como se dirigira a ela, Sorilda percebeu que o conde, em sua mensagem do campo para Londres, comunicara seu casamento.

Seguiu o criado escada acima e encontrou a governanta que era uma mulher de meia-idade e feições gentis; após ter feito uma reverência a Sorilda, guiou-a pelo corredor, até abrir uma porta que dava para um quarto magnificamente mobiliado.

— Prefere repousar na cama, *milady* — perguntou a governanta — ou prefere uma *chaise-longue?*

— Como tenho algum tempo até começar a me preparar para o jantar — respondeu Sorilda — penso que seria melhor ficar na cama.

— As criadas irão desfazer suas malas no quarto de vestir, Excelência, tão logo elas venham aqui para cima.

— Obrigada — sorriu Sorilda.

Foi como se esse sorriso quebrasse o autocontrole da governanta e fizesse com que suas sensações brotassem.

— Oh! *milady!* — exclamou ela. — Sei que Sua Excelência, o conde, não deseja cumprimentos, mas quero lhe dizer o quanto ficamos felizes em saber de seu casamento e, principalmente, com alguém tão encantador quanto a senhora!

— Muito obrigada — respondeu Sorilda.

— Há muito tempo, na verdade há anos, vimos esperando que Sua Excelência se case, e quando o cavalariço chegou com a notícia, senti-me aliviada!

— Deve ter sido uma surpresa! — murmurou Sorilda.

— Sem dúvida! Mas uma surpresa muito agradável! Desejo a Vossa Excelência toda a felicidade!

— Obrigada — repetiu Sorilda, achando, no entanto, que, de acordo com a atitude do conde, isso seria difícil.

Mas, disse a si mesma que nada tinha importância a não ser estar livre do castelo e de sua tia!

Depois de ter trocado de roupa, vestindo uma das maravilhosas camisolas de sua mãe, deitou-se na grande e confortável cama, achando que, ao menos, a criadagem do conde não tinha conhecimento das verdadeiras razões de seu casamento.

No entanto, tinha a impressão de que, no campo, seria mais fácil que se adivinhasse existir um motivo premente para essa ligação precipitada.

Os criados saberiam que ele saíra a cavalo duas noites atrás e, além disso, alguém na propriedade Winsford havia recebido o bilhete da duquesa que Jim levara.

Vão somar dois mais dois, pensou Sorilda.

Entendia que o conde não pudesse suportar encarar aqueles empregados que o serviam há tempos e que, provavelmente, também tinham trabalhado para seu pai.

Sentia-se cansada; assim, dormiu um pouco e acordou com uma criada informando-lhe que o banho estava pronto.

Ao vestir o outro vestido preto que pertencera à sua mãe, percebeu que tanto a criada quanto a governanta estavam surpresas que ela vestisse algo tão sombrio na noite de seu casamento. Mas não tinha intenção de dar-lhes qualquer explicação, e esperou que pensassem que ela estava de luto.

Somente quando estava pronta para descer é que disse:

— Amanhã gostaria de ir às compras, e como tenho certeza de que isso é algo que absolutamente não interessa a Sua Excelência, talvez, Sra. Dawson, queira me acompanhar!

— Terei muito prazer em fazê-lo, *milady!* — replicou a governanta, obviamente gratificada pelo convite.

Fez uma pausa, antes de continuar, um pouco experimentalmente, como se tivesse medo de ser impertinente:

— Vossa Excelência é muito bonita e o negro lhe cai extremamente bem. Ao mesmo tempo, como noiva, gostaria de vê-la de branco.

— Comprarei um vestido branco amanhã — prometeu Sorilda. — Boa-noite e obrigada por terem se preocupado comigo.

— Elsie ficará aqui em cima, *milady!* Assim, por favor, toque a sineta quando subir. A menos que prefira que ela a espere aqui em seu quarto.

— Não, eu tocarei! — respondeu Sorilda.

— Obrigada, *milady!*

A Sra. Dawson abriu a porta e fez uma reverência.

Sorilda saiu para o corredor e, enquanto caminhava em direção às escadas, pôde se ver refletida nos vários espelhos pendurados nas paredes. Poderia passar por sua mãe e sentia-se totalmente à vontade com sua própria aparência.

O vestido decotado era suavemente drapeado em volta de seus ombros nus e, como na sala de estar os candelabros já estavam acesos, Sorilda percebeu que essas luzes iriam não apenas brilhar em seus cabelos, mas também no colar de diamantes que usava.

Ele também pertencera à sua mãe e sua caixa de jóias continha, além dessa peça, outras trazidas ao seu quarto por uma criada, naquela manhã.

— Com os cumprimentos de Sua Graça, senhorita! Ele acredita que deseje levá-las consigo.

Sorilda já tinha se esquecido de que as possuía.

As jóias tinham sido tiradas dela, tão logo chegara ao castelo, e nunca pensara em pedi-las.

Ao abrir a caixa de couro, encontrou arrumados, em compartimentos forrados de veludo, o colar de diamantes, braceletes, anéis, brincos e duas estrelas de diamantes que sua mãe sempre usava nos cabelos.

Quando olhou para tudo aquilo, Sorilda sentiu seus olhos encherem-se de lágrimas, pois significava muito para ela.

Ao colocar o colar de diamantes de sua mãe, ao redor do pescoço, sentiu como se ele fosse quase um peitoral com o qual podia prosseguir e enfrentar o inimigo que era seu marido.

Sentia suas anáguas de seda farfalharem ao caminhar sobre o tapete, até onde ele estava, no fundo da sala de estar, parado, junto à lareira.

Se já tinha parecido elegante em suas roupas de dia, agora, em trajes de noite, Sorilda o achou tão imponente que se sentia como uma caipira olhando para ele.

Então, as rugas de raiva de suas faces fizeram com que ela se esquecesse de tudo, a não ser de uma sensação de timidez por estarem a sós.

— Uma taça de champanhe? — perguntou o conde. — Pensei que fosse apreciar.

Ao falar, Sorilda percebeu que um criado entrara, trazendo champanhe numa bandeja. Ela apanhou uma das taças e levou-a aos lábios.

O conde retirara seu relógio do colete e o comparava com o da lareira.

— A menos que esteja errado — disse em voz alta —, o jantar está atrasado.

Nesse momento, o criado anunciou da porta:

— O jantar está servido, *milady!*

Sorilda esperou que o conde lhe oferecesse o braço, mas ele não o fez, começando a caminhar em direção à porta, com ela a seu lado.

A sala de jantar era tão imponente quanto o resto da casa. Havia vários retratos nas paredes, ao lado de uma exposição de ornamentos de ouro, os quais, ela tinha certeza, pertenciam à família há gerações.

Sobre a mesa, um arranjo de flores brancas. Sorilda viu o conde encará-lo e percebeu que isso não fora ordenado por ele, mas colocado pelos criados,

que deviam considerar algo correto para um jantar de casamento.

Se Sorilda não estivesse tão nervosa, certamente teria rido da maneira como o conde, ao sentar-se à cabeceira da mesa, deliberadamente removeu com desdém algumas rosas que pareciam avançar sobre seu prato.

Como Sorilda achasse ridículo que permanecessem em silêncio total diante do copeiro e de quatro criados postados ali, disse:

— Tenho certeza de que quebrou um recorde hoje, pela rapidez com que chegamos a Londres. Sempre demorou muito mais para mim.

Por um momento, o conde olhou para ela, como que surpreso de que tivesse uma voz e a pudesse usar. Então, respondeu:

— Normalmente levo duas horas e meia daqui ao campo. Hoje, concordo, fizemos a viagem mais rapidamente.

— Seus cavalos são muito bons.

— Penso que sim.

Houve silêncio. Ele estava tornando tudo muito difícil, pensou Sorilda. No entanto, por mais que ele não gostasse, deveriam representar seus papéis com dignidade na frente dos criados.

A comida estava deliciosa, embora Sorilda achasse que houvesse pratos demais. Ainda que a criadagem estivesse dando o melhor de si para celebrar o casamento, o próprio noivo estava fazendo de tudo para piorar a situação!

— Você tem planos para amanhã? — perguntou Sorilda.

— Amanhã de manhã? — repetiu o conde.

— Gostaria de ir às compras.

— Sim, sim, naturalmente. Uma carruagem estará à sua disposição.

— Obrigada.

Novamente fez-se silêncio e Sorilda começou a ficar mal humorada. Apesar de tudo, ele poderia, ao menos, tentar manter as aparências e, ainda que estivesse furioso, ser educado.

Achava que ele era assim tão mimado em razão de sua aparência. Afinal, mulheres como sua tia achavam-no irresistível e, desde que herdara o título, ele vinha fazendo o que queria, não apenas com ela, mas com qualquer outra.

Sorilda lembrava-se que Huxley relatara, com inveja, toda a lista de corridas tradicionais que ele vencera.

Talvez fosse culpa da sua mente de esportista, pois, pela primeira vez na vida, o conde fora jogado para uma posição desvantajosa da qual não conseguira se safar!

Finalmente, o jantar acabou e, quando os criados deixaram a sala, Sorilda perguntou:

— Deseja que eu o deixe sozinho para o seu Porto? É *brandy* o que está bebendo?

Por um momento, o conde não respondeu. Então, disse:

— Penso que devemos ter uma conversa.

— Seria, certamente, melhor que continuarmos em um desconfortável silêncio!

Ela não quis ser agressiva, mas a negligência dele em responder aos seus esforços a tinha aborrecido.

O conde levantou, surpreso, as sobrancelhas, e disse:

— Acho difícil conversar com alguém completamente estranho.

— Entendo — respondeu Sorilda — mas, ao mesmo tempo, acho um erro sermos rudes um com o outro na frente dos criados.

O conde não ficaria mais espantado se ela tivesse dado um tiro para o ar. Então, disse:

— Imagino que esteja questionando minhas boas maneiras e, talvez, até esteja certa, mas dificilmente pode esperar que eu aceite esta situação com naturalidade!

— Parece esquecer, milorde, que estou na mesma situação que você — replicou Sorilda. — Talvez deva me desculpar por ter interferido, ao invés de permitir que meu tio entrasse na casa sem que você fosse avisado!

O conde fitou-a e, então, levantou-se dizendo:

— Vamos para um lugar onde não possamos ser ouvidos!

Ao falar, tornou a encher seu cálice com *brandy* e atravessou a sala, abrindo a porta para Sorilda.

Ela passou por ele sem nada falar, sabendo, no entanto, que ao avançar pelo corredor, o coração batia fortemente em seu peito.

A batalha começou, pensou ela; e gostaria de saber qual vai ser o fim dela e quem será o vencedor.

Entrou na sala de estar, achando, com uma parte de sua mente, que o cômodo era muito atraente, enquanto que com a outra tomava consciência de que sentia falta de ar e suspeitava de que suas mãos estivessem tremendo.

Sentou-se em uma cadeira ao lado da lareira, percebendo, ao fazê-lo, que seu vestido ondeara de lima maneira muito atraente, e que a essência de violetas de sua mãe acalmava sua agitação.

Ajude-me, mamãe, ajude-me! pensou ela.

Então, esperou que o conde falasse.

Ele parou à frente da lareira, com seu queixo levemente alçado e seus olhos escuros.

— A situação toda é intolerável — começou ele asperamente. — Se você tivesse dito que não queria se casar comigo, seu tio não a teria obrigado.

Agora Sorilda entendia por que ele estava tão furioso com ela. Achava que ela, de certa forma, poderia ter impedido a cerimônia de ter se realizado.

Pensou por um momento, antes de responder calmamente:

— Talvez tivesse me ouvido, embora eu duvide. No entanto, quando tudo aquilo aconteceu, quis ser sua esposa.

O conde olhou para ela incredulamente.

— Quis ser minha esposa? — repetiu lentamente. — Sem ter nunca me encontrado, e sabendo que estava interessado em sua tia? Espera que eu acredite nisso?

— Isso é realmente verdade — disse lentamente Sorilda. — Mas, deixe-me completar, não porque estivesse enamorada por você, mas porque era uma forma de escapar do que começava a se tornar uma situação intolerável.

— Não entendo.

— E muito simples. A duquesa me odeia e tornou a minha vida um inferno.

— Acho difícil de acreditar! — retrucou o conde.

— Acredite ou não, é um fato — disse Sorilda. — E como nunca me permitiu conhecer ninguém, muito menos um homem, eu achava que seria forçada a viver no castelo até morrer.

Havia uma irretrucável nota de sinceridade em sua voz, e o conde permaneceu olhando para ela, até soltar uma súbita gargalhada que não continha humor algum.

— Então foi por isso que veio me ajudar?

— A princípio não foi o motivo — respondeu Sorilda. — Avisei-o quando tio Edmund chegou, porque estava pensando unicamente nele. À sua maneira, ele tem sido bom comigo, e não gostaria de vê-lo desesperadamente magoado, como teria ficado, e como de fato ficou, se soubesse a verdade.

— Como sabe disso? — perguntou o conde.

— Ele é inteligente o bastante para perceber que você não estava me visitando e que nem eu o convidaria a fazê-lo!

Sorilda piorou tudo, pronunciando essas últimas palavras.

Viu as faces do conde se ensombrecerem, antes que ele dissesse:

— Suponho que recriminações não ajudem em nada nestas circunstâncias. Temos é que discutir o nosso futuro.

Sorilda não respondeu, apenas continuou olhando para ele.

— Estive pensando a respeito — continuou ele. — A mim parece que há

apenas duas alternativas.

— Quais… são?

— Uma, que vivamos vidas separadas. Eu tenho várias casas, em diferentes partes do país, e posso colocar uma delas à sua inteira disposição.

Parou de falar e, após um momento, Sorilda perguntou timidamente:

— E… qual… a outra alternativa?

Subitamente ocorrera-lhe o quão amedrontador seria viver totalmente sozinha.

Mesmo que vivesse em uma das casas do conde, e tivesse o dinheiro dele para gastar, pelo menos naquele momento não conseguia visualizar uma vida sozinha, sem ninguém que lhe fizesse companhia e a ajudasse.

— A outra alternativa — continuou o conde — é transformar este mau negócio em algo melhor. Dizem-me que cedo ou tarde terei de assentar-me e ter um herdeiro. Gosto de ser solteiro, preferiria continuar assim, mas agora é impossível.

Outra vez, houve silêncio e Sorilda disse hesitante:

— En… entendo… o que está sugerindo… mas… sabendo o que sente… por minha tia… não poderia esperar que…

— Não, não, é claro que não! Não quis dizer isso! Devemos procurar conhecer-nos um ao outro, termos um período de experiência antes de nos tornarmos mais… íntimos!

— É o que eu gostaria! — respondeu Sorilda rapidamente. — E acho que qualquer outra coisa poderia provocar um escândalo e uma forte onda de mexericos que poderiam prejudicá-lo.

Novamente, o conde alçou suas sobrancelhas e Sorilda explicou:

— Você acabou de receber a Ordem da Jarreteira.

— Entendo e suponho que devo ser grato a você. Falava de má vontade e Sorilda deu um pequeno sorriso.

— Acabei de lhe explicar porque sou grata a você. Seria melhor ficar aqui, por mais difícil que você…

Parou, sentindo que o que acabara de dizer era indelicado, e ele interpôs-se rapidamente:

— Tudo bem, eu sou difícil, e não vou fingir que não tive que fazer um esforço homérico para ir ao castelo esta manhã.

— Eu… entendo — disse Sorilda — mas, talvez, as coisas possam não ser tão más… se usarmos um pouco do senso comum.

O conde riu. Diferentemente de como rira anteriormente.

— Então, é assim que você chama isso — disse ele. — Pessoalmente,

posso pensar em outras descrições mais próprias. Mas, esqueça. Posso perguntar uma coisa?

— Naturalmente!

— Por que, céus, você usou um vestido de noiva negro?

— É fácil de responder — replicou Sorilda. — Literalmente, eu não tinha mais nada para escolher, exceto os horríveis vestidos comprados por minha tia com o intuito de me deixar o mais feia possível.

Ao falar, pareceu-lhe que, pela primeira vez, o conde olhava para ela. Seus olhos pareceram deter-se no vermelho de seus cabelos, no branco de sua pele e no brilho de seus olhos verdes voltados para ele.

Seu olhar pareceu muito compreensivo, antes de dizer:

— Penso que ela estava com ciúme. Devo me considerar felizardo já que você poderia ter aparecido extremamente feia.

— Isso nunca me ocorreu! Ele sorriu.

— Tentarei ser um pouco mais civilizado do que fui até agora e dizer que será muito interessante começar a conhecê-la!

— De minha parte — perguntou Sorilda — posso dizer a você que há muitas coisas que gostaria de saber a respeito de suas propriedades e, .principalmente, a respeito de seus cavalos?

— Você se interessa por cavalos?

— Há três dias vi-o cavalgando um cavalo particularmente magnífico em Long Gallop.

— Você me viu?

— Ouvi dizer que você tinha comprado dois animais excelentes em Tattersalls.

— Como ouviu? — começou o conde, então completou: — Que pergunta estúpida! Não há nada que ocorra em meus estábulos que não seja imediatamente conhecido nos outros estábulos de todo país.

— E se estão interessados em seus cavalos, deve compreender que há muitas pessoas interessadas em você… também!

— Você estava?

A pergunta a surpreendeu e ela respondeu honestamente:

— Não como homem, mas como o vencedor da taça de ouro de Ascot e de Oaks.

O conde balançou a cabeça e riu e, desta vez, de puro contentamento.

— Não conheço nenhuma outra mulher que tenha sido tão franca!

— Desculpe-me… se fui… rude!

— Não, não! — disse ele rapidamente. — Acho que, se vamos construir

um casamento sobre alguma base sólida, a franqueza é essencial!

— Concordo. Ao mesmo tempo, você pode, algumas vezes, não gostar do que eu disser… ou venha a dizer!

— Então serei franco e lhe direi.

— Isso torna tudo… mais fácil e me provoca outra pergunta.

— O que é?

— Quanto… dinheiro… posso gastar?

O conde olhou para ela com surpresa, e Sorilda explicou:

— Neste momento, tenho apenas dois vestidos que pertenceram à minha mãe: um, que você viu em nosso casamento, e o outro, que visto agora. Acho que, na qualidade de sua esposa, é um guarda-roupa restrito, não?

— Naturalmente — disse o conde. — Gaste o quanto quiser, pois tenho a impressão de que não me levará à bancarrota!

— Acho que tenho um pouco de dinheiro… meu! — começou Sorilda.

— Esqueça! — disse o conde. — Seu tio disse-me algo a esse respeito hoje de manhã, mas pedi que se comunicasse com meus procuradores. Não tem a mínima importância, a menos que queira ser independente!

— Não no referente a dinheiro! — respondeu Sorilda. — Sei que não tenho o suficiente para o que quero comprar!

O conde riu novamente.

— Você está começando a me amedrontar.

— Não tenho intenção de fazer isso, mas… desejo realçar minha posição como… condessa de Winsford.

O conde olhou para ela e, então, disse lentamente:

— Tenho certeza de que o fará, mas, ao mesmo tempo, não estou certo de que isso será sempre uma vantagem para mim.

CAPÍTULO V

Sorilda ia responder quando subitamente, a porta pareceu entreabrir-se.

Quando o copeiro anunciou com voz tremida: "lady Alison Fone, *milady"*, uma mulher entrou correndo na sala, de um modo que fez com que Sorilda a olhasse incredulamente.

Ela caminhou em direção ao conde, que estava em pé, e ao fazer isso, Sorilda se apercebeu que ela era extremamente atraente, com seus cabelos loiros, não tão dourados quanto os da duquesa, mas muito claros, e seus olhos azuis, que, naquele momento pareciam negros de raiva.

— Silas! — gritou ela, quando se aproximou do conde. — Não é verdade! Diga que não é verdade!

Sua voz parecia zunir tão estridentemente que Sorilda achou que os candelabros iriam se quebrar. Então, como o conde não achasse palavras para responder-lhe, lady Alison virou-se para olhar Sorilda.

— É ela? Como pôde ter sido tão traiçoeiro, cruel e desleal?

Agora não mais gritava e de suas palavras brotavam soluços. Finalmente, o conde conseguiu falar.

— Sinto que tenha ficado tão perturbada, Alison — disse ele. — Na verdade, pretendia comunicar-me com você amanhã de manhã.

— Para dizer-me que estava casado? — perguntou lady Alison, novamente furiosa. — Há poucos minutos, quando fui informada no baile de lady Shrewsbury do que acontecera, eu não acreditei!

— Como lady Shrewsbury soube? — perguntou o conde, curioso.

— Aparentemente um de seus criados contou ao copeiro dela — replicou lady Alison —, mas eu achava, se você tivesse um mínimo de sensibilidade, que seria a primeira a ser informada da sua intenção de se casar!

Sorilda percebia que o conde estava encontrando dificuldade em se explicar. Antes que o conseguisse, lady Alison continuou:

— Depois de tudo o que significamos um para o outro? Depois de todo o amor que eu lhe dei, da felicidade que encontramos um no outro? Como pôde isso acontecer? Como pôde? Se tinha decidido a se casar, por que não o fez comigo?

— Não é exatamente assim, Alison — tentou começar o conde, mas lady Alison ainda não acabara.

— Como essa mulher pode lhe dar o que eu lhe dei? Com que meios conseguiu levá-lo ao casamento, quando você sempre me jurou que permaneceria solteiro?

Soltou um súbito grito e balançou as mãos dramaticamente.

— Como pôde fazer isso comigo? Como pode me fazer sofrer desse jeito? Eu o amo, Silas! Sim, eu o amo de todo o coração, e agora terei que sofrer não só as agonias de ter sido abandonada, mas também as zombarias de todos os meus amigos!

Lady Alison expelia todas essas palavras em direção ao conde, até que se dirigiu a Sorilda.

— Eu a odeio! — disse ela. — E se puder magoá-la ou injuriá-la por qualquer meio, eu o farei! Se pensa que pode manter consigo o homem mais esquivo de Londres, está muito enganada! Ele a trairá, como traiu todas as mulheres que foram tolas de colocar seus corações aos pés dele!

Falava tão violentamente que Sorilda pensou que iria bater nela e, por isso, ficou apreensiva.

Como se pensasse a mesma coisa, o conde colocou sua mão no braço de lady Alison dizendo:

— Desculpe-me por ter sabido do meu casamento sem estar prevenida, Alison. Amanhã eu a procurarei e conversaremos sobre o que aconteceu.

— E sua esposa permitirá que você se relacione com seus antigos amores? — perguntou lady Alison, rancorosamente. — Talvez você já tenha lhe explicado que pousa de flor em flor, arrancando tudo o que uma mulher pode oferecer, deixando os corações despedaçados, da mesma forma como o fará com sua esposa!

— Chega! — disse o conde duramente. — Deixe-me acompanhá-la à sua carruagem, pois tenho certeza de que deseja ir para casa.

— Não espera que eu volte ao baile — disse amargamente lady Alison — para que todo mundo ria de mim, já que me juntei à longa fila de seus amores descartados!

Virou-se e dirigiu-se à porta.

O conde seguiu-a e Sorilda pôde ouvir suas vozes ecoando pelo vestíbulo.

Passaram-se alguns minutos antes que conseguisse se levantar, pois sentia-se abalada e preocupada com o que acontecera.

Nunca vira uma mulher perder tão completamente seu controle, como lady Alison, ou falar com tanta maldade e raiva, o que a tornava, de certa forma, vulgar como uma mulher das ruas.

Dava-se conta que seu coração estava batendo desconfortavelmente e disse a si mesma que esse era o tipo de situação que teria que encarar no futuro, sem saber como superá-la.

Então, com um suspiro, concluiu que a culpa era do conde.

Como podia cortejar e manter relações amorosas com tantas mulheres? Lady Alison, sua tia e, provavelmente, muitas mais, deixando-as tão apaixonadas que passavam a proceder dessa maneira repreensível e degradante.

— Se isso é amor — pensou Sorilda —, rezo para que nunca o experimente.

Então, recordou-se do quanto sua mãe amara seu pai e a felicidade entre eles que era tão grande que pareciam possuir um mesmo pensamento.

Ela estava confusa com essa diferença, chegando à conclusão de que aquilo que sua tia e outras mulheres sentiam pelo conde era um amor sem nada de espiritual. Somente um físico desejo de posse.

Sorilda era muito inocente e não entendia o que acontecia quando o conde amava uma mulher como sua tia e ia com ela para a cama.

Tudo o que sabia era que pensar nisso a fazia retrair-se interiormente, como que evitando algo desagradável e não muito claro.

Nesse momento, soube que seria a esposa do conde apenas nominalmente.

Se ele deseja que nos tornemos mais íntimos, pensou ela, *quando quiser que eu lhe dê o herdeiro, irei embora!*

Não tinha idéia de quando ou como faria isso, mas achava que, nesse ínterim, deveria ficar na casa do conde até que pudesse ver mais claramente o que estava à sua frente.

Achou que, naquele momento, lady Alison já deveria ter ido embora e que deveria se retirar antes que o conde voltasse; mas, antes que o pudesse fazer, ele entrou, fechando a porta atrás de si.

— Somente posso me desculpar, Sorilda — disse ele — por essa cena dramática e desnecessária. Lady Alison forçou sua entrada na casa, de outra forma, isso não teria acontecido.

Sorilda olhou para ele friamente.

— Presumo que ela ainda esteja sofrendo.

— Está sentindo pena dela? — perguntou o conde.

Havia algo na maneira como fez a pergunta, o tom arrogante de sua voz e a expressão de seus olhos, que fez com que Sorilda sentisse raiva.

— Sem querer criar nenhum outro drama — disse ela com uma voz

gélida — posso apenas lhe dizer, com toda a sinceridade, que eu tenho pena de todas as mulheres às quais você esteja ligado!

Sem esperar pela resposta, distanciou-se dele; abrindo a porta, saiu para o vestíbulo.

Então, com medo de que ele a seguisse, subiu rapidamente as escadas, em direção aos seus aposentos.

Ao alcançá-los, trancou a porta que dava para o corredor e uma outra que, suspeitava, comunicava-se com os aposentos do conde.

Então, sentou-se para esperar que as batidas tumultuosas de seu coração se acalmassem, antes de tocar a sineta, chamando a criada.

Sorilda entrou no vestíbulo acompanhada por dois criados que carregavam várias caixas de roupas. Há quase uma semana que estava em Londres, e gastara todos os seus momentos em compras.

Nunca desfrutara antes da alegria de comprar vestidos muito elegantes, que lhe proporcionavam uma nova confiança, bem como uma moldura para aquela beleza toda que não imaginara nunca possuir.

Os cumprimentos dos costureiros e, mais tarde, dos amigos do conde com os quais se encontrava todas as noites, excitavam-na mais que champanhe.

Como o conde não quisesse ficar a sós com ela, convidava muitas pessoas para jantar e Sorilda sabia que várias delas apareciam somente com o intuito de ver como ela era.

Ela tinha almoçado sozinha, sabendo pelo secretário, o Sr. Burnham, que toda manhã vinha vê-la, que Sua Excelência estava ou ocupado com o príncipe Albert, ou em audiência na Câmara dos Lordes.

Se Sorilda não estivesse tão ocupada em ficar desgostosa com o conde, sentir-se-ia fascinada em conhecer todos os comitês nos quais ele tomava parte, muitos dos quais trabalhavam em projetos que lhe eram bastante caros.

Mas era difícil, pois ela estava tão enfurecida com ele que não deixava de sentir uma espécie de aperto no peito, cada vez que seu nome era pronunciado, e, ao lhe falar, fazia-o sempre com uma voz gelada, embora se mantivesse estudadamente educada, ao perceber que também ele assim o fazia.

Ao mesmo tempo, quando o viu à cabeceira da mesa da sala de jantar, com duas mulheres atraentes ao lado, não deixou de apreciar o quão bem-apessoado ele era, e que seria difícil encontrar outro homem cuja elegância se comparasse à dele.

— Podemos admirar um cavalo — disse a si mesma — ainda que o achemos um animal difícil e imprevisível.

O conde, sem dúvida, possuía essas duas características e, pela conversa que ouvia entre os seus mais respeitáveis amigos, não tinha dúvida de que toda a sociedade londrina estava atônita com o fato de ele ter se casado com uma mulher que não conheciam e que era tão jovem.

Juntando pedaços de informações, como se fosse um daqueles quebra-cabeças que formam uma pintura completa, Sorilda percebera que todos os casos de amor do conde tinham sido com mulheres casadas, como sua tia, ou viúvas, como lady Alison.

Não deixava de pensar, desdenhosamente, que ele era, realmente, um Casanova em suas conquistas, e que as mulheres que ele induzira ao amor eram inumeráveis!

Ao entrar em uma sala, ou ao dirigir-se de um grupo a outro, ouvia trechos de conversas, quase sempre dedicadas ao seu marido.

— Charlotte está com o coração partido…

— Adelaide tinha certeza de que ele nunca se casaria e está extremamente melindrada…

— Georgina diz que não recepcionará a nova condessa, aconteça o que acontecer…

Quando aqueles que falavam percebiam que Sorilda estava escutando, interrompiam-se subitamente

Mas ela já ouvira bastante e curvava seus lábios com desdém, olhando para o conde com a esperança que ele notasse um certo desacato de sua parte.

Após a primeira noite, ele se portara de maneira polida e educada; assim, atualmente ela não tinha queixas e não mais havia ocorrido uma cena como aquela com lady Alison.

Mas Sorilda sabia que, a todo baile ou recepção que freqüentassem, haveria mulheres graciosas que olhariam para ela malignamente, que, se pudessem dar vazão aos seus impulsos, cravariam um punhal nela!

Sabia que seus vestidos novos tinham muito a ver com isso, além do fato de o Sr. Burnham ter lhe dito, seguindo instruções do conde, que as jóias da família Winsford estavam à sua disposição!

Nunca Sorilda imaginou que pudesse existir uma coleção de gemas preciosas como aquela, exceto na caverna de Aladim!

Havia conjuntos das mais consideráveis pedras preciosas, desde tiaras até fivelas para sapatos; havia, também, cordões de pérolas de todos os tamanhos, assim como *nécessaires* encrustadas, cabos de sombrinhas

adornados e fechos de bolsas trabalhados com jóias que combinassem com o vestido a ser usado.

Era uma mudança inacreditável, com relação à vida sofrida no castelo e, algumas vezes, tinha medo de acordar e se encontrar trajando um daqueles vestidos horrorosos, sendo apoquentada pela duquesa.

Agora não se sentia mais uma chorona, mas pronta a lutar com o conde para conseguir tudo o que quisesse.

No entanto, raramente conseguiam trocar algumas palavras que não fossem ouvidas.

Às vezes, como quisesse falar com ele a sós, mesmo que isso fosse desagradável, esperava na sala de jantar até a hora que, sabia, ele deveria voltar para casa a fim de trocar de roupa.

Inevitavelmente ele acabava chegando tão tarde que Sorilda não podia mais esperar, tendo que subir para tomar seu banho; ou, então, chegava acompanhado por um de seus amigos íntimos, como Peter Lansdown.

Sorilda suspeitava que Peter Lansdown era o único dos amigos do conde a quem ele contara a verdade a respeito de seu casamento.

Naquele momento, tendo-se penteado e lavado suas mãos para o almoço, desceu para a sala de jantar e, surpresa, ali o encontrou.

— Sr. Lansdown?! — exclamou ela, com surpresa.

— Silas não a preveniu que eu vinha? — perguntou ele.

Sorilda balançou a cabeça.

— Eu e Silas almoçaremos aqui hoje — explicou Peter Lansdown —, porque temos que estar no Palácio de Cristal às duas horas. É mais conveniente e mais perto aqui que no White.

— Naturalmente! — disse Sorilda com um sorriso. — Estou encantada em vê-lo!

Gostava de Peter Lansdown e sabia que ele a admirava, e sua expressão era inequívoca ao olhar para seu vestido novo.

Era um vestido em dourado claro, da cor dos narcisos, e, segundo Sorilda, era um dos mais bonitos que já vira.

Vestia, também, a mais larga crinolina que já usara. O costureiro, na verdade, contara-lhe que as crinolinas estavam se tornando cada vez mais amplas em Paris, de forma que, brevemente, as mulheres da moda teriam que arrumar uma carruagem inteirinha só para elas!

— Você está muito elegante! — disse Peter Lansdown. — E posso completar, se não parecer muito impertinente, muito bonita!

— Obrigada — disse Sorilda.

Cumprimentos não mais a faziam sentir-se envergonhada como a princípio; ao contrário, provocavam certa animação em seu coração, por ter ficado tanto tempo sem eles!

— Tenho a impressão — continuou Peter Lansdown — que quando você aparecer à inauguração da Grande Exposição, irá ofuscar qualquer pessoa ali presente, e até mesmo a rainha ficará com ciúme!

— Espero que não — disse Sorilda. — Admiro a rainha e fico feliz ao ver que o palácio está quase pronto e não caiu!

Peter Lansdown riu.

— A despeito de todas as profecias sombrias, asseguro-lhe que o príncipe Albert é extremamente grato aos que, como Silas, o apoiaram em todas as ocasiões, as quais, às vezes, foram muito desagradáveis!

Sorilda lera os jornais e sabia que os protestos contra o Palácio de Cristal não tinham acabado; ao contrário, haviam recrudescido nestas duas últimas semanas!

O fato de a Grande Exposição ser uma publicidade para o livre comércio enfurecera os protecionistas, conservadores e "caçadores de raposas" dos condados comandados pelo coronel Sibthorp, o qual clamava para que os céus destruíssem essa nova torre de Babel.

Os expositores estrangeiros estavam sendo denunciados como uma força do crime, da agitação política e da calamidade.

Sorilda ouvira alguém dizer ao jantar, quando se pensava que o conde não estava ouvindo, que a Inglaterra agora "convidava víboras para o seu peito".

Soubera, também, que o embaixador britânico na Rússia relatara ao primeiro-ministro que o czar recusara passaportes à nobreza russa, com medo da "contaminação" em Londres.

Lera que nenhuma das cabeças coroadas da Europa se colocaria sob o teto de cristal do príncipe Albert, porque um passaporte para a Inglaterra significava um passaporte para a eternidade!

Peter Lansdown olhou para seu relógio e disse:

— Silas está atrasado, e eu sei o porquê!

— Por quê? — perguntou Sorilda.

— Lorde John Russell anunciou esta manhã — replicou ele —que proíbe a salva de tiros ao norte do Serpentine, como fora planejado, por que teme que isso quebre o teto de cristal.

— Oh não! — exclamou Sorilda.

— Ele quer que os tiros sejam dados longe, em St. James's Park. Mas Silas

diz que isso é ridículo e eu concordo com ele!

Enquanto ele falava, a porta se abriu e o conde entrou.

— Bom-dia, Sorilda — disse ele, ao caminhar em direção a eles. — Já acabei com isso, Peter!

— Como? — perguntou Peter Lansdown.

— Disse a lorde John que nenhum vidro se quebraria, a despeito do barulho que os canhões fizessem, e, se qualquer peça se arrebentasse, eu a reporia às minhas expensas!

Sorilda soltou um pequeno grito.

— Mas suponho que, se todo o teto se danificar, custará uma fortuna a você!

— Não pretendo gastar um centavo! — disse o conde firmemente.

Como esse foi o primeiro almoço que fazia com o conde, desde que saíra do castelo após o casamento, e também o primeiro sem uma multidão de convidados, Sorilda o apreciou muito.

Ouviu o conde e Peter Lansdown um caçoando do outro, fazendo piadas e conversando sobre o Palácio de Cristal, de um modo fascinante, embora continuasse achando seu marido desprezível!

Além disso, tinha certeza de que por mais ocupado que ele estivesse, encontrava tempo para outras mulheres!

Quando o almoço terminou e o conde e Peter Lansdown saíram para o Hyde Park, Sorilda desejou muito ter ido com eles.

Ela estava ansiosa por ver essa espantosa Exposição que causara tanta controvérsia, e que, a despeito de sua desaprovação, os jornais traziam páginas e páginas descrevendo o que acontecia naquela parte do Hyde Park.

Apesar de todas as sombrias predições de que o Palácio de Cristal nunca seria terminado, ele já estava quase pronto e Sorilda sabia que era impossível deixar de admirar o esforço de se cobrir dezoito acres de chão com vidro.

Gostaria que eles tivessem me levado junto, pensou, um pouco triste, ao subir as escadas em direção ao seu quarto.

Mas, então, ao colocar um de seus atraentes chapéus, lembrou-se de que ainda havia muitas compras a fazer! A carruagem e a Sra. Dawson estavam esperando por ela, e tudo isso era muito excitante!

No dia seguinte, 30 de abril, houve uma festa! Mais uma vez, eles estavam oferecendo um grande jantar e o conde recebeu seus convidados com um bom humor excepcional, contando-lhes sobre os versos de Thackeray, *Ode a Maio*, que acabavam de ser publicados.

— O que dizem eles? — alguém perguntou. O conde leu em voz alta os quatro primeiros:

Mas ontem uma grama nua
Os almofadinhas zombaram em uma censura tola
E cavalgaram sobre ele para lá e para cá:
E viram que estava pronto!

— E está realmente pronto? — perguntou Sorilda.

— Completamente terminado — respondeu o conde — e amanhã você verá por— si mesma que o príncipe estava certo em sua concepção de um palácio feito de vidro.

Já bem tarde, quando os últimos convidados se foram, o conde perguntou:

— Está ansiosa por amanhã?

— Muito mais que possa lhe dizer — respondeu Sorilda. — Tenho ouvido muita coisa a respeito do Palácio, e quis mesmo acompanhá-lo sempre que lá esteve. Assim, será terrível se ele me desapontar.

— Nunca pensei que quisesse me acompanhar — respondeu o conde com surpresa. — Não haveria problemas em ir comigo; bastaria que me falasse.

Sorilda não respondeu e ele continuou:

— Mas tenho certeza de que não ficará desapontada. Para mim, não só toda a concepção é brilhante, mas a Exposição supera todas as maiores expectativas que pudesse ter tido. Sorilda sorriu e disse:

— Penso que você realmente deseja que ela seja um sucesso, não somente por ter apoiado o príncipe, mas por acreditar que beneficiará o país.

— É verdade — disse o conde. — Penso que é importante para a Inglaterra mostrar ao mundo o que pode fazer, e tenho certeza de que a França e outros grandes países irão torcer o nariz de inveja e ciúme depois de amanhã.

Sorilda dirigiu-se às escadas, mas percebeu que o conde não a seguira; ao contrário, apanhava seu chapéu das mãos de um criado.

— Você vai sair? — perguntou ela, surpresa.

— Sem dúvida você me achará sentimental e desnecessariamente apreensivo — disse ele —, mas estou indo até o Palácio de Cristal verificar se tudo está bem, e se os guardas estão alertas contra qualquer dano que possa ocorrer no último momento.

Sorriu ao terminar de falar, quase que zombando de si mesmo; então, enquanto o conde saía pela porta da frente até onde estava a carruagem, Sorilda subia as escadas, tristemente, em direção ao seu quarto.

— Por que não fui com ele? — perguntava-se.

Então, imaginou que, talvez, ele não fosse para lá sozinho, indo apanhar alguma de suas amantes para acompanhá-lo. Deu um pequeno suspiro.

— Se eu me importasse, seria uma agonia viver com esse homem — disse a si mesma e foi para a cama.

Ao fechar os olhos, procurou concentrar-se no vestido que iria usar no dia seguinte!

— O sol está brilhando, *milady!* — exclamou a criada, ao chamar Sorilda no dia seguinte.

Sorilda sentou-se na cama.

— Oh! Fico feliz! — disse ela. — Seria decepcionante se chovesse e a rainha tivesse que se dirigir para a Exposição em uma carruagem fechada.

Ao descer, por volta das dez horas, já ouvia o bimbalhar dos sinos de todas as igrejas de Londres.

O Sr. Burnham, com sua usual eficiência, dissera-lhe que o conde esperava por ela no vestíbulo. Ele olhou para cima quando Sorilda descia e esta achou que o conde admirava sua aparência!

Seu vestido era quase que um poema de beleza, com sua ampla crinolina de seda verde clara: a cor dos botões na primavera; e um chapéu enfeitado com plumas de avestruz, preso por uma renda suave que emoldurava seu rosto.

Ao alcançar o fim das escadas, Sorilda olhou para o conde quase que interrogativamente, sentindo que, mesmo que ele não gostasse dela, não poderia deixar de dizer que ela estava perfeitamente vestida para a ocasião!

Mas ele não disse nada até se sentarem à carruagem aberta, com a qual teriam o privilégio de seguir pela rota real, a caminho da Exposição.

Ao partirem, Sorilda esqueceu-se de si, pois, tão logo alcançaram o parque, viu que, apinhados nos galhos das árvores, estavam muitos meninos dispostos a terem uma boa visão de tudo.

Havia cerca de meio milhão de pessoas dispostas pelo parque e, enquanto olhava com prazer para a pintura maravilhosa que o sol produzia batendo em toda aquela multidão, Sorilda ouviu o conde dizer:

— Vejo que está usando as esmeraldas de minha mãe!

Ela olhou para ele rapidamente, percebendo que seus olhos pousavam

no colar, nas grandes gemas que trazia nas orelhas e no bracelete que usava por cima da luva esquerda.

— Você se importa? — perguntou ela.

— Elas ficam bem em você — respondeu ele.

Sorilda achou que era o primeiro cumprimento que ele lhe dirigia.

Agora, tinham a primeira visão das bandeiras de todas as nações flutuando à distância; mas havia outras coisas para ver primeiramente: o modelo da fragata, *Príncipe de Gales,* flutuando no Serpentine e sua tripulação pronta a disparar a salva, enquanto Charles Spencer, o celebrado aeronauta, permanecia ao lado de seu balão, a postos para subir aos céus, quando a Exposição fosse declarada aberta.

Então, juntaram-se a um grande número de carruagens, todas seguindo em direção ao Palácio de Cristal.

O *The Times* já informara a Sorilda, de maneira que ela não precisava indagar sobre isso, que cerca de trezentos convidados privilegiados, com entradas especiais, seriam reunidos para saudar a rainha.

Finalmente, pôde ver a imensa construção brilhando ao sol, de forma quase que a cegar. Embora ela e o conde tivessem chegado cedo, parecia que já todo o espaço sob a cúpula estava preenchido com diplomatas, oficiais de Estado e outros dignatários da Corte, em uniformes bordados em ouro, dirigindo-se todos aos seus lugares especiais.

Havia muito o que olhar, muito o que ver, mas Sorilda não teve quase tempo, antes que os Cavalheiros-em-Armas, com seus elmos dourados e emplumados, tomassem seus lugares atrás e ao lado do trono.

Ao lado ficavam os membros da guarda real, de aparência corpulenta, com seus uniformes vermelhos e capas de veludo preto; “e, perto deles, os trombeteiros, com casacos dourados e trombetas de prata nas mãos.

— Eles chegaram! — Sorilda ouviu o conde dizer calmamente. Deu uma olhada através do vidro, e viu uma tropa da guarda pessoal, com seus capacetes de aço brilhando ao sol, e imediatamente após ouviu-se o som dos trompetes anunciando a chegada da rainha.

Pela primeira vez, Sorilda podia ver a jovem mulher que há tanto tempo ela admirava. A rainha trajava um vestido de cetim rosa, centelhado com brilhantes e prata, e estava coroada com uma tiara de brilhantes e plumas.

Parecia muito pequena, ainda que imponente, enquanto caminhava ao lado do príncipe Albert, vestido com seu uniforme de marechal-de-campo. Eram seguidos pelo jovem príncipe de Gales, em trajes escoceses, e pela princesa real, vestida de branco, com um arranjo de rosas nos cabelos.

Houve uma explosão de aplausos e, então, quando o cortejo alcançou o estrado, cantou-se o Hino Nacional.

Houve orações e discursos, cantos e execuções do grande órgão de Henry Willis. Então, antes que a visita de inspeção começasse, a rainha recebeu aqueles que tinham sido responsáveis pela Exposição e, entre eles, o conde.

Seus nomes foram anunciados e, quando Sorilda curvou-se perante a rainha, ouviu o príncipe Albert dizer ao conde:

— Esse triunfo, caro lorde, é tanto seu quanto meu. Você sempre teve certeza de que seria um sucesso.

— Como, indubitavelmente, é, *sir* — disse o conde.

— Deve congratular-se com o conde de Winsford por seu casamento, querido — disse a rainha ao príncipe Albert.

— Já o fiz — replicou o príncipe — mas desejo oferecer meus votos de felicidades à sua esposa.

Sorriu para Sorilda, ao falar, e ela, ao curvar-se, percebeu que havia gentileza em seu olhar.

— Deve trazer sua esposa ao palácio de Buckingham na primeira oportunidade, caro lorde — disse a rainha. — Terei então muito mais tempo que agora para conhecê-la.

— Vossa Majestade é muito gentil — replicou o conde.

Então, enquanto se adiantava para que outras pessoas pudessem ser apresentadas, Sorilda notou alguém olhando para ela, e, com um inesperado tremor, percebeu que era sua tia.

Eles estavam no estrado real e a duquesa estava adorável em azul, a cor de seus olhos, e flamejante com os brilhantes da família Nuneaton.

No entanto, havia em seus olhos uma tal expressão que Sorilda sentiu um frio percorrendo-lhe a espinha. Nunca vira tanto ódio estampado nos olhos de uma mulher, e teve que fazer um grande esforço para não beliscar o braço do conde, pedindo que a salvasse.

Mas, ao seguirem a rainha na visita à Exposição, Sorilda não pensou em mais nada, a não ser nas maravilhas que estavam à sua volta.

Muito do que via a deixava sem respiração e, mais tarde, sentiu como se sua mente fosse um amontoado de objetos indescritíveis, grandes e pequenos.

Havia um bloco monstruoso de carvão pesando vinte e quatro toneladas, vindo das minas do duque de Devonshire; uma figura de Lázaro esculpida em pedra artificial e fontes austríacas, confeccionadas com tubos de ferro.

Cada nação pudera dispor seus produtos como bem desejasse, e o

elefante e o *houdah* da Índia eram tão fascinantes quanto os pequenos objetos provindos da América.

Uma faca esportiva, contendo oitenta lâminas chamou a atenção do conde, enquanto que um colossal vaso de porcelana da Rússia deixava a multidão boquiaberta.

Sorilda ficou muito emocionada com as sedas e cetins de Lyon; com as tapeçarias dos Gobelins e Beauvais; com uma enorme cama, a qual o conde contara ter sido adquirida pela rainha; e com as mantilhas e leques da Espanha.

— É impossível olhar tudo — disse ela, excitadamente, ao conde. — Precisaria vir aqui todos os dias, até que a Exposição acabasse, para não perder nada!

Ao falar, percebeu que seu entusiasmo lhe agradava, e achou que seria difícil continuar sendo fria quando, na verdade, queria era proceder como uma criança que, pela primeira vez, assistia a uma pantomima.

Caminharam e viram tanta coisa que ela quase se esqueceu da rainha, até que o conde levou-a à saída, para que visse o cortejo real partir. Para surpresa de Sorilda, a rainha parou para falar com ela.

— Espero que tenha gostado da Exposição, lady Winsford.

— É surpreendente, majestade!

— É um dos maiores e mais gloriosos dias de minha vida — sorriu a rainha, e não havia dúvida de que ela falava com toda a sinceridade.

Quando eles saíram, sob os aplausos da multidão, Peter Lansdown juntou-se à Sorilda e ao conde.

— Você está tão inchado de orgulho como um peru, Silas — provocou-o ele. — E nunca vi o príncipe tão contente consigo mesmo.

— Ele tem todo o direito de estar, e eu também! — replicou o conde. — Trabalhamos como escravos para que tudo ficasse pronto.

— Eu também gostaria de congratulá-lo — disse uma voz que Sorilda conhecia muito bem.

Ela, então, percebeu que sua tia estava ao lado do conde.

— Obrigado — respondeu gravemente o conde.

— É sempre uma alegria quando os mais profundos desejos de uma pessoa são satisfeitos! — disse, suavemente, a duquesa.

Sorilda sabia muito bem que havia um sentido oculto nessas palavras, e, por achar que a maneira como a duquesa se aproximara do conde era vergonhosa, afastou-se.

Avistara seu tio, a distância, conversando com lorde Aberdeen.

— Eu disse à Sua Majestade — falava este ao duque. — Não me lembro de nada que tivesse agradado tanto como esta Exposição!

Sabendo que o duque a depreciara, Sorilda não conseguia imaginar o que ele responderia, mas, antes que o fizesse, ele a avistou.

— Sorilda! — exclamou ele. — Vi a rainha conversando com você. Foi extremamente gentil da parte de Sua Majestade e tenho certeza de que você se sentiu honrada com sua condescendência!

— Naturalmente! Estou muito feliz em ter visto a rainha. Pensei que isso fosse algo que nunca aconteceria.

O duque pareceu meio sem jeito.

— Você seria apresentada este ano — disse ele — mas esqueça. Agora, tenho certeza, será constantemente convidada ao Palácio de Buckingham.

Sorilda imaginou se não devia lembrá-lo que ela teria tido uma sorte completamente diferente se tivesse ficado no castelo. Mas achou que isso era indelicado. Ao contrário, disse:

— Acho tudo aqui muito maravilhoso e espero ter mais tempo outro dia, para poder ver todas as coisas, especialmente a maquinaria agrícola, a qual, tenho certeza, deve ter interessado ao senhor!

Isso na verdade não interessava a Sorilda, mas esta achava que devia prender a atenção de seu tio de qualquer forma, para que ele não visse o comportamento de sua esposa.

— Sim, sem dúvida! — disse finalmente o duque. — Voltarei aqui quando de minha próxima visita a Londres. Estaremos voltando para o castelo amanhã pela manhã.

— Talvez possamos vir até aqui juntos, tio Edmund! — disse Sorilda, e viu que ele sorriu para ela como se o convite lhe tivesse agradado.

Então, a duquesa juntou-se a eles.

— Estava esperando por você, para que me levasse para casa — disse ela, asperamente, ao duque.

Ele olhou friamente para ela.

— Eu o farei quando estiver pronto — respondeu.

Sorilda viu a duquesa espremer os lábios, como se quisesse devolver a observação.

Mas, ao contrário, quando olhou para sua tia, viu que a raiva que ela estampara em seus olhos ao vê-la conversando com a rainha não se desvanecera.

— Acho que está vestida exageradamente — disse ela — e usa jóias demais para uma jovem!

— Esquece — respondeu Sorilda — de que agora sou uma mulher casada! E meu marido fez questão de colocar-me em exposição, para combinar com esta ocasião!

Viu que a raiva ardia como fogo nos olhos da duquesa, antes de voltar-se e se dirigir até onde o conde a esperava, juntamente com Peter Lansdown.

Ficou imaginando o que ele dissera à duquesa, para fazê-la voltar para junto do duque, mas sabia que essa era uma pergunta que não poderia fazer. Docilmente saiu pela porta principal, até onde a carruagem esperava por eles.

Peter Lansdown seguiu com eles e, somente quando tinham alcançado a Winsford House, foi que o conde falou:

— Tenho que seguir para o campo amanhã, por alguns dias. Gostaria de me acompanhar?

— Sim, naturalmente! — respondeu rapidamente Sorilda.

Não queria ficar sozinha em Londres e achava que, obviamente, circulariam muitos mexericos se eles se separassem tão rapidamente após o casamento.

— Peter virá conosco — continuou o conde. — Quero que veja o trabalho que está sendo feito nos estábulos.

— Você está pensando em comprar alguns cavalos novos? — perguntou Sorilda.

— Na verdade, comprei quatro esta semana — replicou o conde — e gostaria de vê-los confortavelmente instalados. Estaria pronta para sair às onze horas?

— Naturalmente — replicou Sorilda.

Ele não disse mais nada e quando chegaram à Winsford House, ele e Peter Lansdown, ao invés de reunirem-se a Sorilda, na sala de jantar, dirigiram-se para a biblioteca. Era a sala particular do conde, onde ela não deveria entrar.

Ao subir para tirar seu chapéu e aprontar-se para o almoço, pôs-se a pensar na Exposição, esperando que pudessem voltar do campo a tempo de ver mais um pouco dela.

Então, subitamente, lembrou-se de que seu tio dissera que ele e a duquesa estavam retornando ao castelo, e, pela primeira vez, ocorreu-lhe que talvez fosse por isso que o conde se decidira ir para suas terras.

— Será que ele pretende continuar com sua ligação com a duquesa, agora que estamos casados? — perguntou-se.

Parecia-lhe incrível, ainda que Íris o tivesse procurado na Exposição. Talvez, fora aí que ela lhe dissera que estavam voltando para o castelo, tendo,

assim, o conde decidido viajar para o campo!

— Como ele ousa fazer tal coisa? Como Íris ousa a continuar sendo infiel a tio Edmund?

Para Sorilda isso era sórdido demais, a ponto de se tornar degradante.

— Eu não irei! Ficarei aqui e deixarei que façam o que quiserem! — exclamou ela.

Mas percebeu que seria um erro ficar sozinha, apenas com seu ressentimento e sua raiva como companhias.

Além disso, sua suposição poderia ser inteiramente falsa, parecia-lhe inconcebível que, tendo sido apanhado uma vez fazendo a corte à esposa de seu vizinho, o conde fosse se arriscar por uma segunda vez.

Deve ser somente coincidência o fato dele estar indo para o campo justamente quando Íris e tio Edmund retornam ao castelo! pensou Sorilda.

Mas a suspeita já estava em sua mente e, mais tarde, quando olhou para o conde sentado à cabeceira da mesa, teve vontade de perguntar-lhe se isso era verdade.

Mas isso seria uma tolice que poderia causar-lhe humilhações. O que ela diria se ele lhe respondesse que amava muito Íris para esquecê-la?

Como podia ele, realmente, gostar de uma pessoa tão desagradável e frívola como a duquesa? Mas Sorilda sabia que, qualquer que fosse seu caráter, Íris parecera deslumbrante na abertura da Exposição.

Como o conde poderia saber que, enquanto ela se mostrava toda doce e encantadora para com ele, na verdade, em seu interior trazia a crueldade e a malevolência?

Ele não acreditaria se eu lhe dissesse! pensou Sorilda desesperançadamente.

Então, Peter Lansdown disse algo para que ela risse e, por um momento, esqueceu-se das sensações de desgosto que pareciam, mais uma vez, descolorir tudo, mesmo os seus sonhos!

CAPÍTULO VI

— Vou deixá-los para que tomem o Porto!

Ao falar, Sorilda levantou-se da mesa e, enquanto o conde e Peter Lansdown levantavam-se também, ela sorriu para eles e caminhou em direção à porta.

Houve um rebuliço sob a mesa, e um *spaniel* marrom e branco saiu correndo atrás dela.

Quando ambos deixaram a sala, Peter Lansdown disse para o conde:

— Percebi que Drake segue sua esposa a toda a parte!

— Como costumava me seguir! — replicou o conde. — Esperava muito mais por lealdade ao que se chama "melhor amigo do homem"!

— Acho que ele se tornou o mais ardente admirador da sua mulher! — sorriu Peter Lansdown, ao se sentar novamente à mesa. — E ele não é o único!

O conde olhou para ele, rudemente.

— O que quer dizer com essa observação?

— Simplesmente que, com sua sorte habitual e nas circunstâncias mais incríveis, Silas, você encontrou uma mulher que é excepcional em todos os sentidos!

O conde não respondeu e Peter Lansdown continuou:

— Sorilda não é só extremamente bonita e inteligente; cavalga soberbamente e já faz com que todo mundo venha comer em sua mão, enquanto que seu cachorro não lhe sai do lado!

— Admito — disse ele, após um momento, com uma voz cuidadosamente comedida — que as coisas poderiam ter sido piores.

— Meu Deus! Isso é chorar de barriga cheia! — afirmou Peter Lansdown — você ganhou a taça, trouxe para casa um troféu de valor inestimável e ainda diz que as coisas poderiam ser piores?

Riu e continuou:

— Bem, como já lhe avisei, Drake não é o único admirador de Sorilda e previno-lhe que cuide logo de seus louros, senão ela se jogará nos braços de alguém mais receptivo!

— Você, por exemplo! — disse, secamente, o conde.

— Já pensei nisso — replicou Peter Lansdown — e digo-lhe, Silas, que

somente por ser seu amigo e valorizar a nossa amizade, é que não avanço nessa direção.

O conde ficou por um momento atônito, sem fala. Então, disse, furiosamente:

— Dane-se tudo! Você não tem direito de me falar dessa maneira! Sabe as circunstâncias que me pressionaram ao casamento, e isso é algo que não se esquece facilmente!

— Não é culpa de Sorilda. Na verdade, se ela não o tivesse salvo, de uma maneira que considero generosa, você estaria sem dúvida em situação muito mais desconfortável. Sabe muito bem que o duque tem muita influência junto à rainha.

O conde não disse nada e Peter Lansdown continuou:

— Não creio que considere confortável ser exilado por alguns anos, e ver sua nova Jarreteira e outras condecorações serem arrancadas!

— Pelo amor de Deus, cale-se! — replicou o conde. — Estou farto desse assunto. Eu…

Ia dizer algo mais quando o criado entrou na sala. Dirigiu-se ao conde trazendo uma bandeja onde repousava um bilhete. O conde olhou para ele e aprumou-se.

— Um cavalariço está esperando, milorde!

— Não há resposta!

O criado fez uma reverência e saiu da sala.

O conde continuou olhando para o bilhete em sua mão, sem fazer qualquer esforço para abri-lo.

— A duquesa? — perguntou Peter Lansdown.

— Quem mais? — respondeu o conde selvagemente. — Que diabos farei com essa mulher? Ela não me deixa em paz!

— Pobre Silas! — disse Peter Lansdown, zombeteiramente. — Não posso deixar de ter pena de você. Saiu de Londres para evitar Alison Fane e encontrou uma importuna esperando por você no campo!

O conde apanhou o bilhete e estendeu uma de suas pontas até um candelabro. Quando começou a pegar fogo, depositou-o em seu prato vazio e deixou-o queimando.

— Estou começando a compreender — disse ele lentamente — que a duquesa é uma dessas mulheres que grudam como sanguessuga, e eu sempre mantive distância dessa espécie!

— Realmente sinto por você — disse Peter Lansdown, em tom diferente. — Mas, não negligencie Sorilda por muito tempo. Digo isso com sinceridade!

— O que está tentando me dizer? — perguntou, irritado, o conde. Peter Lansdown recostou-se em sua cadeira, com o cálice de Porto na mão.

— Ela é como a Bela Adormecida — ponderou ele — jovem, doce e inocente. Fico imaginando quem será a primeira pessoa a despertá-la!

— Se tentar seduzir minha esposa, eu o desafiarei! — falou bruscamente o conde.

— Sou tão bom na pontaria quanto você — replicou Peter Lansdown. — E até que valeria a pena!

— Acho que ficou louco! — bradou o conde. — E deixe-me lembrar-lhe que, sem qualquer dúvida, Sorilda está casada comigo!

— Legalmente, sim!

Houve silêncio, e, então, Peter Lansdown completou:

— Wrothan disse-me, antes que deixássemos Londres, que ela era a mais deslumbrante criatura que já vira e, tenho certeza, está apenas esperando por seu retorno para dizer-lhe isso.

Os lábios do conde enrijeceram-se e Peter Lansdown olhou rapidamente para ele, antes que continuasse:

— Tenho a impressão de que Chester também está lhe fazendo a corte. Dançou com ela não menos que três vezes no baile de Richmond. Talvez ela lhe interesse!

O conde levantou-se.

— Pare! Não pretendo discutir a respeito de minha esposa com ninguém, nem mesmo com você. E como a tarde está agradável, sugiro que, antes de nos reunirmos a Sorilda, caminhemos até os estábulos. Roxana pariu um potro hoje, que me disseram ser muito bonito! Ainda não tive tempo de vê-lo.

— Tenho certeza de que Sorilda entenderá porque teve que nos esperar! — disse Peter Lansdown sarcasticamente, enquanto terminava seu Porto.

Ele tinha certeza de que o conde se tornara carrancudo. Mas os seus próprios olhos brilhavam e o sorriso em seus lábios significava que se achava extraordinariamente alerta.

Sorilda, tendo deixado a sala de jantar, encontrara um dos criados esperando no vestíbulo, com três outros *spaniels* pertencentes ao conde.

— Acho que você está esperando por Drake, não é, Henry?

— Sim, *milady*.

— Não tinha percebido que ele entrara na sala de jantar comigo. É traquinagem dele, quando percebe que é a hora de sua caminhada.

— Ele não gosta de ficar longe da senhora, *milady!*

— Ele sabe que o amo — sorriu Sorilda.

Desde que, há uma semana, tinham vindo para o campo, Drake ligara-se a ela, para surpresa do conde. Algumas vezes, Sorilda achava que ele estava enciumado por um de seus cães tê-lo desertado.

Mas, quando o conde estava ocupado, ou ele e Peter Lansdown saíam juntos, Sorilda não se sentia tão só, justamente por causa da companhia de Drake.

Ela agachou-se para afagá-lo.

— Vá dar um belo passeio com Henry — disse ela — e, da próxima vez, não fique gazeteando em baixo da mesa da sala de jantar!

Ela riu quando disse isso e Henry, que era um rapaz do campo, assobiou, ao cruzar o vestíbulo e sair, seguido por quatro cães que balançavam seus rabos.

Sorilda entrou na sala de jantar pensando em como, nesta última semana, tinha sido muito mais feliz que em muitos anos.

Tudo em Winsford Park era muito bonito: a casa, seus pertences, seus arredores e, principalmente, a emoção que sentia ao cavalgar um dos cavalos do conde.

Naquela manhã, apostara uma corrida com ele e Peter Lansdown, no Long Gallop, e quase os batera.

Lembrara-se, então, de que, há pouco tempo estivera espiando o conde por entre os galhos das árvores.

Nunca, nem em sonho, acreditara que se tornaria a esposa daquele homem que cavalgava tão magnificamente, montado em um cavalo tão incrivelmente veloz.

Pensou, com um suspiro, que deveriam deixar Winsford Park logo. O conde não só tinha compromissos na Câmara dos Lordes, como também era esperado pelo príncipe Albert, que o desejava freqüentemente presente no Palácio de Cristal.

Ela sabia que, tão logo deixassem a calmaria do campo, haveria bailes, festas e recepções, e seria impossível conversar com o conde, como agora.

Embora ainda dissesse a si mesma que o desprezava e considerava seu comportamento escandaloso, era impossível manter aquela pose de frieza, quando havia tantas coisas excitantes a fazer e tantos pontos interessantes a discutir.

Agora, ela estava tendo a oportunidade de aprender muita coisa sobre a situação política e sobre o medo de uma agressão francesa, matéria essa que vinha sendo discutida secretamente no Gabinete.

Sorilda sempre achara que a política deveria ser fascinante, e assediava o

conde com perguntas que, segundo pensava ela, agradava-lhe responder, pois podia expor seus pontos de vista a uma audiência pequena, porém receptiva.

Estava contente, também, por Peter Lansdown estar em Winsford Park.

Segundo Sorilda, ele conseguia fazer com que o conde parecesse mais humano, pois, com suas brincadeiras, freqüentemente acabava com a irritação em sua voz e com sua carranca.

— Ele é, também, muito gentil comigo — pensava Sorilda.

Percebera, após dois ou três dias no campo, que tudo se tornara mais fácil e alegre do que esperava devido à presença dele ali.

O tempo estava se tornando agradável e, na verdade, os jornais diziam que teriam um maio excepcional.

Sorilda também soubera pelas colunas sociais do *The Times* que a temporada londrina ia a todo vapor e que, em razão da Exposição, aconteceriam mais bailes e festas que nunca.

Parecia-lhe estranho que o conde, que segundo o Sr. Burnham, recebera mais convites que todo mundo, quisesse permanecer no campo.

Ficava imaginando se isso teria algo a ver com sua tia, mas o conde nunca a mencionava e não havia relações patentes entre Winsford Park e o castelo.

— Graças a Deus! — disse Sorilda, na intimidade de seu quarto.

Ela não se esquecera da expressão da duquesa na abertura da Exposição. Acreditava que ela a estivesse odiando, com todas as suas forças, por ter se casado com o homem que possuía seu coração.

— Acho, realmente, que deveria ter pena dela! — pensou Sorilda. — Mas não tenho! Ela casou-se com tio Edmund e deveria tentar ser feliz com ele. Ele a adora, ou adorava, até que tudo aconteceu!

Ficou imaginando como seria ser adorada por um marido e, algumas vezes, quando se deixava levar por seus pensamentos, conjecturava o que o conde dizia à sua tia, quando fazia amor com ela.

Também o que fizera para que lady Alison ficasse tão apaixonada por ele.

— Homem algum pode ser tão bonito! — murmurou ela. — Somente mulheres idiotas apaixonam-se assim tão facilmente!

Atravessou o quarto até a janela que dava para um terraço de balaustrada de pedras, que se prolongava por todo o lado da casa, com escadas que levavam até um jardim que, conforme lhe dissera o conde, fora inspirado no de Versalhes.

O sol já estava se pondo por detrás das grandes árvores do parque, mas seu brilho ainda era translúcido no céu. Era aquele momento do anoitecer, antes do aparecimento da primeira estrela e do findar da luz do dia.

Sempre pareceu a Sorilda que era o momento em que seu coração como que se elevava de seu corpo, em direção a um mundo que não via; um mundo onde sentia sua mãe muito próxima.

Caminhou pelo terraço, sentindo que toda aquela beleza a envolvia, tornando-se uma parte de si. Então, inesperadamente, ouviu um som tênue abaixo dela.

Olhou pela balaustrada e viu um garoto.

— A senhora está aí, condessa?

— Estou — respondeu Sorilda — mas quem é você e o que está fazendo aqui?

— Vim chamá-la, para que venha urgentemente!

— Mas por quê?

— Seu cachorro foi ferido!

— Drake? Sofreu um acidente? — exclamou Sorilda. — Onde está ele?

— Eu a levarei até lá.

Ela correu escadas abaixo, juntando-se ao rapaz.

— Rápido, senhora!

Sorilda arregaçou suas amplas saias, prendendo-as por baixo da armação de barbatanas, para que pudesse andar mais rapidamente. O garoto corria à frente, è era difícil acompanhá-lo!

Ele correu através do jardim e, então, passou por detrás de uma cerca viva alta que margeava um dos gramados, atrás do qual ficavam os arbustos.

Enquanto Sorilda corria, quase sem fôlego, atrás do garoto, ia imaginando o que teria acontecido. Deveria ter sido algo grave, para Henry ter mandado o rapaz buscá-la.

Já tinham andado um bom pedaço quando se perguntou se não deveria ter esperado o conde e pedido que ele viesse também.

Se Drake estava ferido, ela tinha certeza de que ele saberia o que fazer. Soubera, por intermédio de suas conversas, que ele não só entendia muito de cavalos, como de cachorros também.

Lembrava-se de Huxley lhe dizendo, muito tempo atrás:

— Há uma coisa, Srta. Sorilda, a respeito do conde: ele não só possui como entende de cavalos; e não se pode dizer isso de todos os cavaleiros que levam prêmios para casa!

Sorilda sabia que isso representava uma alta consideração por parte de

Huxley.

Desde que se casara com o conde, percebera que, na verdade, ele conhecia todos os detalhes a respeito de seus cavalos, e, quando visitava os estábulos, nada escapava ao seu olhar crítico!

— Drake está ferido e ele saberá como curá-lo — pensou ela, imaginando se faltaria muito para encontrar o cão.

Já estava quase escuro quando passaram pelos arbustos e, então, Sorilda viu projetada contra a escuridão as ruínas da velha abadia.

Quando o original Winsford Park foi construído, no século XV, havia um grande e florescente mosteiro, posto em desuso após a dissolução desse tipo de ordem por Henrique VIII.

As ruínas da abadia onde os monges celebravam, ainda podiam ser vistas. O teto desaparecera, mas três paredes tinham permanecido, e quando o conde as mostrara, em uma de suas cavalgadas, Sorilda achara tudo muito romântico.

— É um belo lugar — dissera ele com um sorriso — e a verdade é que atrai um bom número de visitantes, que enfurecem meus guardas, pois dizem que eles atrapalham a caça, e meus zeladores, que os acusam de deixar o lugar imundo.

— Entendo por que as pessoas querem vir aqui — replicara Sorilda. — É muito atraente, e sinto que ainda existe um ar de santuário por aqui.

— Sorilda está certa — dissera Peter Lansdown — e se você fosse o clérigo que deveria ser, Silas, deveria reconstruí-la e deixar que as pessoas celebrassem aqui, como costumavam fazer!

— Isso é algo que não tenho intenção de fazer — replicara o conde firmemente. — Além disso, como você sabe, não há nada que uma jovem goste mais do que ruínas, normalmente retratando-as extremamente mal em aquarelas desleixadas!

— Prometo-lhe — dissera ela — que não retratarei as ruínas, pois também detesto aquarelas.

— Você deveria ser grato — dissera Peter Lansdown ao conde — por não precisar emoldurar as tentativas artísticas de Sorilda!

— Em qualquer casa que eu possua, não haverá aquarelas! — declarara positivamente o conde, e Peter Lansdown rira e o provocara por estar se tornando fora de moda.

Bastou pouco tempo para que o garoto atingisse as ruínas; mas Sorilda, agora, estava muito ofegante.

— Onde… está… Drake? Onde… ele está? — perguntou ela. Não havia

nada, a não ser as paredes destruídas; eles passaram entre as touceiras e penetraram nas folhagens que cobriram o que fora, antigamente, a ala principal da abadia.

— Está aqui! — replicou o garoto, apontando para o chão. Atônita, Sorilda viu que ele apontava para alguns degraus que desciam para dentro da terra.

Por um momento, ficou olhando incredulamente; então, compreendeu! Era a velha cripta da abadia e Drake, por alguma razão extraordinária, havia caído escada abaixo.

Olhou para dentro do buraco e percebeu que lá embaixo havia uma luz fraca.

— Drake caiu aqui? — perguntou ela. — E onde estão Henry e os outros cães?

O rapaz não respondeu e, como achasse que ele não poderia fazer mais nada, Sorilda levantou seu vestido um pouco mais e começou a descer as escadas.

Descia de costas, como se estivesse em um iate, segurando nos degraus acima dela.

Era difícil, pois estava embaraçada com sua crinolina, e os degraus, gastos pelo tempo, eram ásperos. Experimentando com o pé cada vez que tinha que dar um passo, lentamente Sorilda alcançou o chão.

Olhou para cima e viu o garoto projetado contra o céu, olhando com atenção para ela. Então virou-se e viu que não errara pensando que havia uma luz.

A luz iluminava, de alguma forma, o interior da cripta e Sorilda caminhou em sua direção, achando que, talvez, Drake tivesse sido carregado para mais adiante, presumivelmente para um lugar onde Henry o pudesse deitar, para examinar o quanto estava ferido!

Talvez tenha quebrado uma perna; e nesse caso deve estar sofrendo muito! pensou.

O piso da cripta era recoberto de pedras planas, e, agora, era-lhe fácil caminhar rapidamente; quando passou o pilar de tijolos, viu a vela.

Estava colocada no chão, mas, para sua surpresa, na área iluminada não havia nada!

Sorilda olhou em volta, atônita. Não estava ali nem Drake, nem qualquer outro cachorro, e nem Henry.

— Henry, onde está você?

Sua voz ecoava forte e assustadoramente pela cripta vazia, e retornava a

ela como um som fantasmagórico.

— Henry! Drake!

Subitamente deu-se conta de que, se Drake estivesse vivo e consciente, responderia ao seu chamado.

— Drake! Drake! — chamou, mas havia apenas silêncio. Gritou os nomes dos outros cães.

— Nelson! Roger! Royal!

Era apavorante ouvir sua própria voz ecoando; então, percebeu que não havia ninguém na cripta a não ser ela.

Supôs que Henry, após ter mandado o garoto avisá-la, conseguira carregar Drake para fora. Sem dúvida, a essa hora, ele já tinha voltado para casa, tendo ambos se desencontrado.

Não conseguia imaginar exatamente o que acontecera, mas acreditava que Henry, quando acontecera o acidente, fora tomado pelo pânico. Após ter mandado chamá-la, percebera que podia resolver tudo competentemente.

Encontrarei Drake já em casa! pensou Sorilda. *E quanto mais cedo voltar, melhor!*

Dirigiu-se às escadas e olhou para cima, esperando ver a silhueta do garoto contra o céu.

Então, viu que não havia céu, mas algo escuro e sólido em seu lugar.

Levou alguns segundos para compreender que aquilo que olhava era a tampa da cripta: duas portas de ferro que estavam abertas quando ela descera, mas que, agora, estavam fechadas! Que extraordinário! pensou ela.

— Abra as portas — gritou ela — estou subindo!

Não houve resposta e ela começou a escalar os degraus, achando agora essa operação mais fácil, a despeito da crinolina, do que quando descera.

Tendo subido cinco degraus, quase bateu sua cabeça contra as portas de ferro.

— Abra essas portas — ordenou ela, e, ao fazê-lo, esticou sua mão direita para empurrar uma delas.

Eram frias e muito sólidas. Empurrou forte, segurando-se firmemente com a outra mão em um dos degraus.

Então, de repente percebeu que, por mais força que fizesse, não conseguiria abri-las. As portas tinham sido fechadas e, como já conhecesse a cripta, sabia que um ferrolho forte as prendia no lugar.

Por alguns segundos, permaneceu onde estava. Então, muito lentamente, desceu de novo até o piso da cripta.

O que estava acontecendo?

Por que fora trazida para cá?

Onde estava Drake?

Então, percebeu tudo claramente, como se alguém lhe tivesse contado. Não houvera nada e ela estava prisioneira na cripta.

Levaria muito tempo até que alguém a encontrasse!

Como a idéia era muito terrível, caminhou até a vela e olhou-a apreensivamente.

Era uma vela pequena e deveria estar queimando já há algum tempo. Quando acabasse, estaria no escuro!

Horrorizada com esse pensamento, Sorilda gritou desesperadamente.

— Socorro! Socorro!

Mas ouvia-se apenas o eco, e as paredes pareciam trazer a voz de volta para ela.

— Socorro! Socorro!

Não posso entrar em pânico, pensou. Preciso pensar calmamente no que fazer e em como escapar!

Essas palavras faziam-na lembrar-se de como quisera desesperadamente escapar do castelo; mas agora estava prisioneira em uma cripta de uma abadia em ruínas!!

— Alguém me encontrará — disse a si mesma — mas quando?

O conde dissera que sempre havia visitantes nas ruínas. Mas ainda não era tempo para piqueniques e ela tinha a desagradável sensação de que o que ele considerava uma multidão de visitantes não deveria passar de duas ou três pequenas excursões ao ano!

Suspirou. Se ficasse muito tempo, facilmente poderia morrer por falta de comida, sem luz ou por causa do frio.

Ao pensar nisso, estremecia. Ficara tão ansiosa por encontrar Drake que, ao descer para a cripta, não lhe ocorrera como lá era frio!

Mas agora, encarcerada debaixo da terra, podia sentir a frialdade do chão de pedras subindo, como que acabando com o calor de seu corpo!

— Socorro! Socorro!

Tomada de um pânico que não podia mais controlar, voltou às escadas e subiu os degraus, empurrando com toda a sua força as portas de ferro.

Estava desesperada, completamente sem esperanças! E agora sentia um medo subir por todo o seu corpo como uma serpente venenosa!

— Ninguém irá me encontrar e eu morrerei sozinha! Oh, Silas, salve-me!

Ao chamar pelo conde, com voz sussurrante, descobriu por que fora aprisionada!

Fora a duquesa que, transformando seu ódio em ação, a trouxera para ali, para que morresse!

A duquesa, que queria o conde livre para si, maquinara esse plano diabólico, para conseguir seus próprios fins e desejos!

Sorilda desceu os degraus e, sentando-se sobre eles, cobriu suas pernas.

— O que farei? — perguntou-se. — Oh, Deus, ajude-me! O que farei?

O conde caminhou pelo vestíbulo, seguido por Peter Lansdown. Ambos pareciam cansados, a ponto de estarem exaustos.

— Traga imediatamente algo para comer e mande que novos cavalos estejam prontos em meia hora!

— Muito bem, milorde. Deseja algo para beber na biblioteca?

— *Brandy!* — replicou o conde.

O criado correu a abrir a porta da biblioteca.

O conde entrou na sala e jogou-se em uma das cadeiras, ao lado da lareira.

Peter Lansdown permaneceu por um momento afastando seus cabelos da testa, antes de cair em outra cadeira, com as pernas estendidas. Eles apanharam os cálices de *brandy* que o copeiro lhes ofereceu.

— O senhor deseja trocar de roupa, milorde?

— Não, jantarei como estou — respondeu o conde. — E também o Sr. Lansdown.

Quando o copeiro deixou a sala, o conde disse:

— Onde mais podemos procurar? Acho que, ontem e hoje, cobrimos toda a propriedade.

— Você ainda não acredita que tenha fugido?

— Por que faria isso?

— Já conversamos isso antes — disse Peter Lansdown. — Definitivamente, ela não era infeliz. Parecia se entreter com as coisas que dissemos ao jantar, e não havia como deixar a casa, a não ser a pé!

O conde bebeu um pouco de seu *brandy* antes de dizer:

— Você vai rir de mim, mas tenho a impressão de que algo terrível, quase fatal, aconteceu. Não consigo explicar, mas isso está em minha cabeça.

Peter Lansdown olhou surpreso para ele.

— O que poderia ser? — perguntou.

— Não sei. Se eu tivesse feito algo… Mas, simplesmente, não sei! Precisamos encontrar Sorilda, e algo me diz que o mais rápido possível!

Peter Lansdown fez um pequeno gesto de desamparo. Durante todo o

dia anterior, ele e o conde tinham cavalgado por todos os lugares, através dos bosques, visitando cada fazenda, cada chalé de toda a região.

Os guardas e lenhadores procuravam também, a partir do momento em que o conde decidira anunciar o desaparecimento da condessa.

Quando o conde e Peter Lansdown tinham-se dirigido à sala de jantar, após visitar os estábulos, encontraram-na vazia e o conde havia suposto que Sorilda tivesse ido se deitar.

Apenas muito mais tarde fora que ouvira um cão arranhando e uivando e se perguntara por quê.

A princípio, pensara que era um dos cachorros que dormia em seus aposentos, mas então percebera que o som provinha do quarto de Sorilda.

Sabia que Drake estava com ela, e achara estranho o cão proceder daquela maneira e ela não fazer nada para repreendê-lo.

O conde permanecera ouvindo por algum tempo e, então, concluíra que algo estava errado.

Sentindo-se ligeiramente embaraçado por Sorilda poder vir a pensar que quisesse estar se introduzindo em seu quarto, saíra da cama, colocara seu roupão e fora até a porta de comunicação entre os dois quartos.

Batera e, instantaneamente, Drake parara de uivar, dando um latido.

— Você está acordada, Sorilda?

Não houvera resposta e, ao mesmo tempo, Drake começara a latir mais alto. O conde tentara abrir a porta, mas estava trancada. Dirigira-se ao corredor e abrira a outra porta do quarto de Sorilda.

Naquele momento, Drake diminuíra suas arranhadas e uivos até que ao abrir a porta, correra para ele, parecendo muito excitado com sua aparição.

— O que é, rapaz? — perguntara o conde. — O que está incomodando você?

Olhara para a cama. As velas estavam acesas e pudera ver que a cama não fora desarrumada. A camisola de Sorilda jazia em uma cadeira, juntamente com seu penhoar.

O conde ficara confuso, achando difícil entender o que acontecera. Então, voltara ao seu quarto e tocara a sineta.

Demorara algum tempo até que pudesse saber, de seu valete, que acordara a governanta, e esta despertara a criada, que a condessa não tocara para ser ajudada a trocar de roupa.

Na verdade, ninguém na casa a vira desde que ela descera para o jantar.

O conde procurara pela casa toda com o vigia e, mais tarde, acordara Peter Lansdown.

— A janela da sala de jantar estava aberta — dissera o conde. — Apenas posso imaginar que tenha saído para o jardim, para um passeio, e tenha sofrido um acidente. Vamos começar a busca e mandarei um dos criados acordar os jardineiros.

Embora tivessem gastado todo aquele dia procurando Sorilda, não houve sinal dela.

O mesmo acontecera hoje, e Peter Lansdown percebera, quando trocaram de cavalos à hora do almoço, que o conde estava tão exausto quanto ele, mas nenhum dos dois tencionava desistir.

— Onde diabos pode ela estar? — perguntava, agora, o conde. — Se por aqui houvesse areia movediça, ela poderia ter caído, mas não há nada disso. E, como você sabe, o lago não é profundo o bastante para que alguém se afogue.

— Sorilda me disse que sabia nadar. Há algum poço perigoso?

— Se há, não conheço! — respondeu o conde. — O poço que usamos para a casa tem uma bomba; assim, é impossível que alguém caia nele, sem antes acionar o maquinismo.

— Então o que… — começou Peter Lansdown com voz cansada, quando a porta se abriu e o copeiro veio até o conde.

— Desculpe-me, milorde. Mas Betsy pede para vê-lo.

— Betsy? — perguntou ele.

— Ela é uma das criadas que trabalha na cozinha, milorde. Diz que tem algo a dizer a Vossa Excelência pessoalmente, e acredito que seja algo relacionado à senhora condessa!

— Mande-a entrar — disse o conde rapidamente.

— Muito bem, milorde.

O copeiro saiu e Peter Lansdown levantou-se lentamente.

— Vou me lavar — disse ele — e penso que seja melhor ficar a sós com a garota. Ela pode ficar embaraçada comigo.

— Não creio que haja algo que ela possa me dizer — replicou o conde.

— Qualquer pista é melhor que nenhuma — disse Peter Lansdown ao sair.

O conde esperou alguns minutos até o copeiro anunciar:

— Betsy, milorde.

O conde olhou Betsy entrar. Viu que era uma jovem muito atraente, de dezessete ou dezoito anos; mas, como estivesse amedrontada, seu rosto estava muito pálido e ela retorcia os dedos em seu avental branco. Fez uma reverência.

— Seu nome é Betsy? — perguntou o conde calmamente.

— Sim, milorde.

— Parece que tem algo a dizer-me.

— Pode não ajudar, milorde, mas acho que tenho que contar a Vossa Excelência.

— Serei muito grato por qualquer coisa que possa me ajudar a encontrar a condessa. Como todos nós sabemos, ela desapareceu da maneira mais misteriosa possível, e não posso deixar de pensar que talvez esteja envolvida em um acidente.

— Sim, milorde, é o que dizem na cozinha.

Houve silêncio, durante o qual Betsy, obviamente, estava procurando as palavras. Mas o conde disse, encorajando-a:

— Diga-me tudo o que lembrar. Quem sabe uma coisinha pode ajudar!

— Sim, milorde. Bem, na noite em que Sua Excelência desapareceu, Jim trouxe um bilhete do castelo para o senhor.

— Quem é Jim? — perguntou o conde.

— É um cavalariço do castelo, milorde, e eu o conheço há muito tempo. Nós nos amamos.

As palavras pareciam jorrar apreensivamente, e o conde sabia que Betsy olhava para ele com medo.

— Entendo, Betsy. Você é uma moça bonita e Jim, obviamente, tem bom gosto.

As palavras produziram um fraco sorriso nos lábios de Betsy e o conde ordenou:

— Continue!

— Depois que disseram a Jim que não havia resposta, ele voltou — disse Betsy. — Fui com ele até a estrada.

Retorceu seus dedos um pouco mais vigorosamente e continuou:

— Nós vamos nos casar assim que tivermos dinheiro.

— Falaremos sobre isso outra hora — disse o conde. — Talvez eu possa ajudá-los. Agora, conte-me o que aconteceu.

— Nós estávamos perto da cabana do zelador, quando subitamente vimos alguém cavalgando em nossa direção.

A voz de Betsy tremeu um pouco quando disse:

— Eu sabia que não deveria me atrasar e como não quiséssemos que ninguém nos visse, Jim escondeu seu cavalo atrás de um grande rododendro, e eu me escondi com ele.

— Tenho certeza de que foi algo sensato que fizeram — disse o conde. —

Quem vinha a cavalo?

— É o que ia lhe contar, milorde. Ele cavalgava pela estrada e passou muito perto de nós, através dos portões.

O conde esperou, com os olhos no rosto de Betsy.

— Somente quando ele se foi é que eu disse a Jim que aquele era Len!

— *Sim, Len* — disse *Jim — e com um dos nossos cavalos. Não sei o que o senhor Huxley vai dizer disso.*

— Quem é Len? — perguntou o conde, como que não querendo que Betsy se desviasse.

— É o que ia lhe dizer, milorde. É um novo cavalariço do castelo, de quem ninguém gosta.

— Você estava no castelo antes de vir para cá?

— Sim, milorde, mas Sua Graça mandou-me embora sem nenhuma referência.

— Conte-me sobre Len — disse o conde.

— Len veio para o castelo com a duquesa. Ele era vizinho da criada de Sua Graça. Nos estábulos, eles o odeiam, porque acham que ele os espiona. Ele conta coisas para a Srta. Harriet, que conta para a duquesa.

— Entendo o que está me dizendo — disse lentamente o conde. — Então, Len, para todos os efeitos, é um servo da duquesa?

— Sim, milorde. Pareceu engraçado a mim e a Jim, que Len estivesse por aí, quando a condessa desapareceu, sabendo como Sua Graça odeia a Srta. Sorilda e faz tudo para prejudicá-la.

Betsy falava rancorosamente e o conde olhou para ela, atônito.

— Está sugerindo — perguntou ele — que Len tem algo a ver com o desaparecimento de Sua Excelência?

— Isso não me surpreenderia — replicou Betsy. — O que fazia cavalgando um cavalo, se não pode tirá-lo dos estábulos?

— Acho que estou conseguindo seguir seu raciocínio — disse o conde. — De que direção Len vinha, quando o viu?

— Ele cavalgava pelos campos do outro lado da cerca, milorde. Acho que vinha da velha abadia.

— Da velha abadia? — repetiu o conde.

— Já estive lá, milorde, e é muito amedrontador com todas aquelas paredes destruídas; e quando desci até a cripta, senti como se estivesse em um túmulo.

— A cripta!

A voz do conde pareceu vibrar, e ele levantou-se em um salto.

— Lá nós não procuramos! — exclamou ele.

Ao caminhar rapidamente para a porta, virou-se e disse:

— Obrigado, Betsy. Se eu encontrar Sua Excelência, pode começar a planejar seu casamento!

CAPÍTULO VII

Sorilda acordou de repente e percebeu que cochilara com a cabeça recostada no pilar.

Ela havia se sentado junto à vela, esperando, em vão, que isso pudesse lhe proporcionar algum calor, pois sentia que o frio tomava conta de todo o seu corpo.

Quando seus dentes começaram a bater, tirara suas amplas saias e cobrira com elas os ombros nus. Ao fazer isso, ocorrera-lhe que talvez se aquecesse mais se suas anáguas ficassem em contato direto com suas pernas, ao invés de sobre a armação da crinolina.

Tirara a armação e, por um momento, havia julgado que a maciez da seda fazia com que sentisse um pouco mais de calor. Então, cruzara os braços e sentara-se perto da vela.

Nesse instante percebeu que a vela já estava quase chegando ao fim e que, dentro de poucos minutos, se extinguiria por completo.

Então, ela ficaria na escuridão!

Ao pensar nisso, olhou para as sombras que se projetavam sobre as paredes, onde, sabia ela, estavam as urnas com os ossos dos monges mortos há muito tempo.

— Eles não me farão mal — pensou sensatamente. — Eles são santos e me protegerão do mal!

Mas não tinham sido capazes de protegê-la contra ser aprisionada dentro da cripta, o que, tinha certeza, fora uma ordem da duquesa.

Ninguém iria encontrá-la e ela morreria lentamente de frio e de fome, até que, anos mais tarde, encontrassem seus ossos, envoltos em seu vestido de seda.

Esse pensamento deu-lhe vontade de gritar. Então, disse a si mesma que esse era o momento em que deveria rezar por ajuda e acreditar, ainda que parecesse algo impossível, que suas preces fossem ouvidas.

Então, ao começar a orar, descobriu que todo o seu corpo e sua alma clamavam pelo conde! Ele era tão forte, tão atlético, que era a única pessoa que poderia salvá-la.

Pensou que não se importava que tivesse cem outras mulheres em seus braços, desde que pudesse tê-lo junto a si, e que ele a tirasse daquela prisão

fria e escura.

— Meu destino é ser prisioneira por toda a vida — murmurou Sorilda, com um pequeno soluço — primeiramente, no castelo; e agora, nas ruínas de uma cripta, onde ninguém se lembrará de procurar!

Então, subitamente, percebeu que estava em outra prisão ainda!

A simples idéia disso fê-la tremer. Não podia ser verdade!

O que estava pensando devia ser conseqüência do medo ou de qualquer outro motivo.

No entanto, por mais que protestasse, sabia que era verdade.

Ela amava o conde!

Parecia incrível, que até então sentira somente desdém por ele, mas agora sabia por que tinha sido tão feliz nesses últimos dias, quando cavalgaram juntos, quando o ouviu contando o que estava acontecendo no Parlamento, e ao vê-lo rir com Peter Lansdown.

Ela o amava!

Então, desesperadamente, disse a si mesma que era inevitável que isso tivesse acontecido. O que sabia ela a respeito dos homens, tendo sido enclausurada no castelo desde a morte de seus pais, e não conhecendo ninguém a não ser os velhos amigos do duque?

— Eu seria uma anormal se não tivesse me apaixonado pelo homem mais atraente do mundo — pensou ela — e agora sou uma prisioneira do amor!

Tentou rir, mas, ao contrário, apenas padeceu ao perceber que não só queria o conde como instrumento de salvação, mas também como homem!

Muitas outras mulheres o tinham querido da mesma maneira, pensava ela, mas ela ainda não sentira seus braços enlaçando-a e os lábios dele contra os seus.

Talvez seja melhor morrer! Pensou.

Ainda que todo o seu instinto quisesse viver!

Queria ver novamente o conde, ouvir sua voz, ver o brilho de seus olhos quando alguma coisa lhe agradava, ou escutar sua risada, que revelava um quê de menino nele.

— Sou sua esposa! Sua esposa! — disse a si mesma Sorilda.

Mas, desesperadamente, lembrou-se de que era esposa apenas no nome.

Ele tinha ficado furioso por ter que se casar com ela, e ela bem se lembrava de que, durante todo o tempo que tinham ficado em Londres, nunca parecera olhar para ela, além de nunca terem ficado a sós.

Talvez… agora… ele tenha outra impressão de mim! Pensou.

Mas logo voltariam a Londres e existiriam outras pessoas para conversar com ele, com quem ele dançaria, e eles nunca mais ficariam sozinhos!

Como ele não estava interessado nela, Sorilda sabia que iria se sentir extremamente sozinha em meio à maior multidão.

— Eu o amo! Eu o amo! — murmurou em voz alta, e seus dentes bateram de frio,

Podia sentir esse frio subindo do chão úmido e pensou que talvez fosse melhor caminhar um pouco; mas, nesse instante, a vela se apagou!

Agora, a escuridão era apavorante e os fantasmas dos monges pareciam assombrá-la.

Talvez, pensou, a maldade que emanava de sua tia estivesse também presente ali, e a duquesa estivesse rindo de satisfação por ela ter caído tão rapidamente na armadilha que armara.

— Como pude ser tão tola? — perguntou-se Sorilda. Arrependia-se mil vezes de não ter corrido à sala de jantar e contado ao conde o que acontecera!

Agora é muito tarde! Pensou novamente.

Morreria ali, no frio, e ele nunca a encontraria e nem ficaria sabendo o quanto ela o amava!

— Eu o quero! Eu o quero! — gritava intimamente.

Pensou que se ao menos ele pudesse tê-la nos braços e beijá-la antes que morresse…

Então, sua coragem disse-lhe que, feliz ou infeliz, tinha que tentar não morrer!

Forçou-se a ficar de pé, segurando-se no pilar, para que não ficasse totalmente perdida na escuridão.

Mas sentou-se novamente e tentou rezar…

Muito, muito depois, quando tremia como se atacada de maleita, Sorilda começou a caminhar, com suas mãos estendidas, para não tropeçar caso encontrasse algum obstáculo pela frente, até as escadas.

Olhou e conseguiu ver uma tênue linha de luz, entre a junção das duas portas de ferro, e achou que era a luz do dia!

Esperava ouvir vozes, mas ouviu apenas o leve piar dos pássaros.

— Se os passarinhos estão cantando, é porque não há ninguém os espantando! — disse a si mesma, achando que seria tolice gritar por socorro.

Como achasse que, talvez, em cima fosse um pouco mais quente, começou a subir as escadas; mas, nesse momento, despencou uma súbita chuva sobre as portas.

Ao cair a chuva, sentia que o simples som da água a fazia ter mais frio

ainda.

Não tinha fome, somente sentia um vazio dentro de si, mas, à medida que as horas foram se passando, começou a ter sede. Achou que poderia beber água da chuva, mas não tinha como consegui-la.

Lentamente o tempo se passou e, então, com muito terror e medo, Sorilda gritou por ajuda, mas, novamente, sua voz apenas ecoou pela escuridão da cripta.

Como se sentisse mal acomodada nos degraus, desceu novamente e, apalpando, foi até o pilar, sentando-se recostada nele.

Tentava calcular quanto tempo levaria para morrer; mas, ao invés, ficou pensando no conde.

— Por que, de todos os homens, justamente ele apareceu em minha vida? — perguntou-se.

Ficou se lembrando de como ela estava, quando apareceu em seu quarto no castelo, parecendo surpreso ao encontrá-la sentada contra as almofadas, olhando para ele.

Então, com um pequeno aperto no coração, recordou-se da raiva que emanava dele, quando se dirigira a ela, quando chegaram a Londres.

Se eu tivesse sido inteligente, pensou Sorilda*, teria aceito a sua oferta de viver separadamente, mas, aí, nunca o amaria como estou fazendo agora.*

Sabia que pensar nele era um grande padecimento para seu coração; e que doía querê-lo e saber que ele nunca teria conhecimento disso.

Imaginava o que estaria fazendo. Estaria procurando por ela, ou simplesmente pensando que fugira e, assim, logo se esqueceria dela?

Talvez estivesse rindo disso com Peter Lansdown, feliz por seu casamento ter se acabado, sendo que tão cedo não arranjaria outra esposa.

— Ele queria ficar solteiro — pensou Sorilda — ainda que um dia eu viesse a lhe dar um filho para continuar a linhagem!

Pela primeira vez, sentiu as lágrimas brotando dos olhos, ao pensar que, se tivessem tido um filho, teriam ficado mais próximos. Pelo menos, por um momento teriam se pertencido mutuamente.

As lágrimas não correram de seus olhos, como se já estivesse morta e não restasse mais vida nela.

Sentia-se cada vez mais fria.

A chuva parou e não havia qualquer som sobre as portas da cripta, mas alguma coisa começou a amortecê-la e ela sentiu que ia ficando paralisada.

A duquesa ganhou, pensou, morrerei hoje à noite ou amanhã, e ninguém ficará sabendo!

Fechou os olhos e achou que estava mergulhando cada vez mais na escuridão, sem pensar, apenas sentindo que já estava jazendo em um túmulo frio…

O conde, chegando ao vestíbulo, disse ao criado:

— Um de vocês suba e diga ao Sr. Lansdown para vir até aqui, e os cavalos devem ser providenciados imediatamente.

Quando os criados correram para cumprir suas ordens, o conde perguntou, como se lembrasse subitamente.

— Onde está Drake?

— Penso que esteja no quarto da senhora condessa, milorde — respondeu o copeiro. — Ele voltou para lá, para procurar por Sua Excelência.

— Vá buscá-lo!

Peter Lansdown desceu com Drake correndo atrás dele.

— O que há? — perguntou ele ao alcançar o conde.

— Vamos até a velha abadia — replicou o conde. — Não é longe.

Ao falar, ouviu o barulho dos cavalos em frente à porta e, sem nenhuma outra palavra, saiu e montou seu garanhão preto.

Sem fazer qualquer outra pergunta, Peter Lansdown pulou para a cela de outro cavalo e, com Drake seguindo-os, partiram.

O conde cavalgou velozmente até alcançar a trilha que levava através da cerca viva.

Naquele lugar, foi forçado a seguir lentamente, abaixando a cabeça para evitar que seu chapéu fosse lançado fora por algum galho de árvore; seguiu a trilha sinuosa através dos grandes rododendros que começavam a florir.

Em poucos minutos, o conde emergiu no terreno áspero que circundava a velha abadia.

Peter Lansdown já vira as ruínas anteriormente, e ficou imaginando por que o conde acharia que Sorilda tivesse vindo para cá. Embora pitoresco, era um lugar desolado, mesmo num dia ensolarado.

Agora, com o sol se pondo e a noite se aproximando, parecia sombrio e até sinistro; esperava que Sorilda não tivesse sido obrigada, em razão de algum acidente ou qualquer outra coisa, a passar ali aquelas duas noites e um dia em que ficara perdida.

O conde cavalgou até o centro do que fora, em outros tempos, a ala principal, e desmontou.

Peter Lansdown seguiu seu exemplo.

— O que estamos procurando? — perguntou ele.

— A cripta — respondeu o conde. — Fica por aqui.

— Você acha que, por engano, Sorilda tenha caído lá dentro? — perguntou Peter Lansdown — Mas por quê? E, em primeiro lugar, o que ela estaria fazendo aqui?

O conde não respondeu. Procurava por entre as moitas e, então, soltou uma exclamação.

— Aqui está a cripta — disse ele. — Mas as portas estão trancadas e aferrolhadas; assim, ela não pode estar aqui.

Virou-se e Peter Lansdown notou o desapontamento em seu rosto.

Ele se importa! Ele realmente se importa por não tê-la encontrado, pensou Peter.

Suspeitara que os sentimentos do conde durante a busca a Sorilda não eram exclusivamente os de um homem que sabe ser sua tarefa procurar a esposa que desapareceu.

Aquilo que esperava aconteceu pensou Peter Lansdown, embora tivesse medo que fosse muito tarde.

— O que vai fazer agora? — perguntou em voz alta.

— Devemos procurar em volta deste lugar, já que estamos aqui — disse o conde com voz entorpecida.

Então, Peter Lansdown soltou uma exclamação.

— Olhe para Drake!

O conde virou-se em direção à cripta. Drake arranhava violentamente a terra à volta da porta.

Os dois homens se entreolharam. Então, enquanto Peter Lansdown segurava as rédeas do garanhão preto, o conde retirou o ferrolho que fechava as portas da cripta.

Elas abriram-se facilmente, como se tivessem sido recentemente lubrificadas.

Drake soltou um pequeno latido de excitação e desceu correndo os degraus, mergulhando, aparentemente sem medo, na escuridão.

O conde começou a segui-lo. Ouviu um latido de alegria e percebeu que Drake encontrara o que eles buscavam.

— Beba um pouco mais, *milady!* Fará com que melhore — disse a Sra. Dawson, mas Sorilda balançou a cabeça.

A sopa quente estava deliciosa, e parecia espantar o frio que a envolvera como em um sarcófago.

Tinha estado semi-inconsciente, mas percebera, enquanto ela cavalgava

lentamente de volta à casa, que estava onde queria estar, e nada mais importava, pois ele a tinha encontrado!

O conde a carregara escada acima e vagamente se lembrava, por estar meio fora da realidade, de ouvi-lo dar ordens para que providenciassem *brandy*, alimentos quentes e um banho.

Então, apareceram criadas para cuidar dela, e Sorilda não fez qualquer esforço, deixando-se mergulhar em um calor que, gradualmente, parecia espantar o frio.

Lentamente, muito lentamente, sentiu-se voltar à vida.

Pensara que estava morta, mas com o calor havia vida novamente correndo em suas veias e, primeiramente o *brandy* e depois a sopa quente, fizeram-na quebrar o gelo.

Agora estava na cama, com o corpo e os pés aquecidos, e sentia que não conseguiria engolir nada mais.

— Não… obrigada… Sra. Dawson — disse ela debilmente.

— O senhor conde ficará desapontado, como lhe dirá daqui a pouco!

— Ele… está vindo… me ver?

Sorilda conseguia sentir a palpitação em sua voz ao fazer essa pergunta, e a Sra. Dawson respondeu:

— Sua Excelência disse que subiria imediatamente após ter trocado de roupa e jantado. Ele deve estar exausto, depois de ter cavalgado ontem o dia todo, após ter passado a noite em claro, recomeçando hoje novamente. A senhora condessa nos deu um grande susto!

Sorilda sabia que a Sra. Dawson estava estourando de curiosidade para saber o que acontecera, mas ela não queria falar sobre isso.

Apenas queria pensar, com uma indescritível alegria, que estava viva e que fora o conde quem a salvara!

Ele aparecera, como ela rezara para que o fizesse, e a trouxera para um lugar seguro, antes que fosse tarde e ela tivesse morrido no frio e na escuridão.

Olhou em volta do quarto e achou que aquele era o lugar mais bonito do mundo.

— Tem certeza de que está bem aquecida? — perguntou solicitamente a Sra. Dawson.

— É… agradável… estar tão bem — respondeu Sorilda.

Olhou para o fogo que queimava na lareira e para o candelabro de porcelana de Dresden, que ficava ao lado de sua mesa, com doze velas acesas, e, então, lembrou-se da velinha que se apagara.

Fechou os olhos porque era maravilhoso demais não precisar ter medo! Estava em casa! Esta era a palavra certa: casa! E fora o conde que a trouxera para cá!

Ouviu-se um batida à porta e ela sentiu seu coração pular.

A Sra. Dawson foi abri-la.

— Entre, Excelência — Sorilda ouviu-a dizer. — A senhora condessa diz que se sente melhor!

Ele entrou e a Sra. Dawson saiu para o corredor, fechando a porta atrás de si.

Por um momento, ficou apenas parado junto à porta, olhando para Sorilda estendida contra as almofadas enfeitadas de rendas, com os cabelos caindo por sobre os ombros, seus olhos verdes muito grandes contrastando com suas faces pálidas.

Dirigiu-se a ela e, Sorilda impulsivamente, sem pensar, estendeu a mão.

— Você… me salvou! — disse ela. — Rezei… para que viesse… mas pensei que não fosse ser ouvida!

— Eu a ouvi — disse ele. — E sabia que alguma coisa muito terrível tinha acontecido com você. Senti isso desde o momento em que aconteceu!

— Achei que iria morrer e você nunca ficaria sabendo… onde estava! — disse Sorilda em voz baixa.

Sentia os dedos dele entre os seus.

— Isso não voltará a acontecer — disse ele. — Você está bem, para me contar como foi parar naquele maldito lugar?

— Um… garoto… levou-me até lá.

O conde pareceu confuso.

— Que garoto?

— Não sei. Eu estava no terraço… e ele me disse que deveria ir ver Drake imediatamente… e eu pensei que talvez ele tivesse sofrido um acidente.

— Por que não me contou?

— Não imagina… quantas vezes me fiz essa mesma pergunta! — respondeu Sorilda. — Mas eu segui o garoto até a cripta e quando ele a apontou, achei que talvez Drake tivesse caído pelas escadas e se ferido!

Viu, pela expressão de seu rosto, que o conde estava furioso, e continuou:

— Foi muito… tolo de minha parte!

— Suspeita de quem possa ter prendido você lá dentro?

Viu a expressão de Sorilda e soube que ela conhecia o responsável, quem havia planejado sua destruição.

— Esqueça — disse ele rapidamente. — Nós dois temos que fazer isso, senão não teremos paz nem felicidade.

Deu um sorriso que pareceu transformar seu rosto.

— E a única maneira que tenho de protegê-la é mantê-la ao meu lado, dia e noite!

Sorilda olhou para ele com um súbito brilho nos olhos. Então, disse, um pouco incoerentemente:

— Você deve ter achado… isso tudo… um incômodo!

Achou que ele pensava em algo antes de dizer:

— Você me disse que rezou para mim. Você me queria ou desejava somente alguém que a salvasse?

Havia um tom em sua voz que fez Sorilda sentir-se subitamente envergonhada. Seus olhos se agitaram e ela não conseguiu olhar para o conde.

— Quero que responda à pergunta, Sorilda.

Talvez por estar fraca ou por achar impossível fingir, disse a verdade.

— Eu… queria… você!

— Rezou para mim?

— Todo… o tempo.

— Quer me dizer por quê?

Houve silêncio e o conde disse:

— Diga-me, Sorilda. É importante, e quero ouvir a verdade.

— Eu queria… estar com você. Fui tão feliz… desde que viemos para o campo!

— Eu a fiz feliz?

Seus olhos estavam arregalados quando encontrou os dele. Era como se não houvesse necessidade alguma de palavras. Ele devia estar sabendo o que ela sentia, saber de seu amor brotando por ele.

— Quero lhe dizer algo, Sorilda — disse o conde, com voz lenta e profunda.

— O que… é?

— Quando a perdi, percebi o quanto passou a significar para mim, e que era desesperadamente importante encontrá-la para que pudesse lhe contar isso.

Os olhos de Sorilda pareciam conter a luz de mil velas.

— Está… me dizendo que… gosta um pouco de mim?

— Estou lhe dizendo que a amo — replicou o conde. — E de uma maneira como nunca amei ninguém!

Deu um suspiro que, de certa forma, parecia impaciente.

— Sei que é difícil acreditar nisso. Sei que a choquei, que você me desprezou, e teve todo o direito de fazê-lo. Mas quero que saiba que o que sinto por você é algo inteiramente diferente e não tem nada a ver com essas declarações de amor banais que os homens fazem a toda hora. É verdade, e eu quero que acredite em mim!

— Eu… o desejo! Você sabe que… eu o desejo, e mesmo que se canse de mim, que me abandone como abandonou outras mulheres, teria sido um paraíso ter tido você, nem que fosse só por um momento.

— Não é questão de muito ou pouco, Sorilda — disse gentilmente o conde. — Eu a amo e isso é algo que nunca disse a ninguém!

Olhou para ela como se tivesse medo que não acreditasse, completando rapidamente:

— As mulheres me atraíram; eu as desejei. Não há necessidade de explicar isso a você, mas eu sempre soube que o que sentia por elas não era amor, não aquele amor que esperava encontrar um dia, embora achasse que isso seria quase que impossível.

— Foi por isso… que nunca se casou?

— Exatamente! — disse o conde. — Há muito tempo atrás, jurei para mim mesmo que, a menos que o meu casamento fosse totalmente diferente desses que eu via à minha volta, permaneceria solteiro.

Olhou para ela e completou:

— Quero uma esposa que me pertença completamente, e para sempre. Que seja leal. E que seja exclusivamente minha, para toda a eternidade!

Fez uma pausa, antes de dizer calmamente:

— E acho, Sorilda, que a encontrei!

Então, enquanto ela pensava que tudo aquilo que acontecia era um sonho milagroso, ele abaixou-se e, muito gentilmente, procurou os lábios de Sorilda.

Foi um beijo suave, um beijo sem paixão, quase como um homem tocando uma flor.

Para Sorilda foi como se o quarto estivesse iluminado por uma luz que vinha de dentro deles, e que também fosse parte de Deus.

Sentia que o conde, com o toque de seus lábios, proporcionava-lhe tudo o que há muito desejara. Era uma parte daquela beleza que sempre a emocionara, e da música que vibrava dentro de seu coração.

— Eu… o amo! Eu… o amo! — quis gritar.

Então, os lábios do conde começaram a se tornar mais possessivos, mais

suplicantes, e ela sentiu como se ele tivesse extirpado a alma de seu corpo.

Finalmente, após o que pareceu ser uma eternidade, ele levantou seu rosto.

— Eu… o amo! — murmurou Sorilda. — Eu… o amo! Eu… o amo!

— Como eu a amo, minha querida!

— É verdade… é realmente verdade… que me ama?

— Eu a amo — replicou o conde. — E agora não precisa mais ter medo. Eu cuidarei de você e a protegerei, e nunca mais a perderei!

Havia algo tão comovente na voz dele que lágrimas começaram a brotar nos olhos de Sorilda que, ao olhá-lo, sentiu-se envolvida por uma nuvem de glória.

— É tudo… tão maravilhoso… tão perfeito! — murmurou ela. — Talvez… eu esteja morta… e tenha subido aos céus!

Ao falar, as lágrimas inundaram seu rosto.

O conde enlaçou-a, puxando-a para junto de si.

— Minha preciosa, minha adorada, minha querida maravilhosa! Não chore! Você foi muito corajosa, incrivelmente corajosa, a despeito de tudo o que aconteceu, e agora quero que seja feliz e esqueça tudo isso!

Beijou sua testa, dizendo:

— Você não vai morrer, viverá comigo e nós dois teremos muitas coisas excitantes para fazer juntos.

— Tem… certeza de que me deseja? Não o incomodarei?

— Tenho certeza de que isso nunca acontecerá — disse o conde. — Peter vive me dizendo que você é muito inteligente, como se eu não tivesse percebido isso por mim mesmo!

— Desejo ser inteligente… por você — disse humildemente Sorilda. — E, talvez…

— O que vai fazer?

— Talvez… possa ajudá-lo em algumas coisas que tem para fazer. Fico fascinada quando você me fala delas!

— Quero que me ajude — disse o conde. — Na verdade, quero que futuramente façamos tudo juntos.

Ocorreu a Sorilda que, nesse caso, ele não teria tempo para nenhuma outra mulher.

Como se lesse os pensamentos dela, o conde disse:

— Tudo isso acabou; esqueça, esqueça tudo o que aconteceu até este momento mágico. Agora, há apenas uma mulher a preencher meu coração e minha vida!

— É tudo… muito maravilhoso!

O conde tirou seu lenço de dentro do bolso do casaco e enxugou-lhe o rosto.

— Adoro seus honestos olhos verdes, seus cabelos flamejantes e sua pele alva. Quero beijar todo o seu corpo, minha querida!

Suspirou e, como que fazendo um enorme esforço para se controlar, disse calmamente:

— Acho, minha querida, que agora deve dormir. Amanhã conversaremos e faremos nossos planos. Uma coisa que temos que decidir é onde passar a nossa lua-de-mel. Acho que, apesar de tudo, merecemos uma!

— Uma lua-de-mel com você… seria maravilhosa! — murmurou Sorilda.

Então, recostou seu rosto contra os ombros dele e disse muito baixinho:

— Apenas tenho medo que me ache muito… ignorante e sem jeito, depois de…

O conde segurou em seu queixo, virando-lhe o rosto em direção ao dele.

— Não diga isso — disse ele. — E nem pense nessas coisas!

Olhou para ela penetrantemente, e Sorilda percebeu que sua expressão era terna, muito diferente da de antes.

— Peter falou que você era a Bela Adormecida — disse o conde, com uma voz profunda. — Prometo-lhe, minha querida, que serei o homem que a despertará. Será a coisa mais fascinante e excitante que fiz em toda a minha vida!

Ao falar, seus lábios encontraram os dela, beijando-a de maneira diferente da que fizera anteriormente.

Agora, havia algo que suplicava por aquilo que Sorilda sabia ser a paixão, e ela sentiu como se todo o seu ser respondesse a esse apelo.

Uma pequena chama acendeu-se dentro dela, não maior que a luz de uma vela, mas queimava através de todo o seu corpo, subindo por seu peito até a garganta.

Era uma sensação que nunca experimentara, e, quando o conde levantou sua cabeça, ela murmurou:

— Ensine-me… ensine-me como amá-lo… para que não fique… desapontado!

— Eu lhe ensinarei tudo sobre o amor — disse o conde. — Eu despertarei a Bela Adormecida, assim como ela me acordará para um amor que é a emoção mais maravilhosa que jamais senti!

— É o que eu quero… fazer!

— E é o que fará, minha adorada — respondeu ele. — Mas agora você

precisa descansar e dormir, pois está muito cansada.

Sorilda escondeu novamente seu rosto, enquanto dizia baixinho:

— Não gostaria… que me deixasse!

Percebeu que ele ficou em silêncio. Então, o conde disse:

— O que quer dizer? O que quer dizer realmente, minha querida?

Sua voz era fracamente audível, quando sussurrou:

— Quando eu estava na cripta, imaginei que estava em seus braços, e senti-me… segura!

— É assim que se sentirá no futuro. Mas, o que mais sentiu?

— Era… muito excitante… mas não tão maravilhoso como realmente estar com você.

Os braços dele apertaram-na tão fortemente que Sorilda quase não conseguia respirar.

— Por favor… fique comigo!

As palavras quase que não passavam de um suspiro, mas o conde as ouviu e, então, acendeu-se um súbito fogo em seus olhos!

— Eu a desejo! Deus sabe o quanto a desejo! — disse ele. — Mas estou pensando em você!

Seus lábios abriram-se em um pequeno sorriso, quando disse:

— Isso é algo que nunca fiz antes!

— Quero ficar… próxima de você!

Ao falar, Sorilda deu-se conta de que não poderia deixá-lo sair, e assim perder a magia e a maravilha de sua proximidade e de seu amor.

Não se sentia cansada; ao contrário, sentia-se totalmente viva!

O conde despertara sensações estranhas dentro dela, e seus beijos fizeram-na sentir-se como se estivesse voando pelos céus, cheia de felicidade.

O conde apertou-a contra si. Seus lábios procuraram os dela.

— Eu a amo, minha adorada mulherzinha, e a desejo! — disse ele. — E nem hoje, nem em qualquer outra noite, escapará de mim!

Era como se ele estivesse fazendo um juramento, e, naquele momento, Sorilda soube que novamente estava em uma prisão; mas, desta vez, era a prisão dos braços do conde, de suas mãos, de seus lábios, dele inteiro: a prisão do amor!

FIM

QUEM É BARBARA CARTLAND?

A histórias de amor de Barbara Cartland já venderam mais de cem milhões de livros em todo o mundo. Numa época em que, segundo a própria Barbara, a literatura dá muita importância aos aspectos mais superficiais do sexo, o público se deixou conquistar por suas heroínas puras e seus heróis cheios de nobres ideais. E ficou fascinado pela maneira como constrói suas tramas, em cenários que vão do esplendor do palácio da rainha Vitória às misteriosas vastidões das florestas tropicais ou das montanhas do Himalaia.

A precisão das reconstituições de época é outro dos atrativos dessa autora inglesa que, além de já ter escrito mais de trezentos livros, é também historiadora, teatróloga, conferencista e oradora política. Mas Barbara Cartland se interessa tanto pelos valores do passado quanto pelos problemas do seu tempo. Por isso, recebeu o título de Dama da Ordem de São João de Jerusalém, por sua luta em defesa de melhores condições de trabalho para as enfermeiras da Inglaterra, e é presidenta da Associação Nacional Britânica para a Saúde.



Nº 16
UM BEIJO AO AMANHECER

Uma aposta cruel,
insensata, foi o que
sir Ugo fez usando
corno chamariz a pureza
e bondade de sua sobrinha
Lorena. Educada num convento da
Itália, a moça voltou para Londres e
foi imediatamente levada para os salões do
mais conhecido conquistador da Europa, o jovem e
rico duque Alstone. *Sir* Hugo apostou que Lorena,
em uma semana, poderia conquistar todos os
homens que conhecesse! Mas Lorena não queria
todos os homens do mundo… Seu cotarão
ansiava apenas pelo amor de Alstone,
justamente o homem que achava que
as mulheres eram só fonte de
prazer, nunca de amor
verdadeiro!